

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

GRAZIELE CAMPOS DA SILVA

**DO AMOR ROMÂNTICO AO POLIAMOR: UMA ANÁLISE CRÍTICA A PARTIR
DA TEORIA FEMINISTA**

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

SÃO PAULO

2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

GRAZIELE CAMPOS DA SILVA

DO AMOR ROMÂNTICO AO POLIAMOR: UMA ANÁLISE CRÍTICA A PARTIR DA
TEORIA FEMINISTA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, financiado através de bolsa CAPES, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Social, sob a orientação da Prof^a Dr^a Carla Cristina Garcia.

São Paulo

2017

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª Carla Cristina Garcia

Prof^ª Dr^ª Maria do Carmo Guedes

Prof^ª Dr^ª Mariana Serafim Xavier Antunes

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao grupo de discussão de poliamor, que intensificou minhas inquietações acerca das relações afetivas. Às mulheres entrevistadas para esta pesquisa, por compartilharem suas memórias afetivas.

Nesta pesquisa me acompanharam grandes teóricas, sobretudo minha orientadora Carla Cristina Garcia, que demarcou aspectos muito importantes para que eu não perdesse de vista meu objeto de estudo e a levasse as questões de foro íntimo para uma discussão política. Através de sua orientação, me inseri nos estudos feministas, dos quais não me vejo mais distante.

O amor é uma dentre tantas relações contraditórias que nós, mulheres, vivemos. Buscar compreender esse problema através do olhar feminista, além de permitir que eu conhecesse um pouco sobre a teoria, me proporcionou um exame de consciência. O processo de escrita e de posicionamento acerca do tema foi árduo. Só me senti em condições de enfrentá-lo acompanhada das gigantes teóricas presentes neste estudo. Agradeço a todas essas intelectuais pelo legado de suas produções, por se dedicarem a estudar a ética do amor e sua relação com a base social, nos inspirando para a construção de um projeto de vida mais autêntico.

Agradeço a Mariana Serafim e à professora Maria do Carmo por fazerem parte da banca e apontarem aspectos que demandavam maior clareza. Agradeço a todas e todos do Núcleo Inanna de Pesquisa e Investigação de Teorias de Gênero, Sexualidades e Diferenças (NIP-PUC/SP) por tecerem contribuições para esta pesquisa.

Agradeço à vida e aos bons encontros que me apresentaram os amigos e amigas Margarida Curti, Tiago Liberatori, Lilian Thufs, Laura Moreira, Regina Magalhães, Juliana Soares, Gabriela Santos, Mariana Parra e Maira. Não foram poucas as vezes em que me peguei desconcertada quando me perguntavam o que eu estudava. Poder contar com o apoio dessas pessoas me fortaleceu nesta empreitada. Esses amigos e amigas são daqueles raros, pelos quais sinto profunda admiração. Sua escuta e interesse ajudaram esta pesquisa a fazer sentido.

Agradeço a José Roberto, Luah e a Jonathan Busato pela contribuição técnica. À companhia de Jeff Vasques na edição, revisão e discussão do texto. Seu apoio sem dúvida contribuiu para os caminhos deste estudo.

Agradeço a CAPES pela bolsa de estudos concedida.

À Lúcia Campos e Gabriella Campos

“A transformação e a mudança do amor está relacionada inevitavelmente com a base econômica e social da humanidade”.

(Alexandra Kollontai)

RESUMO

A proposta poliamorista defende “novas” formas de se relacionar, visando interações não hierárquicas e de cooperação mútua, buscando garantir à mulher sua liberdade sexual-afetiva, pressupondo que a monogamia é uma prisão e que o amor romântico deve ser combatido. Para se distinguir das outras modalidades de relacionamento aberto ao longo da história e das relações abertas da contemporaneidade, o poliamor põe ênfase no amor. Outros elementos destacados são: liberdade, igualdade, negociação e comunicação. O objetivo deste trabalho é localizar o discurso do amor romântico dentro da narrativa poliamorista, tendo como base de análise a teoria feminista, partindo da premissa de que a prática do poliamor não desconstrói o amor romântico. Dois eixos nos levam a essas considerações: o amor permanece no centro do projeto de vida e não há igualdade nas relações. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada a partir do acompanhamento dos grupos virtuais de discussão do *Facebook*, da observação participante no grupo “Poliafetividade” e da análise de quatro entrevistas em profundidade com mulheres poliamoristas.

Palavras-chave: poliamor; feminismo; amor romântico; psicologia social

ABSTRACT

The polyamorist proposal defends "new" ways to establish relationships, aiming non-hierarchical interactions and mutual cooperation, seeking to guarantee women sexual-affective freedom, assuming that monogamy is a prison and that romantic love must be fought. To distinguish itself from the other modalities of open relationship throughout history and the open relations of contemporaneity, the polyamory puts emphasis on love. Other highlights include freedom, equality, negotiation and communication. The aim of this work is to locate the discourse of romantic love within the polyamorist narrative, based on the analysis of feminist theory, starting from the questioning: Does polyamor practice disrupt romantic love? There are two axes that lead us to consider that it doesn't: love remains at the center of the project of women's life and there is no equality in relationships. This is a qualitative research, based on the follow-up of the virtual groups of discussion of Facebook, participant observation in group "Poliafetividade" and the analysis of four in-depth interviews of polyamorist women.

Keywords: polyamory; feminism; romantic love; social psychology

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Figura 1: Representações simbólicas do poliamor.	38
Figura 2: Bandeiras do poliamor	38
Tabela 1: Marcadores dos estereótipos de gênero	30
Tabela 2: Modalidades de relacionamentos não monogâmicos.....	41
Tabela 3: Perfil das mulheres entrevistadas para a pesquisa.....	63

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1. AMOR ROMÂNTICO E POLIAMOR.....	18
1.1 Ela para ele: ele para o Estado.....	18
1.1.1 A mulher para Rousseau.....	23
1.2 O poliamor.....	32
1.2.1 Origem do termo.....	32
1.2.2 Visibilidade.....	34
1.2.3 Ética do poliamor	36
1.2.4 Poliamor e outras modalidades de relacionamento aberto	40
CAPÍTULO 2. AMOR ROMÂNTICO E IGUALDADE, DESENCONTRO MARCADO ...	44
2.1 Crítica feminista ao amor romântico	44
2.2 Comunistas, anarquistas, radicais e o amor livre.....	49
2.3 Sociedade formalmente igualitária e estruturalmente desigual	55
CAPÍTULO 3. A VIVÊNCIA POLIAMOROSA PELO OLHAR DAS MULHERES	60
3.1 Aspectos metodológicos.....	60
3.2 Narrativas de vida.....	63
3.2.1 Fernanda e o grupo “Poliafetividade”	64
3.2.2 Madalena	71
3.2.3 Laura.....	75
3.2.4 Sônia.....	79
3.3 Histórias narradas: o pessoal é político	81
3.3.1 O que as mulheres buscam no poliamor?	81
3.3.2 A tensão entre flexibilidade e abuso.....	84
3.3.3 Exaustão de trabalhar na relação	87
3.3.4 Poliamor e a centralidade do amor	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	98
ANEXO: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	107

INTRODUÇÃO

De acordo com a plataforma Polyamory¹, atualmente mais de vinte países de diferentes continentes, incluindo o Brasil, trocam experiências sobre as relações poliamoristas. A internet tem sido o principal veículo de interação entre os adeptos, o que favorece a expansão e a interiorização de suas propostas (PILÃO, 2012).

Na pesquisa realizada por Antônio Pilão (2012), foram localizadas 26 comunidades de Poliamor na antiga rede social, *Orkut*, sendo a primeira criada em maio de 2004 com 1791 membros. No caso do *Facebook*, esta pesquisa localizou 13 grupos: 1) Poliamor e mentes livres; 2) Poliamor; 3) Poliamor fluminense RJ (Rede Pratique Poliamor); 4) Trisal poliamor; 5) Ciúmes e não monogamia; 6) Amor livre para as mulheres, trocas e debate; 7) Mulher não mono; 8) Não monogamia; 9) Desconstruindo a monogamia; 10) Poliamor São Paulo; 11) Poliamor Brasil oficial; 12) Amor em Rede – aprendendo com as conexões; 13) PSF – Poliamor sem feminismo. Dentre estes, o grupo que recebe o nome de Poliamor se destaca pelo grande número de membros participantes, 16.382². A diversidade de nomes sinaliza as regiões onde os idealizadores dos grupos estão localizados, temas que desejam ressaltar, e até mesmo discussões que queiram evitar, como é o caso do grupo citado, “Poliamor sem feminismo”.

Os grupos nas redes sociais que discutem o poliamor têm crescido. Dos 13 grupos que esta pesquisa localizou, dois, em seus títulos, fazem menção às mulheres: *Amor livre para as mulheres, trocas e debate* e *Mulher não mono*. Não sabemos se a questão de gênero é uma pauta de discussão desses grupos mencionados, mas é importante notar que, no caso do grupo “Poliafetividade”³, esta foi uma demanda levantada, e surge como uma problemática específica da práxis poliamorista observada por esta pesquisa.

Esse grupo se formou em 2013 e minha inserção aconteceu em 2015. Atualmente, apresenta aproximadamente 5 mil inscritos⁴. Para participar do grupo era necessário ser convidado ou ser aceito pelas moderadoras. Por um ano e meio acompanhei as discussões tanto na esfera virtual quanto presencialmente em três encontros.

O impulso para esta pesquisa se deu pelo fato de as próprias adeptas das relações poliamoristas, especialmente as que moderam o grupo, queixarem-se do comportamento machista reproduzido nessas relações. Como havia uma diversidade de formações afetivas

¹ <<http://www.polyamory.org/SF/groups.html>>, acesso em maio de 2017.

² Última consulta em 8 dezembro de 2016.

³ Substituímos o nome pelo acordo de confidencialidade com a moderação.

⁴ Última consulta em 10 de abril de 2017.

entre os membros do grupo, as próprias participantes lésbicas se queixavam das dissimetrias, mesmo em relações exclusivas de mulheres.

Grupos como esse, em que mulheres se unem para melhorar suas condições de vida e afetivas, não são incomuns. Segundo a antropóloga mexicana Marcela Lagarde (2001), as mulheres têm participado dos mais diversos movimentos sociais para debaterem as justiça amorosas. Além da equidade de direitos, saúde, educação, água potável ou alimento, as mulheres sentem o amor como uma necessidade básica não atendida (LAGARDE, 2001).

Os grupos de autoconsciência que emergiram nos Estados Unidos na efervescência da contracultura provocaram uma revolução na teoria política ao analisarem as relações de poder que estruturam a família e a sexualidade. A ideia contida no slogan “o pessoal é político” vem daí (GARCIA, 2015; MIGUEL, 2015).

Nesse sentido, visando contribuir com o debate demandado pelas mulheres acerca da construção de relacionamentos poliafetivos mais éticos, esta pesquisa tem como objetivo geral localizar o discurso do amor romântico dentro da narrativa poliamorista – que pode, do ponto de vista feminista, corroborar uma ética patriarcalista.

Na última década, a universidade também tem demonstrado interesse crescente pelos estudos das relações não exclusivas, ou abertas. Sandra Freire (2013) resgata os estudos acerca do tema no mundo e identifica a primeira conferência internacional acadêmica para debater temas relacionados ao poliamor em 2005, na Universidade de Hamburgo, na Alemanha (FREIRE, 2013). Segundo a análise da pesquisadora, esses estudos abordam a ideologia, a complexidade e a visibilidade das relações poliamoristas.

O Institute Kinsey reúne uma coleção com mais de duzentas teses, livros, artigos, além de materiais de conferências, cobertura de mídia e troca de correspondências relativas a relacionamentos não monogâmicos (KLESSE, 2011). Segundo Klesse (2011), a maior parte das produções parte dos próprios adeptos do poliamor, ou de autores que são muito próximos dos membros de comunidades poliamorosas.

Nos estudos acadêmicos brasileiros, esta pesquisa identificou a dissertação de Antônio Pilão (2012) como a primeira no campo das ciências sociais. A área com maior concentração de artigos é a do direito, talvez até pela demanda de decisões envolvendo as uniões polis. Nas ciências sociais e na psicologia, tal debate ainda é tímido. No Brasil, entre teses, dissertações e livros considerando todas as áreas do conhecimento, até janeiro de 2017, esta pesquisa localizou cinco referências.

Dentre as pesquisas que se tornaram livros e estão fora das ciências sociais identificamos o estudo de Monica Barbosa (2015), realizada na área da administração e publicada em 2015. Esta pesquisadora investigou os membros da Rede de Relações Livres – RLI de Porto Alegre (RS). Nessa pesquisa, a autora destaca e indaga os entraves na articulação política entre os membros da RLI e os movimentos feministas e LGBTTI. No campo do direito, localizamos o trabalho de Rafael da Silva Santiago, publicado em 2015. Esta pesquisa aborda o tema dentro uma linha constitucional, colocando-se em defesa do reconhecimento e da inclusão de outras maneiras de expressar a pluralidade dos núcleos familiares.

Nas ciências sociais, Antônio Pilão (2012) e Mateus França (2017) desenvolveram suas pesquisas de mestrado no campo da Antropologia. Antônio Pilão (2012) identifica no discurso do grupo de poliamoristas do Rio de Janeiro a contradição acerca dos valores defendidos, evidenciando o conflito que os próprios poliamoristas vivenciam entre liberdade e igualdade. Mateus França (2017), em seu estudo etnográfico com os membros do grupo poliamor de Brasília, conclui que, embora o poliamor questione a monogamia, ainda reproduz características da monogamia, como por exemplo, o estabelecimento de regras e limites.

Sandra Freire é a primeira pesquisadora brasileira a debater o poliamor na psicologia social. Sua pesquisa está vinculada ao Núcleo de Pesquisa Bases Normativas do Comportamento Social (BNCS) da Universidade Federal da Paraíba. Assim como Antônio Pilão, Freire chama atenção para a contradição dos ideais, confrontando liberdade e os compromissos assumidos: “ao mesmo tempo em que a pessoa é livre para amar a quem quiser, ela esbarra nos acordos feitos nos relacionamentos que acabam por restringir de certa forma essa liberdade” (FREIRE, 2013, p. 93).

Sandra Freire elegeu o ciúme e o amor para explicar a atitude das pessoas frente ao poliamor. Como resultado, sua pesquisa apontou que, para os estudantes, a monogamia e o poliamor não se apresentam em lados opostos. Desse modo, a pesquisadora sugere que as pessoas favoráveis à monogamia não se mostraram, necessariamente, contrárias ao poliamor (FREIRE, 2013).

Realizamos esta investigação no campo da psicologia social, dentro do Núcleo Inanna de Pesquisa e Investigação de Teorias de Gênero, Sexualidades e Diferenças (NIP- PUC/SP). Esta pesquisa se utiliza da categoria “gênero” para a análise. É importante destacar que, hoje, os estudos de gênero estão presentes na psicologia e em outras áreas do conhecimento. Entretanto, nem sempre foi assim. A inserção de novas categorias de análise que considere raça, gênero, classe social é impulsionada pela reivindicação do movimento americano de

mulheres negras dos anos 1990, que marcaram a terceira onda feminista (SANTOS *et al.*, 2016).

A forte demanda por uma psicologia social crítica no Brasil, no período dos anos 1970 e 1980, e a pressão dos movimentos feministas pela inclusão de novas categorias de análise contribuíram para o encontro fértil entre a psicologia social crítica e os estudos de gênero. Segundo a psicóloga social Marlene Neves Strey (2013), dentro da psicologia brasileira, é a psicologia social que melhor acolhe as perspectivas de gênero e feministas. A partir daí, a psicologia de cunho histórico-crítico passa a levar em conta essas categorias de análise para localizar e contribuir com a erradicação de situações geradoras de desigualdade (STREY, 2013).

Joan Scott (1990) argumenta que a análise das relações de gênero também implica a análise das relações de poder. Dentro desta perspectiva compreende-se que papéis de gênero são frutos de uma construção social e não do determinismo biológico. Assim, há necessidade de inclusão da categoria de gênero nas análises para se compreender e apontar os mecanismos de resistência e opressão que se manifestam.

O feminismo, assim como a psicologia social, são teorias para analisar as estruturas de poder e não preferências individuais. O feminismo nasceu no século XVIII. Enquanto muitas mulheres lutavam por terem seus direitos de cidadãs reconhecidos, outras tantas mulheres não apoiavam essa reivindicação, por “consentirem” que seus maridos levariam em conta seus interesses e as representariam. Mesmo com a desaprovação da maioria das mulheres, feministas avançaram com as lutas pelos direitos humanos e de cidadania. Para as feministas os direitos iguais estiveram acima das preferências individuais.

Podemos tratar o tema do poliamor de várias formas, até do modo neoliberal, em que cada um decide suas escolhas, mas estaríamos partindo de um ponto que mascara a realidade, ou seja, de nossas “livres escolhas”, que não são tão livres, pois ainda não estamos em condição de igualdade.

Segundo Ana de Miguel (2015), o pensamento neoliberal vem desestruturando as ideias básicas que articulam os socialismos e os feminismos (MIGUEL, 2015). O neoliberalismo se resume em duas teses: a primeira, de que tudo pode ir a mercado – comprar e vender – não há limites. Segunda: o único limite é o consentimento individual das pessoas, pois vivemos em sociedades democráticas. Nessa linha, o ser humano tem se convertido em mercadoria, analisa Ana de Miguel:

O que está em jogo é o enfrentamento entre uma questão neoliberal da sexualidade, em que tudo vale, se há dinheiro e “consentimento” por meio de uma concepção radical e estrutural da sexualidade. A primeira concepção: em que as pessoas são “livres” e “iguais” pactuam e escolhem frente à outra que se considera que as estruturas normativas e coercivas determinam em favor de um sistema e dos privilegiados das “escolhas” e do “consentimento” dos indivíduos (MIGUEL, 2015, p. 147).

Dito isto, esse estudo se propõe a analisar de que modo estão implicadas as partes no “acordo” poliamorista e questionar se o poliamor rompe com o amor romântico, a partir de um olhar feminista. Partindo das queixas dessas mulheres do grupo “Poliafetividade”, esta pesquisa buscou conhecer com maior profundidade suas experiências, para isso, realizamos quatro entrevistas semiestruturadas.

Desse modo, buscamos articular a longa tradição de estudos das teóricas feministas em suas diferentes áreas do saber, psicologia, antropologia e filosofia (KOLONTAI, 1921; BEAUVOIR, 1949; MILET, 1969; FIRESTONE, 1970; JÓNASDÓTTIR, 1993; COBO, 1995; AMORÓS, 2005; LAGARDE, 2001; CORIA, 2011; De MIGUEL, 2015; ESTEBAN, 2011; HERRERA, 2011) para refletirmos sobre as influências históricas discursivas entre o amor e o poder interseccionadas com a experiência concreta das informantes desta pesquisa e, assim, analisá-lo o mais próximo da realidade das mulheres brasileiras.

Graças à produção das teóricas e militantes feministas em suas diferentes áreas do saber, temas tidos como “menores” de fórum “privado”, vem sendo reconhecidos. Os instrumentos utilizados por feministas para identificar as realidades que sujeitam as mulheres podem ser sintetizados: “em quatro conceitos-chave: androcentrismo, patriarcado, sexismo e gênero” (GARCIA, 2015, p. 15), que serão aplicados neste estudo.

Partindo do pressuposto que o amor é uma forma de reprodução do poder que atua em complementariedade com as estruturas sociais, este é visto como uma experiência política. O interesse das teorias feministas por uma nova ética amorosa tem uma forte relação com a construção de uma nova política social (LAGARDE, 2001).

Logo, ao estudar o poliamor, também buscamos instigar o debate acerca da ética do amor. Esta pesquisa se ancora nas teorias feministas que possuem uma longa tradição no debate acerca do amor, inclusive do amor livre. Nesse sentido, essa pesquisa além de se apoiar nas feministas clássicas que analisaram o amor, conta também com as teóricas feministas contemporâneas, citadas acima.

Dentro do debate mais recente sobre relações abertas e o poliamor, as posições e os problemas do amor no século XXI, as feministas espanholas, Mari Luz Esteban e Coral Herrera, têm apontado o poliamor como alternativa aos problemas do amor monogâmico.

Esteban (2011) defende que as relações sejam constituídas em três dimensões básicas, reconhecimento, reciprocidade e redistribuição e aponta as relações poliafetivas como uma alternativa que deve se inspirar nas relações de amizade.

Apoiada nos estudos *queer*, Herrera defende que mesmo com as forças do patriarcado inscritas em nossos corpos, devemos ultrapassar os limites impostos. Devemos nos permitir provar novas formas de querer, de se ser e de estar em ação. Deixar-se levar pelos impulsos das aventuras e pela alegria de viver (HERRERA, 2011). Herrera sugere as relações poliafetivas como uma maneira de resistência ao machismo e a cultura patriarcal.

A filósofa marxista feminista Ana de Miguel (2015) e a antropóloga feminista Marcela Lagarde (2001) partem da compreensão de que não há igualdade, sobretudo no amor, e que as relações abertas não põe fim às injustiças no amor. Para essas teóricas, vivemos sob uma ideologia amorosa patriarcal. Assim, a revolução não está no formato da relação e sim em rever a ética e os pactos das relações, não somente as íntimas, mas o modo como a sociedade está estruturada.

Guiam-nos algumas questões: como reconhecer as marcas do patriarcado dentro da confusão e profusão de conceitos das novas relações afetivas no contexto neoliberal que estamos inseridos? A prática poliamorista rompe com o amor romântico? Como saber se o exercício da liberdade sexual é autêntico ou se a ampliação do leque de experiências vem das mensagens que nos sexualizam e nos objetificam relacionando sexo com transgressão?

Para a filósofa Célia Amorós (2005), “conceituar é politizar”. Assim, uma análise aprofundada das relações de poder em que estamos inseridas é o que nos permite compreender a estrutura do sistema que nos limita. Quando, então, se desnaturaliza as estruturas e conceitos dados é que se pode politizá-los, saindo do estado de “heterodesignação” para “autodesignação”, abandonando essa posição de “belo sexo” e politizando a sua situação. Do contrário, ao conceituar mal, se trivializa e se despolitiza (AMORÓS, 2005).

É disso que se trata a crítica ao amor, conhecer as forças que escravizam a nós mulheres e analisar as introjeções que temos concebido como naturais. Quando dizemos "nós" estamos expressando uma categoria fundamental de análise de gênero:

[...] nós, por sermos contemporâneas, compartilhamos um conjunto de semelhanças. Em todo o mundo, todas as mulheres contemporâneas nos parecemos muito porque todas somos o produto de uma construção de gênero muito tradicional e ao mesmo tempo o produto de uma nova construção de gênero que é moderna. Esta dupla construção de gênero nos define. (LAGARDE, 2001, p. 16).

Para o desenvolvimento deste estudo, esta pesquisa está dividida em três etapas. No primeiro capítulo, apresentamos em que momento da história o amor passa a ser o centro da vida, em especial das mulheres. Em uma segunda parte deste capítulo, apresentaremos o marco teórico do poliamor, suas origens, influências, sua ética.

No segundo capítulo, a partir das análises teóricas das feministas faremos a crítica ao amor romântico e apresentaremos algumas experiências acerca do “amor livre” ao longo dos tempos e a persistência do sexismo nas relações, dado que vivemos em uma *sociedade formalmente igualitária* (DE MIGUEL, 2015), contudo estruturalmente desigual.

No terceiro capítulo, analisaremos a relação entre os ideais defendidos e a prática do poliamor, utilizaremos a experiência de quatro mulheres poliamoristas. A proposta aqui será o de apontar se o discurso poliamorista centrado no amor enfraquece ou reforça o amor romântico. Avaliamos ainda se o poliamor supera ou reitera as desigualdades psicossociais presentes em suas relações.

CAPÍTULO 1. AMOR ROMÂNTICO E POLIAMOR

Os revolucionários do século XVIII colocaram em curso um novo projeto de sociedade sob a bandeira de liberdade, igualdade e fraternidade, entretanto não reconheceram os direitos das mulheres como cidadãs. Pelo matrimônio, as mulheres se tornam submissas aos homens. A partir da categoria de análise “contrato sexual” de Carol Pateman (1993) e de outras teóricas feministas, apresentamos os ideais de amor romântico defendidos no século XVIII, moldes que herdamos até nossa contemporaneidade. Buscamos apontar, aqui, de que forma o discurso amoroso captura mulheres e nos coloca *voluntariamente em condição de servidão* (PATEMAN, 1993)

Por sua vez, o poliamor questiona a monogamia e se coloca como alternativa aos problemas do amor do século XXI, sobretudo ao se propor a romper com o amor romântico. Apresentamos, além do ideal de amor defendido no poliamor, os aspectos do amor romântico que o poliamor tem questionado.

1.1 Ela para ele: ele para o Estado⁵

Os cristãos proclamaram a dignidade e a igualdade de todos perante Deus, entretanto, não faltaram páginas na literatura cristã em que a mulher estivesse inferiorizada. No primórdio dos séculos, valores ligados à virgindade eram cultivados. A castidade era equivalente à liberdade. O casamento era sinônimo de escravidão, encarado com desprezo. Entretanto, era melhor casar do que desenvolver relações sexuais imorais. Ainda que visto como um mal (talvez, o menor deles), o casamento era um bem. Casamento, sexo, amor no casamento e casar por amor foram discutidos obsessivamente (PRIORE, 2011).

Com grande dificuldade, o casamento triunfou. Após intensos debates, além de este ser sacramentado, passa a ser uma forma de controle social, dando poderes à igreja. O casamento se tornou um instrumento para garantir a igualdade das riquezas, impedindo a dispersão de fortunas acumuladas. O casamento monogâmico indissolúvel foi imposto.

Para que os negócios do matrimônio não fossem prejudicados, o prazer e o amor foram perseguidos (VAINFAS, 1986; LESSA, 2012). Os padres ensinavam que o sexo era para procriação, assim deveriam ser rápidos e “cirúrgicos” (PRIORE, 2011). Desse modo, a igreja vai despindo a mulher de erotismo. Qualquer outro tipo de erotismo desejado pelos

⁵ Esse título foi extraído do livro de Anna Jónasdóttir, 1993.

homens deveria ser realizado no bordel. Surge então a dupla moral masculina: em casa é possível um comportamento, na rua, outro. A infidelidade masculina é permitida. A infidelidade feminina, não. O adultério feminino era passível de duras punições, inclusive a morte (VAINFAS, 1986; PRIORE, 2011).

O contrato civil possibilitou a transmissão do patrimônio. A lógica estava na ampliação das posses. A maternidade se torna parte desse sistema. Não é aceitável a ambição feminina, apenas a maternidade. Para garantir a legitimidade do herdeiro, as mulheres utilizaram o cinto de castidade. Fruto de acordos familiares e não da escolha pessoal do cônjuge, a decisão da escolha do marido era atribuída ao pai. Entre os pobres, o casamento era um meio de organizar o trabalho agrário, assim a decisão do casamento entre os servos era de incumbência de seus senhores (LESSA, 2012).

O século XVIII inaugura uma nova forma de relacionamento amoroso. A passagem da idade moderna para a idade contemporânea é marcada por profunda mudança econômica, política, filosófica. Sob o lema “liberdade, igualdade e fraternidade” derruba-se o absolutismo. A ciência, a partir da teoria da evolução de Darwin, presta especial atenção aos fenômenos do organismo. Proliferam teorias médicas que estudam a fisiologia, em especial, a diferença sexual apoiada na seleção natural.

Na França, o clero e a nobreza possuíam enormes privilégios e o rei impunha a sua vontade. Nessa época a sociedade francesa estava dividida em três estamentos: primeiro, o clero; segundo, a corte que girava em torno do rei; terceiro, a maioria da população formado por burgueses, trabalhadores, desempregados, camponeses e os marginalizados. No regime monárquico, defendia-se a autoridade absoluta do rei. Segundo Jacques Bousset (1627-1704) “o rei é a imagem de Deus sobre a terra, o pai de seus súditos. O simples pai de família é, portanto o sucedâneo da imagem divina e real junto aos seus filhos” (BROUSSET, 1709 *apud* BANDINTER, 1986, p. 169). Nesse sentido para os revolucionários franceses, ao condenar o rei à morte, derruba-se o poder de Deus e do pai.

Para se chegar a isso, foi preciso guilhotinar o soberano em praça pública, para que cada um tomasse realmente consciência da mudança de Estado. Realizando o ato, a derrubada dos valores tornava-se efetiva. O tríptico, liberdade, igualdade, fraternidade substituiu o antigo: Submissão, Hierarquia e Paternidade. Na república, amizade fraternal entre cidadãos substitui o sentimento de respeito que une os filhos ao pai. Os laços verticais cedem lugar a laços horizontais, únicos compatíveis com o ideal igualitário (BANDINTER, 1986, p. 170).

Inicia-se a construção de um Estado laico que se espalha por todo o Ocidente, rompendo uma tradição de mais de dez séculos. A partir daí, os homens criam leis e

governam (BANDINTER, 1986). Quando os indivíduos resolvem criar a instituição “Estado”, dá-se o momento do contrato, ou do pacto social, no qual os indivíduos transferem ou atribuem ao Estado o poder de solucionar os conflitos e prover segurança (PATEMAN, 1993).

A premissa do pensamento contratualista considera que o indivíduo passa por dois momentos, o estado de natureza e o contrato social. No estado de natureza, ou original, é o momento da humanidade no qual não havia instituições para mediar os conflitos entre os indivíduos, assim, cada um realizava a justiça com as próprias mãos. Quando os indivíduos resolvem criar a instituição Estado, se dá o momento do contrato, ou pacto social, no qual se transfere ou se atribui ao Estado o poder de solucionar os conflitos e prover segurança.

Atendendo à necessidade de criação de acordos para estabelecimento de um novo Estado, Thomas Jefferson (1743-1826), por exemplo, redige dois documentos: a *Declaração de Independência dos Estados Unidos* em 1776; e a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, na França, em 1789 (GARCIA, 2015). Porém, as mulheres seriam “Homens”? Assim como eles, as mulheres se beneficiam dos direitos publicados? Este foi o problema levantado pelas feministas (BANDINTER, 1986).

Sim, as mulheres se beneficiaram. Foram concedidos os direitos ao divórcio e à herança, porém esses direitos não sobreviveram ao contexto político (GARCIA, 2015). No final do século XVIII, o imperador interveio para que se devolvesse a plenitude dos poderes ao marido. O Código Civil Napoleônico restabeleceu a “ordem” ligeiramente abalada, dando aos homens os direitos e, às mulheres, os deveres (BANDINTER, 1986).

Ao defender-se a liberdade, estabeleceu-se um contrato onde as partes aderiam a um livre acordo de subordinação e dominação. Nesse sentido, os revolucionários do contrato criticaram a legitimação do poder divino e dos reis, mas não fizeram a crítica ao patriarcado, pelo contrário, o endossaram.

A cientista política feminista, Carol Pateman, em denúncia à teoria clássica do contrato, cria o conceito “contrato sexual” para questionar o contrato social, dado que, nesta análise, o contrato social não avança sem o contrato sexual (AMORÓS, 2005). A autora, ao examinar a teoria contratualista, afirma que sua reivindicação se trata da ordem social patriarcal. O direito patriarcal dos homens se realiza e é reforçado tanto na esfera pública quanto na esfera privada, unindo as duas esferas em um todo universal.

O poder patriarcal foi universalizado, ou seja, distribuído para todos os homens, o direito político não está mais centrado num par de mãos e nem mesmo pode ser reconhecido pelo que é [...] Individualmente todo o homem recebe uma parte importante de sua herança patriarcal por intermédio do casamento. Há ecos da história da cena primária e do contrato de escravidão rodeando o contrato de casamento (PATEMAN, 1993, p. 170).

Antes do contrato, na idade média, a cabeça da família fora o homem e as mulheres de todas as classes se subordinavam formalmente, entretanto, na prática, havia um considerável grau de independência das mulheres, como afirma Anna Jónasdóttir (1993):

O primeiro e mais importante era que tinha sua posição visível - como mulheres - na hierarquia social e respeito a distribuição do trabalho, e na tomada de decisões predominantemente locais. As mulheres casadas eram as ajudantes dos maridos e legalmente competentes para substituí-los, eram herdeiras legais dos campos e propriedades [...]. Especialmente durante a última parte do século XVII, começaram a estender-se uma variedade de assuntos que colocaram as mulheres, dos extratos mais abastados da sociedade, na função de dar à luz a herdeiros e a serem símbolos da posição de seus maridos. Nas classes operárias, cada vez mais, as esposas se converteram em amas de casa e padeceram na necessidade muito maior do que os homens (JÓNASDÓTTIR, 1993, p. 172).

As feministas passam a criticar o casamento por volta de 1825, quando William Thompson publicou sua crítica ao “código de escravidão branca”. Thompson alega que o casamento é um contrato inadequado e recomenda que se faça sua análise, pois se trata de uma “mentira descarada” referir-se ao casamento como um contrato (PATEMAN, 1993, p. 236). Adverte o filósofo:

Um contrato! Onde estão as características dos contratos imparciais e justos nessa transação? Um contrato implica a concordância voluntária de ambas as partes, o homem e a mulher alterarem os termos por meio de um acordo, no que se refere a indissolubilidade e à desigualdade do suposto contrato? Não. Pode um homem individualmente despojar se, se ele estivesse inclinado a fazê-lo, de seu poder de domínio despótico? Ele não pode. As mulheres foram consultadas acerca dos termos desse suposto contrato? (THOMPSON, 1970, pp. 55-56, *apud* PATEMAN, 1993, p. 236)

As mulheres não participaram da construção do contrato no qual são a outra parte. O marido tem o poder da relação em suas mãos, como o desfrute do sexo, a exigência do trabalho doméstico, a privação da mulher da convivência com outras pessoas, tem o poder de confiná-la apenas aos cuidados do lar e das crianças. O marido pode tornar a vida de sua esposa pior que a de escravos, já que ele tem maior autoridade que os senhores de escravos. No entanto, a dominação dos homens é ocultada pelo argumento de que o casamento permite a experiência sexual igualitária e consensual (PATEMAN, 1993).

Pateman parte da análise da obra dos contratualistas como Hobbes, Pufendorf, Rousseau, Locke, James Buchanan e John Rawls, entre outros autores, com outras perspectivas que também explicaram a criação da ordem social e política, como Freud e Lévi-

Strauss. Esses contratualistas operaram com os mesmos pressupostos, justificaram o contrato alegando a natureza da mulher e do homem, entretanto, Rousseau, é enfático sobre a natureza e a sujeição das mulheres (PATEMAN, 1993).

O objetivo da teoria contratualista foi o de substituir os antigos fundamentos que justificavam a dominação social e política pelo paradigma do livre acordo. O matrimônio e o amor foram a extensão desse livre acordo. Para desmascarar o contrato de casamento, Thompson sugere que, além de mudanças econômicas e políticas, o contrato original deva ser nulo, ou seja, sem validade (PATEMAN, 1993).

Os contratualistas estabeleceram a organização social via a “desordem das mulheres”. Foram construindo justificativas biológicas para sua submissão e domesticação. As mulheres foram impedidas de participarem da construção do estado democrático. Foram colocadas como apêndice. De modo utilitarista, o estabelecimento do contrato coloca as mulheres a serviço do prazer dos homens. O contrato legitima o patriarcalismo endossando relações na qual os homens governam e as mulheres se submetem (AMORÓS, 2005).

O filósofo Poullain La Barre (1647-1723) afirmava que a condição de sujeição da mulher estava relacionada ao modo de educação e não a sua natureza. Em sua obra, *Sobre igualdade entre os sexos*, publicada em 1673, ele debate a demanda pela igualdade sexual. Ou seja, muito antes da Revolução Francesa, esse discípulo de Descartes defendia que não havia uma natureza específica para os homens e outra para as mulheres. A célebre frase “A mente não tem sexo”, que ganhou notoriedade na obra de Simone de Beauvoir, é de sua autoria (BANDINTER, 1986; GARCIA, 2015).

A queda do absolutismo em substituição a uma proposta de organização de Estado com relações mais horizontais, partindo dos conceitos de cidadania, não considerou a metade da população. Mulheres e homens feministas criticaram as contradições do contrato, afirmando que as mulheres eram consideradas o terceiro estado dentro do terceiro estado. As mulheres estavam sendo hierarquizadas e excluídas do direito de serem cidadãs (AMORÓS, 2005). Entretanto, as críticas ao sistema de exclusão tornaram-se possíveis devido à importância que a educação teve nesse período. Como afirma Carla Garcia:

Até o Renascimento a ideia que imperava era a de uma profunda desigualdade tanto das capacidades intelectuais e cognitivas entre homens e mulheres quanto da função dos dois sexos em relação aos papéis sociais. No entanto com a importância que é dada a educação nesse período possibilitou às mulheres a abrirem o debate sobre a natureza e os deveres do sexo (GARCIA, 2015, p. 26).

As mulheres da Revolução Francesa politizaram sua situação. Estiveram ativas na luta pelo seu direito de reconhecimento como cidadãs: marcharam, protestaram, formaram clubes de mulheres e se alistaram no exército (GOLDMAN, 2014). As Preciosas, por exemplo, foram as primeiras a questionar o papel do gênero na sociedade (BADINTER, 1993, *apud* GARCIA, 2015). Dois célebres momentos que marcam essa luta por direitos foram: a publicação da *Declaração dos Direitos das Mulheres e das cidadãs*, produzida por Olympe de Gouges (1748 -1793) e a produção de Mary Wollstonecraft (1759-1797), *Reivindicação dos Direitos das Mulheres*.

As reivindicações pelos direitos das mulheres foram feitas e incomodaram ao ponto de as levarem a morte. Olympe de Gouges foi guilhotinada publicamente no mesmo dia da rainha Maria Antonieta (1755-1793) (GARCIA, 2015). Esta feminista, no exercício da dramaturgia, escreveu peças abolicionistas e feministas que foram censuradas pelo regime. Para declarar sua autonomia, rompeu com papéis atribuídos às mulheres: abandonou o nome do pai e do marido e deixou a importante *Declaração dos Direitos das Mulheres e das cidadãs*, “foi uma pensadora da mesma ordem de Rousseau e Voltaire” (SCOTT, 2002, p. 13). Entretanto, seu nome não está nos livros didáticos.

As mulheres levaram a crítica das condições impostas ao seu sexo para o âmbito político. Ao se contraporem ao conceito revolucionário do contrato social apontando a reprodução do poder baseado na força física e na hierarquização, marcaram a primeira onda do feminismo (AMORÓS, 2005).

Nesse novo projeto de sociedade liberal e moderna, o amor passa a ser defendido no matrimônio. E é pelo matrimônio que as mulheres tornam-se prisioneiras. O ponto crucial desse “acordo” abusivo reside em sua capacidade de capturar e explorar a sexualidade e o amor como um recurso valioso das mulheres (JÓNASDÓTTIR, 1993).

1.1.1 A mulher para Rousseau

A passagem do período medieval para o período moderno é marcado pela “razão iluminista” que se dá via a “secularização”. Nesse processo, a religião perde a sua influência sobre as variadas esferas da vida social. Esta perda de influência repercute na desvalorização das crenças, perda de prestígio das igrejas e perda das riquezas. Passa a se falar de um amor que não mais absolutiza a Deus, mas absolutiza outra pessoa. Rousseau, filósofo iluminista e igualitarista, defensor das emoções e do respeito à natureza biológica humana em seu projeto

de educação, contribuiu para que a instituição casamento operasse simbolicamente na institucionalização do amor, no qual esse absoluto passa a ser a pessoa com a qual se casa.

Para Rousseau, o homem nasce bom e a sociedade o corrompe. O amor puro, que o homem é originalmente capaz de sentir, é a base da sustentação do projeto de uma sociedade livre e igualitária. Rousseau argumentava que o quadro social instaurado no século XVIII era a origem do mal, uma vez que o capitalismo promove a competitividade, dificultando uma comunicação sincera e amistosa.

Segundo a socióloga feminista Rosa Cobo (1995), Rousseau foi um iluminista que criticou o iluminismo. Suas produções acerca dos grandes temas do período, política, religião, pedagogia, apesar de controvertidos, serviram de base para construção da sociedade democrática. Rousseau propõe corrigir a desigualdade substituindo por igualdade e com isso começam seus infortúnios (COBO, 1995).

Para este iluminista, a razão não deve ser um meio para alcançar a virtude. Desse modo, Rousseau se converte em um dos grandes críticos do século das luzes ao questionar a ideia de progresso. Se o progresso não está a serviço de tornar as pessoas virtuosas, então de que vale? Para Rousseau a chave da relação entre a moral e a razão encontra-se no sentimento (COBO, 1995).

O casamento e a família serão, para Rousseau, o lugar do apogeu do amor. O psicanalista Jurandir Costa (1999) aponta cinco aspectos que Rousseau reúne para refletir sobre o sujeito amoroso:

[...] a) na exaltação do amor ao Supremo Bem, a Deus ou à Dama; b) na exaltação dos desejos e prazeres, até então considerados egoístas e antissociais; c) no controle da sexualidade, vista como algo vil ou como a marca da Queda ou do Pecado e, finalmente, d) na ideia de concórdia entre o sujeito e o social, presente no amor clássico, antes de sua emancipação individualista (COSTA, 1999, p. 69).

A inspiração de Rousseau para a construção desse projeto amoroso leva em conta manifestações de amor de outros séculos, como de Homero à Stendhal, Sófocles à Platão, passando por Ovídio e Goethe, George Brassens, até o amor cortês. No período clássico da Grécia antiga, por exemplo, houve a concepção platônica de amor. Platão escreveu o *Banquete* e uma das premissas de seu amor era de não se pautar pela busca do prazer. No seu pensamento, o amor era uma falta, um vazio que caracteriza todos os homens. Essa falta se manifesta por uma busca da beleza. Na visão platônica, o que é belo também é bom. Através da atração exercida pelos belos corpos, seria necessário dar um passo. O amor convoca para ir além. Transcender a estética para reconhecer a beleza do íntimo (FERNANDES, 1999).

Ao contrário de Platão, Ovídio entende o amor como o desejo de posse. Ele cantava para as mulheres casadas e se coloca na posição de ensinar sobre o assunto. Os conselhos que este poeta oferece não passam pelo enobrecimento que o amor pode gerar, trata-se apenas da fruição do prazer. Para conquistar a amada, todos os fins justificam os meios. Em suas poesias ele estimula que sejam feitas promessas, mesmo que falsas (CARVALHO, 2014; FERNANDES, 1999).

Tanto Platão, quanto Ovídio, influenciaram os escritores medievais. O que conhecemos hoje por “amor cortês” é uma síntese do pensamento de Platão e Ovídio (FERNANDES, 1999). O amor cortês marca os séculos XII e XIII por duas fortes correntes literárias: a literatura cavaleiresca e a poesia trovadoresca (VAINFAS, 1986; ROUGEMOND, 1988), que Ronaldo Vainfas (1986) distingue como:

O amor cavaleiresco e o amor cortês eram diferentes. Se o primeiro era quase sempre ligado a um adultério carnal ou a uma proeza que resultava no casamento, o amor dos trovadores por sua vez, era um adultério espiritual, que nunca implicava o casamento dos amantes. Se o amor cavaleiresco colocava a mulher numa atitude passiva, inferior ao homem e dependente de sua iniciativa, o amor cortês exaltava o gesto feminino, dava voz à mulher e sempre a colocava num plano superior ao homem. Paradoxalmente numa sociedade misógina como a ocidental, o único modo de equalizar os parceiros do amor era alcançando a mulher a uma posição mais elevada - posição de poder, posição masculina. O amante cortês tratava, pois, a sua dama com a humildade dos vassallos: “Meu senhor, minha amada” (VAINFAS, 1986, p. 56).

Na literatura cavaleiresca, havia a contação de histórias cuja intenção era entreter a corte e a nobreza. Nessas histórias, os personagens eram reis, rainhas e a cavalaria. Esses personagens eram muito idealizados e fantasiosos, por exemplo, a rainha era a mais bela dentre todas as mulheres do reinado, e o príncipe era o que melhor enfrentava os dragões e eram dotados de poderes. Esses mitos, que funcionam com referências identitárias, apontam as raízes da construção do amor romântico. A fórmula do sucesso da lenda é a combinação do amor e da morte. A contradição está em preferir no íntimo o que nos fere, o que aparentemente contribui para uma vida harmoniosa. Não há história de relações felizes (ROUGEMOND, 1988).

Segundo Mariri Martinengo, a poesia trovadoresca era acompanhada de música e canto e em um ambiente festivo, pressupondo um público. Pode-se dizer que havia uma encenação dramática (MARTINENGO, 1997). Os temas recitados ou cantados eram de alegria, de um amor satisfeito, do desejo do amado, do lamento pela frieza de um enamorado, do pedido de mediação na solução de um conflito amoroso, de pedido de conselhos; sobre

ética amorosa, questões políticas, como, por exemplo, algum posicionamento da Igreja. Essas trovas eram trocadas entre homens e mulheres, entre as mulheres e entre os homens (MARTINENGO, 1997, p. 19).

A Igreja condenou o cantarismo como heresia. Repudiava todas essas manifestações. Hostilizava o amor expresso pelos trovadores e trovadoras. Alegava-se ir contra os valores cristãos. Esse movimento desencadeou uma feroz repressão nas chamadas cruzadas contra os albigenses. Por isso, foi oficialmente condenado pelos teólogos do século XIII (MARTINENGO, 1997). O amor cortês contribuiu para “desdemonizar” a mulher.

Para pensar o amor no século XVIII, Rousseau abstrai os ideais de amor de outros períodos, reunindo o fascínio e todos os paradoxos éticos e estéticos produzidos pelos grandes mitos culturais e apresenta um novo molde de amor romântico que influenciará todo ocidente, como afirma Jurandir Freire:

Todas as correntes românticas vão ser variantes desses temas de Rousseau. As mais tempestuosamente irracionais vão acentuar o lado do romantismo que mimetiza o amor cortês ou o amor místico, na vertente do amor-abandono ou do amor infeliz. Sofrimentos, renúncias, aspirações frustradas, mortes, desenlaces dramáticos etc. vão compor o painel dessa imagem do amor que se apresenta como anticonvencional, antiburguesa e em luta contra a repressão religiosa (COSTA, 1999, p. 69).

Rousseau acentua o lado mais tempestuoso e irracional do amor, de modo que a literatura trovadoresca, conhecida pela exaltação da mulher, parece pouco inspirá-lo. Em sua antologia do amor sublime, Rousseau defenderá a idealização do amor romântico: “Devemos nos entregar a ele, mesmo sabendo que estamos nos entregando às incertezas do acaso. Tudo pode dar certo e tudo pode dar errado. Não obstante a incerteza, é assim que se ama. Sem esta passividade cega, não conheceremos o êxtase amoroso” (ROUSSEAU, 1995, *apud* COSTA, 1999, p. 70).

No projeto de educação deste filósofo, diferentemente dos pensamento de outros períodos, o amor baseado em uma ideologia romântica é colocado no centro do projeto de vida e, mais do que isso, um outro é quem ocupa o centro do projeto de vida da mulher. Entretanto, Rousseau diferenciará a educação para o amor de homens e mulheres. A partir da obra de Rousseau, *Emílio ou da educação*, publicada em 1792, faremos alguns apontamentos sobre a relação de complementariedade entre o homem e a mulher, o ideal de feminilidade e masculinidade, articulando com a esfera pública e privada.

Esta produção de Rousseau está dívida em cinco “livros” que correspondem às fases que, segundo o filósofo, marcam o desenvolvimento humano: idade da necessidade, do zero

aos dois anos; idade da natureza, dos dois aos doze anos; idade da força, dos doze aos quinze anos; idade da razão e das paixões, dos quinze aos vinte anos; idade da sabedoria e do casamento, dos quinze aos vinte anos.

Através dos personagens Sofia e Emílio, Rousseau irá construir um modelo de casal ideal, fazendo dela o complemento dele. Nas palavras de Rousseau: “a mulher e o homem são feitos uma para o outro, mas sua dependência natural não é igual: os homens dependem das mulheres por seus desejos e suas necessidades; nós subsistiríamos mais sem elas do que elas sem nós” (ROUSSEAU, 1995, p. 432).

A relação de complementaridade para Rousseau se dá na incapacidade da mulher realizar seus desejos. Por essa incapacidade que irão se complementar, sendo a mulher a falta e o homem a realização. Apesar da retórica dos afetos, Rousseau, idealiza as relações de modo masoquista na relação de dominação e submissão:

A mulher é feita para agradar e ser subjugada, ela deve tornar-se agradável ao homem ao invés de provoca-lo. Sua violência está nos encantos; é por eles que ela deve constrangê-lo a encontrar sua força e emprega-la. A arte mais segura de animar a força consiste em fazê-la necessária pela resistência. Então o amor-próprio une se ao desejo, e um triunfa a vitória que o outro obrigou a ganhar. Daí nascem o ataque e a defesa, a ousadia de um sexo e a timidez de outro, finalmente a modéstia e o pudor com que a natureza armou o fraco para escravizar o forte (ROUSSEAU, 1995, p. 425).

Segundo Rosa Cobo (1995), o pensamento de Rousseau coloca uma luta matrimonial em jogo que implica em uma violência latente contra a mulher: “desde o momento em que há sujeição de uma das partes, há violência por outra. Sujeição e violência são realidades correlativas” (COBO, 1995, p. 247).

Rousseau (1995) descreveu os homens como ativos e fortes e as mulheres como passivas e fracas. Para o romantista, a virtude da mulher está no consentimento de sua sujeição. Para consentir, a mulher deve interiorizar a sujeição masculina. A sujeição deve ter aparência voluntária (COBO, 1995). Rousseau (1995) critica a sujeição ilegítima das mulheres e defende que a doçura é qualidade mais importante de todas:

A primeira e a mais importante qualidade de uma mulher é a doçura; feita para obedecer a um ser tão imperfeito quanto o homem, amiúde cheio de vícios, e sempre cheio de defeitos, ela deve aprender desde cedo a sofrer até injustiças e a suportar os erros do marido sem se queixar; não é por ele, é por ela mesma que deve ser doce (ROUSSEAU, 1995, p. 440).

Para Rousseau, a família representava a chave da transformação social. Através da família, os sujeitos seriam educados para o convívio social baseado na liberdade e no bem comum. Para que a família fosse capaz de proporcionar o desabrochar dos sentimentos naturais e bons - para este filósofo, o homem nasce bom - era necessária uma coesão baseada no amor (TOLEDO, 2013).

Essa coesão está estabelecida na relação complementar entre família e Estado. O Estado defende a liberdade dos cidadãos (homens) e, na família, a concentração da autoridade está no esposo em detrimento à mulher: “A família protege a propriedade do homem” (COBO, 1995, p. 268).

Se a sociedade havia corrompido a natureza humana, cabia ao processo educativo devolvê-la à sua origem. Desse modo, a educação é um tema de destaque no pensamento rousseauiano, contribuindo na relação dessa complementariedade entre o social e o privado. Rousseau direciona seu projeto de educação às mães, como enuncia em sua obra: “coletânea de reflexões e de observações, sem ordem e quase sem sequência, iniciada para agradar uma mãe que sabe pensar” (ROUSSEAU, 1995, p. 5).

Ao recomendar essa obra às mães que saibam pensar, coloca a cargo das mulheres o papel da educação e condena as mulheres que não seguirem seu manual, alertando: “Acreditei-me, mãe judiciosa, não façais de vossa filha um homem de bem, como que para dar um desmentido à natureza; fazei dela uma mulher honesta e ficai certa, que ela valerá mais com isso” (ROUSSEAU, 1995, p. 432).

Rousseau constrói uma proposta sexista que ainda inspira os modelos de educação. Em sua obra, Emílio recebe uma educação voltada para a autonomia moral, enquanto Sofia recebe uma educação voltada para a sujeição e para a dependência de Emílio. Desta maneira, contribui para que o projeto de vida de Sofia esteja centrado no desenvolvimento de Emílio, como vemos no trecho a seguir:

Toda a educação dada às mulheres deve ter o homem como ponto de referência. Agradar-lhes, ser-lhes fiel, fazer se amada e honrada por eles, educa-los enquanto pequenos, cuidar deles quando crescidos, aconselhá-los, consola-los, tornar-lhes a vida agradável e doce: eis os deveres das mulheres em todos os tempos e o que se lhes deve ensinar desde a infância (ROUSSEAU, 1995, p. 475).

A virtude da mulher para Rousseau culmina na maternidade, é nesse exercício que contribuiu com o projeto social e com a ordem da natureza humana:

[...] a mulher como mãe é uma arquiteta da vida emocional da família, começa cuidando de seus próprios filhos. Através do exercício da maternidade estão recuperando a piedade do homem natural. A mãe projeta a ordem social em nós que fundamenta a noção de piedade. A mulher que abandona a ideia de “amor de si” e toda a ideia de conservação de sua individualidade para cultivar e exaltar o “nós” através de seus filhos. Desta forma a mulher se volta a natureza: se renaturaliza (COBO, 1995, p. 248).

Rousseau constrói um modelo de educação que diferencia os meninos das meninas, em nome de respeitar a liberdade e a natureza de homens e mulheres que ele mesmo construiu: “O homem e a mulher não devem ser constituídos da mesma maneira, nem de caráter nem de temperamento, segue-se que não devem receber a mesma educação” (ROUSSEAU, 1995, p. 430). Para Rousseau, seguir a natureza é o que há de mais perfeito e discutir a diferença e a igualdade é uma futilidade:

[...] tais relações e tais diferenças deve influir na moral; esta consequência é sensível, conforme à experiência, e mostra a futilidade das discussões acerca da preferência ou da igualdade dos sexos: como se cada um deles, atendendo aos fins da natureza segundo sua destinação particular, não fosse mais perfeito nisso do que se assemelhando mais ao outro! No que tem de comum, são iguais; no que tem de diferente, não são comparáveis. Uma mulher perfeita e um homem perfeito não devem assemelhar se nem de espírito nem de fisionomia, e a perfeição não é suscetível nem de mais, nem de menos (ROUSSEAU, 1997, p. 424).

A partir deste retrato romântico, binário, normativo e sexista construído pela teoria de Rousseau, Elizabeth Badinter (1986, p. 140), sintetiza uma tabela que ilustra a condição estereotipada em que as identidades de gênero vão se constituindo:

Tabela 1. Marcadores dos estereótipos de gênero.

Traços do estereótipo masculino	Traços do estereótipo feminino
Decidido, firme, assentado, calmo.	Caprichosa, histérica, sensível, medrosa, emotiva, pueril, frívola.
Disciplinado, metódico, organizado, rígido, gosto pela organização, discreto, franco.	Tagarela, incoerente, afetada, secreta, esquecida, astuciosa.
Patriota, gosto pelo risco, independente	Necessidade de fazer confidências, necessidade de agradar, vaidosa, submissa.
Necessidade de poder, necessidade de celebridade, ambicioso, gosto pelo comando, dominador, autossuficiente, seguro de si, necessidade de prestígio, arrivista, necessidade de se afirmar.	Fraca
Combativo, cínico, gosto pela luta.	Astuciosa
Fogoso	Passivo
Egoísta, materialista	Curiosa
Criador, lúcido, objetivo, gosto pelas ideias teóricas, Aptidão pelas ciências, para a matemática. Cético, argumentador.	Intuitiva
Obsceno	Carinhosa, compassiva, doce, pudica, gosto pelos trajes refinados, necessidade de ter filhos, necessidade de amor.

Fonte: BADINTER, 1986, p. 140.

As mulheres, assim como os homens, foram estereotipadas e essas construções binárias se dão relacionalmente. O casamento dependeu do desempenho desses papéis. Nesse jogo das sexualidades instauradas, dentro do contexto dessa marcação binária, as mulheres se tornaram vítimas de um elogio, ser uma excelente mãe, esposa, ser agradável, delicada, sensual. A busca por esses ideais têm iludido as mulheres. Embora essa busca seja encoberta pelo discurso da “livre escolha”, está condicionada a este projeto de educação alienante: “Não existe sujeição tão perfeita como a que conserva a aparência de liberdade, se cativa assim a vontade. Seu fundamento reside na alienação da vontade” (COBO, 1995, p. 247).

No contexto iluminista, a categoria “natureza” carrega o conteúdo normativo como paradigma legitimador na organização social de luta contra o antigo regime. Entretanto, o mais significativo da função deste conceito se traduzirá na conceituação da mulher. Como afirma Célia Amorós:

[...] o conceito de “natureza” é um dos pontos entre o iluminismo e o romantismo” e continua: “nas transições semânticas que a mulher pode ser, a natureza no sentido selvagem a domesticar (no sentido da contraposição ancestral natureza-cultura) e natureza no sentido de desejável plenitude originária e ideal regulador da cultura (AMORÓS, 1991, p. 161, trad. nossa).

Dentro dessa ideologia patriarcal, a mulher que não conseguiu casar e, por conseguinte, não se tornou mãe, não conseguiu exercer a sua “natureza”, desse modo está condenada a não existir por não ter sido aquilo que deveria ser. As mulheres são diversas, nascem em países diferentes, em classes sociais distintas, entretanto, o patriarcado trata a todas como idênticas, ditando que a biologia seria seu destino (AMORÓS, 1991) casar e tornar-se mãe, entretanto ao alcançar o ideal de almejado é comum se dar conta que:

...ela não escapou de ser como as outras mulheres. Foi erguida para fora dessa classe, somente porque ela agora é um apêndice de um membro da classe dominante: e ele não pode unir-se a ela, a não ser que eleve o seu status. Mas ela não foi libertada. Foi promovida a "negra-da-casa". Foi elevada somente para ser usada de um modo diferente. Sente enganada. Não recebeu amor nem reconhecimento, e sim possessividade e controle (FIRESTONE, 1970, p. 164).

Theodor Adorno, ao fazer a crítica ao período do nazismo na Alemanha, chama atenção para a reflexão do caráter manipulador de um tipo de pensamento maniqueísta que captura as massas, ao qual ele nomeia de “consciência coisificada”:

No começo as pessoas desse tipo se tornam por assim dizer iguais a coisas. Em seguida, na medida em que o conseguem, tornam os outros iguais a coisas. Isto é muito bem traduzido pela expressão aprontar, que goza de igual popularidade entre os valentões juvenis e entre os nazistas. Esta expressão aprontar define as pessoas como sendo coisas aprontadas em seu duplo sentido (ADORNO, 1995, p. 129).

Tendo em vista o termo "aprontar coisas", definido por Theodor Adorno (1995), talvez seja possível traçar um paralelo com a “natureza das coisas”, que Rousseau e outros contratualistas utilizaram para definir a natureza dos homens e mulheres. Como alertou Adorno (1999), esse pensamento de “consciência coisificada” que tenta corrigir as coisas é que nos tem levado à barbárie. De modo que até 1990 a homossexualidade, lesboafetividade eram consideradas doenças mentais.

Adorno analisa que a exaltação da virilidade incorre numa fachada masoquista que facilmente se identifica com o sadismo: “Quem é severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo também com os outros, vingando-se da dor cujas manifestações precisou ocultar e

reprimir” (ADORNO, 1995, p. 128). A partir daí é possível pensar nas raízes das causas relacionadas à lesbofobia, homofobia e transfobia.

Passaram-se dois séculos e o fosso essencialista que Rousseau e os outros contratualistas cavaram, capturaram as mulheres na eterna infância e aos seus “instintos” de cuidado, amor, delicadeza, atribuindo virtude à sujeição das mulheres e virtude a dominação masculina. A ideia do contrato social foi tão bem-sucedida que se tornou hegemônica, aprisionando a maioria do pensamento moderno. O modo pelo qual os contratualistas justificam a propriedade da terra, a organização social, está atrelado ao casamento. O matrimônio submete as mulheres a esta prisão até os dias atuais.

1.2 O Poliamor

Acerca das injustiças do amor, que ainda se manifestam no século XXI, o movimento poliamorista tem se colocado politicamente em defesa da pluralidade afetiva, como alternativa à monogamia e a esse legado romântico. As comunidades poliamoristas têm defendido sua prática como um caminho para a desconstrução do amor romântico (PILÃO, 2012; FREIRE, 2013). Abordaremos, aqui, as origens, desenvolvimento e ética do poliamor, assim como o problema da monogamia segundo os porta-vozes do poliamor.

1.2.1 Origem do termo

O poliamor é a tradução livre do inglês *polyamory*, O prefixo *poly*, vem do grego, significa muito e o sufixo *amory*, vem do latim, amor. Essa composição híbrida da palavra se traduz literalmente como “muitos amores” (CARDOSO, 2010; LINS, 1997). Regina Lins (1997) compreende o poliamor como sendo uma: “opção ou modo de vida defende a possibilidade prática e sustentável de se estar envolvido de modo responsável em relações íntimas, profundas e eventualmente duradouras com várias/os parceiras/os simultaneamente” (LINS, 1997, p. 331).

Apesar da não monogamia ter existido em muitas culturas ao longo do tempo e a proposta poliamorista remeter às comunidades utópicas do século XIX, o poliamor do século XXI é bastante diferente desses experimentos iniciais. Essa afirmação é da terapeuta Deborah Anapol (2010), uma das pioneiras na divulgação do termo e ativista da prática.

O termo poliamor surge em diferentes contextos literários (CARDOSO, 2010). Na ficção, buscou ser sinônimo do politeísmo, bissexualidade e alternativa ao fim da família

(CARDOSO, 2010). A primeira aparição do termo correu em 1953 na obra de Alfred Charles Ward⁶, que se refere pejorativamente ao rei Henrique VIII⁷ (1491-1547) como “determinado poliamorista”. Outra referência é o poema de Erasmus Darwin⁸ (1731-1802), *The Love of Plants*, em que faz alusão a trama poliamorosa das plantas (VIDAPOLIAMOR, 2017; CARDOSO, 2010). Entretanto, será na literatura do norte-americano Robert Heinlein⁹ (1907-1988) que a utilização do termo servirá de inspiração para o movimento de poliamor contemporâneo (CARDOSO, 2010; VIDAPOLIAMOR, 2011).

Os responsáveis pela reaparição do termo foi o casal, Morning Glory Ferns e Oberon Zell, líderes da comunidade neopagã: “Igreja de Todos os Mundos” (ANAPOL, 2010). Oberon Zell era um ávido leitor de ficção. A partir de sua identificação com a obra de Robert Heinlein, surgiu a ideia de replicar algo que estava presente nos livros. O casal que esteve junto desde 1974, possuía um casamento aberto que passou por muitas direções ao longo dos anos, incluindo viver em tríade por dez anos e viver em grupo por seis anos (ANAPOL, 2010; CARDOSO, 2010).

Morning Glory Ferns, ao publicar o artigo *A Bouquet of flowers*, em maio de 1990, empregou pela primeira vez a palavra “poly-amorous” hifenizada para se referir às pessoas que tivessem relações amorosas e sexuais coexistentes e que se dessem de maneira consensual (ANAPOL, 2010; CARDOSO, 2010). Poucos meses depois, em agosto do mesmo ano, os membros da Igreja de Todos os Mundos foram convidados para um workshop sobre relacionamentos. Neste encontro, organizaram um *Glossário de Terminologia Relacional*. Nesse momento, pela primeira vez, foi usada a palavra “polyamory”, ou poliamor, em português (CARDOSO, 2010; 2011).

Após dois anos deste encontro, em 20 de maio de 1992, o termo ressurgiu, marcando o segundo momento de sua reaparição, mas, desta vez, com um viés menos transcendentalista, empregado por Jennifer Wesp como sinônimo de “não monogamia” (CARDOSO, 2010). A substituição do termo “não monogamia” por “poliamor” ocorreu por considerar que o primeiro traz conotações negativas, já que afirma apenas aquilo que não é. Para discutir o poliamor, Wesp, criou uma *mailing list*, assim, a circulação da palavra ganharia alcances

⁶ *Illustrated History of English Literature*, vol. 1, de Alfred Charles Ward, 1953.

⁷ O rei da Inglaterra, Henrique VIII, em sua obsessão por um herdeiro homem, casou-se seis vezes. Segundo a biógrafa Antônia Fraser (2010), as mulheres vítimas de sua loucura – Catarina de Aragão, Ana Bolena, Jane Seymour, Ana de Cleves, Catarina Howard e Catarina Parr – passaram a ser popularmente conhecidas. Não tanto pelas vidas que tiveram, mas pela maneira pela qual essas vidas acabaram: divorciada, decapitada, morta e sobrevivente.

⁸ *New Scientist*, de abril de 1989, com a publicação do poema *The Love of Plants*.

⁹ Heinlein, 1961.

maiores, atingindo a repercussão que mencionamos no início desta pesquisa (CARDOSO, 2010; KLESSE, 2006).

1.2.2 Visibilidade

O movimento do poliamor, organizado nos anos 1990 nos Estados Unidos, tem se expandido e despertado interesse. Para termos uma ideia da crescente busca pelo tema, Regina Lins (1995), localizou, no Google, 769 citações e, para a mesma palavra em inglês, 840 mil citações. Vinte anos depois, no início do desenvolvimento desta pesquisa, em julho de 2015, ao digitar “poliamor” no buscador Google, obteve-se, aproximadamente, 205 mil links. A mesma expressão em inglês, “polyamory”, recuperava 2,35 milhões de links. Ao realizar, novamente, a busca, em junho de 2017, o buscador encontrou 632 mil links remetendo a essa palavra. Em inglês, foram identificados 2 milhões e 550 mil resultados.

A inglesa Deborah Anapol (1951-2015) é um dos nomes mais destacados nesse tema. A partir de suas experiências poliamorosas e de seu trabalho como psicóloga clínica, a terapeuta publicou cinco livros defendendo o poliamor com um viés espiritualista, que deve ser fluído, resiliente e cooperativo (ANAPOL, 2010). Além desta autora, outras duas importantes são Dossie Easton, educadora sexual, e Janet Hardy, terapeuta. Juntas publicaram *The Ethical Slut*, que recebeu uma versão em espanhol. Este trabalho tem características mais de manual prático, ou literatura de aconselhamento, remetendo a experiências de cunho pessoal para lidar com os conflitos nas relações poliafetivas.

No Brasil, o poliamor também está associado ao “amor livre”. Os principais nomes nesta discussão são: o somaterapeuta Roberto Freire (1990) e a psicanalista, Regina Navarro de Linz (1995, 2013). As publicações de ambos se tornaram *best sellers*. Freire retrata o amor livre como uma ideologia anarquista, com um viés de relacionamento não hierárquico e colaborativo. Regina Lins aponta as relações polis como uma tendência, dentro da ideia que a infidelidade passará a ser encarada com mais naturalidade. Defende que o ciúme deve ser combatido, uma vez que não deveríamos nos preocupar com quem nosso companheiro transa. O que importa é se sentir amado e desejado. Regina é consultora e participante do programa *Amor & Sexo*, da TV Globo, e colunista da sessão *Mulher e Comportamento* do portal UOL, além de possuir um quadro fixo no programa *TV mulher*, apresentado por Marília Gabriela.

A imprensa internacional e brasileira tem noticiado episódios ligados à prática. O site *Catraca Livre*, conhecido por divulgar eventos e temáticas de cunho mais alternativos, divulgou os documentários que viralizaram na Internet: *Poliamor* (2010), *Amar porque sim*

(2014) e *Azul livre* (2014), que somam, aproximadamente, 220 mil visualizações. Nas telas da TV, o tema foi abordado pela série documental dirigida por João Jardim, *Amores Livres*, com dez episódios e exibida no canal GNT, indo ao ar em agosto de 2016.

Intelectuais e formadores de opinião vêm sendo demandados por um posicionamento frente ao tema. Durante uma palestra “Civilização e Barbárie!”, realizada pelo filósofo Leandro Karnal, a plateia pediu para que o historiador apontasse se há relação entre o poliamor e a cidadania. O trecho em que Karnal aborda o assunto foi recortado e recebeu o título de “poliamor”, recebendo, até maio de 2017, aproximadamente 100 mil visualizações no Youtube. O historiador argumenta que qualquer forma de amor vale a pena, desde que com consentimento e analisa que esse movimento é individual, sendo cada um responsável por “cuidar de seus orifícios” (SESC, 2016).

No âmbito jurídico, o tema também está aos poucos avançando como marco legal, havendo até mesmo jurisprudência que já reconhece relações poliamorosas. Recentemente, em 2012, na cidade de Tupã - SP, o jurista Natanael dos Santos Batista Júnior orientou duas mulheres e um homem que já viviam juntos há três anos na elaboração do documento sobre o direito patrimonial no caso de uma fatalidade, assegurando seus direitos. Esta foi chamada, por ele, de União Poliafetiva. De acordo com o jurista, a escritura visa dar proteção às relações não monogâmicas e visibilidade para o respeito e a aceitação social. Para o juiz, o mais importante no registro da escritura de União Poliafetiva é tornar visível a possibilidade de se pensar outras estruturas familiares¹⁰.

Em Santa Maria (RS), outra sentença inédita assegurou a uma menina, nascida no dia 27 de agosto de 2014, o direito de ter em sua certidão de nascimento o nome do pai e de suas duas mães. Na sentença, o jurista Rafael Pagnon Cunha destacou o quão admirável é a atitude dos três em assegurar à sua filha uma rede de afetos, também afirmou que “ao Judiciário, guardador das promessas do Constituinte de uma sociedade fraterna, igualitária e afetiva, nada mais resta que dar guarida à pretensão – por maior desconforto que o novo e o diferente despertem” (ASSOCIAÇÃO DOS MAGISTRADOS MINEIROS, 2014).

Em outubro de 2015, foi formalizada a primeira união estável de três mulheres no Rio de Janeiro. A revista *Piauí*, publicou o diário dessas mulheres que vivem juntas há três anos. Nessa biografia, elas relatam o preconceito que sofrem, o desejo da maternidade e a complexidade da relação. Nesse diário a seis mãos, produzido por Nina (gerente

¹⁰ “União estável entre três pessoas é oficializada em cartório de Tupã, SP”, *Portal G1*, 23 ago. 2008. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2012/08/uniao-estavel-entre-tres-pessoas-e-oficializada-em-cartorio-de-tupa-sp.html>>, acesso em abril de 2015.

administrativa), Ana (dentista) e Verônica (empresária) elas falam de uma rotina atravessada por debates políticos, atividades e interesses culturais e projetos de vida individuais e compartilhados. Todas são budistas e feministas. “Falamos de política, religião, sociedade, sobre o ex-presidente da câmara dos deputados do Brasil, Eduardo Cunha, e feminismo. Afinal somos um trio de mulheres casadas. Quer algo mais feminista que isso?” (PIAUI, 2016, p. 31).

O mercado de aplicativos de relacionamento, para facilitar o encontro dos adeptos ou simpatizantes do poliamor, em janeiro de 2016, lançou o *Pitanga Club*. Segundo o relatório gerencial produzido pelo próprio site, o *Pitanga* passou de 695 usuários ativos no mês de lançamento para 18.963 usuários em abril de 2017. Sendo 7.962 homens, 1546 mulheres e 3815 casais¹¹.

A força dos que acreditam na viabilidade de amar mais de um e estabelecer relações íntimas e múltiplas está representada pelo Dia Internacional do Poliamor, 20 de novembro¹². Há também os símbolos e inúmeros sites e redes sociais no mundo que se organizam para discutir e gerar visibilidade ao tema, buscando uma maior aceitação da prática (PILÃO, 2012; VIDAPOLIAMOR, 2017).

1.2.3 Ética do poliamor

Há uma variedade de conceitos que vem sendo atribuídas ao termo (CARDOSO, 2010; FREIRE, 2013). Segundo Ani Ritchie e Meg Barker (2006), as comunidades poliamoristas estão subvertendo e reescrevendo uma linguagem que vise: “reclamar identidade, definir relacionamentos e descrever sentimentos” (RICHIE; BARKER, 2006, p. 6 *apud* CARDOSO, 2010). Thomas Schroedter e Christiane Vetter (2010) afirmam que a variação do termo é devido ao compromisso em respeitar as características das relações. Nesse sentido, há uma recusa com possíveis prescrições emocionais ou sexuais acerca da prática (SCHROEDTER; VETTER, 2010 *apud* KLESSE, 2011).

Para que o poliamor se dê de modo ético, o movimento defende que a prática seja experimentada a partir dos “elementos”: negociação, igualdade, liberdade, comunicação, amor e compromisso (CARDOSO, 2010; KLESSE, 2011). Mas não há consenso sobre a ênfase desses elementos, variando de acordo com o que o grupo que o vem praticando.

¹¹ Disponível em: <<https://pitanga.club/relatorio.html>>. Acesso em jul. 2017.

¹² A motivação da escolha da data não foi encontrada.

Alguns pesquisadores buscaram identificar, em seus grupos investigados, em quais “elementos” se colocava a ênfase para que a prática fosse viável. Pesquisas realizadas na Europa e nos Estados Unidos por Klesse (2011), Barker e Langdrige (2010) e Cardoso (2010) apontam os “elementos” compromisso, responsabilidade e negociação como os de maior prevalência (PILÃO, 2012). Antônio Pilão (2012) identificou honestidade, liberdade, igualdade e amor, como os “princípios” mais defendidos pelo grupo de poliamoristas do Rio de Janeiro.

Deborah Anapol (2010), uma das pioneiras na utilização do termo e ativista da prática, utiliza a palavra poliamor para descrever toda pluralidade de estilos de vida. Ela parte do entendimento de que o amor não pode ser forçado a fluir ou ser impedido a fluir em qualquer direção particular. Trata-se de uma atitude interna de não criar expectativas ou exigências. Em suas palavras:

Eu uso a palavra poliamor para descrever toda a gama de estilos de amor que se desenvolvem a partir da compreensão que amor não pode ser forçado ou impedido de fluir em qualquer direção particular. **Amor, que se permite expandir, geralmente cresce para incluir mais pessoas.** Mas, para mim, poliamor tem mais relação com uma atitude interna, de deixar se envolver pelo amor sem expectativas ou demandas, do que com a quantidade de pessoas envolvidas (ANAPOL, 2010, n.p., tradução e grifo nossos).

As pessoas polis podem ter apenas um parceiro ou nenhum. No entanto, o poliamor é interpretado como uma relação com potencial de expansão e de inclusão de mais pessoas. Nesse sentido, Dossie Easton e Janete Hardy (2009) também argumentaram sobre a capacidade infinita de amar. Segundo as autoras, não utilizar todo o potencial do amor é entrar na lógica da “economia da escassez”: “É importante distinguir entre a escassez e os limites do mundo real. O tempo, por exemplo, é um limite real” e continua: “O amor não é um limite do mundo real: a mãe de nove criaturas pode amá-las tanto quanto a mãe de uma só” (EASTON; HARDY, 2013, n.p., tradução nossa). Desse modo as autoras defendem viver a vida sem restrições afetivas, em “abundância de amor e sexo”, livre do sentimento de escassez:

Acreditamos que a capacidade humana para o sexo e o amor e a intimidade é maior do que grande parte das pessoas acreditam - possivelmente infinita - ter muita conexão satisfatória torna possível ter muito mais [...] imagine o que seria viver uma vida em abundância de sexo e amor, o que seria sentir ter tudo que havia quisto, livre de qualquer sensação de escassez ou necessidade. Imagine como é forte o que sentirias se puder exercitar tanto os "músculos do amor" e quanto amor seria capaz de dar! (EASTON; HARDY, 2013, tradução nossa).

A possibilidade de amar infinitamente também está representada em uma variedade de símbolos do poliamor. O coração entrelaçado ao símbolo de infinito sugere as possibilidades ilimitadas de amores.

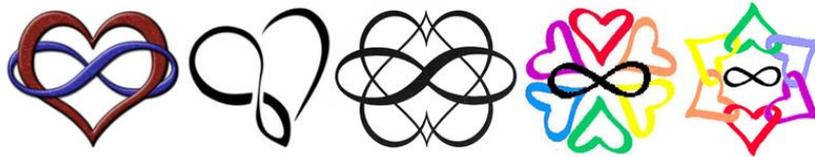


Figura 1. Representações simbólicas do poliamor.

Fonte: <<https://vidapoliamor.wordpress.com>>.

Há também as bandeiras, que segundo o mesmo site, são atribuídas de significado em suas cores e símbolos reforçando os ideais de multiplicidade de amor com honestidade. Os símbolos também buscam incluir as pessoas que não conseguem assumir-se como poliamorista por limitações impostas socialmente.



Figura 2. Bandeiras do poliamor.

Fonte: <<https://vidapoliamor.wordpress.com>>.

A bandeira traz 3 cores: azul, para representar honestidade, vermelho, que representa amor/paixão, e o preto, que tem o significado de solidariedade com aqueles que por alguma razão (família, trabalho, sociedade) ainda não puderam “sair do armário” para se declarar poliamoristas publicamente. É comum a bandeira trazer símbolos em seu centro, como coração ou infinito, mas o mais comum é que traga a letra “pi” (letra grega “P”). Também existem algumas variações com as três cores aplicadas aos símbolos isoladamente (VIDAPOLIAMOR, 2017).

Segundo a investigação de Leanna Wolfe (2003), o verdadeiro poliamor liberta os amantes para se envolverem inteiramente quando quiserem e sempre que quiserem. Deixar o outro livre para amar, também é celebrado no conceito de "compersão". A palavra foi criada

pela *Kerista Commune*¹³, em inglês, “compersion”. Esse termo é compreendido como um sentimento de aconchego e felicidade que se experimenta quando o parceiro amado desfruta o relacionamento com outro amante ou o parceiro deles (KLESSE, 2011).

Segundo Regina Lins (1997), dentre as características listadas acerca das relações poliamoristas estão:

- A relação sexual e afetiva quando é baseada em princípios éticos é uma força positiva. O inimigo é reprimir o desejo natural sexual.
- O poliamor não precisa atender as necessidades de cada parceiro, mas sim ajudá-los: “Se sua esposa ama ópera e você não gosta, talvez algum de seus amantes apreciará levá-la à ópera. Se ele for também um mago da informática e ajudar a consertar seu computador quando ele não funciona direito, você é uma pessoa de sorte”.
- O amor é um recurso infinito, desse modo, você não precisa descartar um amor em detrimento de outro;
- O ciúme é compreendido como um sentimento que não é inato, desse modo é possível trabalhá-lo: “Os poliamoristas lidam com o ciúme usualmente de forma bem-sucedida. Há um novo termo para o oposto do ciúme: compersion” (LINS, 1997, p. 337).

Segundo o site *Vidapoliamor*, “Apesar de compersão e o ciúme serem às vezes definidos como opostos, na verdade eles apenas estão em espectros diferentes” (*Compersão*, em VIDAPOLIAMOR, 2017). O site aborda o termo compersão, como sinônimo de altruísmo, ou seja, o respeito e o reconhecimento pelo outro por exercer suas liberdades afetivas. Nesse caso, mesmo havendo ciúmes, a compersão ocorre quando há o esforço em respeitar o outro em sua liberdade de amar.

Para Regina Lins (1997), a monogamia tem confirmado reiteradamente que não funciona bem para os ocidentais pelas altas taxas de relações extraconjugais, portanto, uma vez que nos damos tão mal com a monogamia, outras estruturas de relacionamento livremente escolhidas também devem ser consideradas (LINS, 1997, p. 335).

Este desencontro entre valorizar a fidelidade e não conseguir vivenciá-la, segundo os defensores do poliamor ou da “não monogamia responsável”, pode e deve ser encarado de modo mais realista (BARKER, 2010). Se ambos querem estar com outras pessoas, ao invés de reprimir ou mentir, esses militantes poliamoristas questionam por que não assumir seus desejos e lidar de maneira honesta com o seu parceiro?

Segundo Lins (1997), sempre se aceitou a relação fechada baseada no ciúmes e controle, no entanto, a insatisfação tem gerado a busca de novas formas de se relacionar afetiva e sexualmente:

¹³ <<http://www.kerista.com>>.

Tudo indica que as relações amorosas no futuro serão mais livres e, por isso mesmo, mais satisfatórias. Não alimentando fantasias românticas de fusão com outra pessoa, cada um tem a oportunidade de pretender se sentir inteiro, sem necessitar de outro para completá-lo. Aí, então, será possível descobrir as incontáveis possibilidades do amor e como ele pode se apresentar para cada pessoa, em cada momento, de diferentes maneiras (LINS, 1997, p. 324).

Ainda para esta autora, cada vez mais a relação entre amor e sacrifício se torna mais distante. A história aponta precedentes de que é possível amar de outras formas, romper com a idealização do par romântico complementar que se transforma em um só, romper com a exclusividade do casal. A autora aponta que as relações tendem a ser mais livres e mais satisfatórias assim (LINS, 1997).

1.2.4 Poliamor e outras modalidades de relacionamento aberto

O poliamor se opõe à monogamia, entretanto há outras formas de relacionamento que também se opõem à monogamia. É comum as pessoas considerarem o amor livre, a poligamia, swing, poliamor ou o relacionamento aberto como sendo a mesma coisa. As diferentes modalidades de relacionamento não monogâmico, além de questionarem a monogamia, buscam entre suas aproximações e diferenciações características para se afirmar ou discutir seus códigos, acordos ou ética.

Segundo Leanna Wolfe (2003), poliamoristas podem considerar o swing uma prática “desprezível” na medida em que se evita uma intimidade emocional completa e duradoura com os parceiros extraconjugais. Segundo Antônio Pilão (2012), poliamoristas sentem-se ofendidos com a comparação. O swing tem uma conotação que, segundo seus entrevistados, configura “libertinagem sexual” da qual eles querem se distanciar, uma vez que defendem elos estáveis e amorosos. Na pesquisa realizada com o grupo de poliamorista de Brasília por Matheus França (2016), os entrevistados apontam as casas de swing como um ambiente machista, no qual as mulheres são estimuladas a satisfazerem o fetiche de seus companheiros ficando com outras mulheres (FRANÇA, 2016).

A poligamia é outro termo que gera confusão. A poligamia tende a ser uma norma que precede de uma tradição ou religião que se acata (MIGUEL, 2015). Para Antônio Pilão (2012) a diferenciação entre poliamor e poligamia ocorre da seguinte forma:

A poligamia se refere ao homem que se casa com várias mulheres (“poliginia”) ou uma mulher que se casa com vários homens (poliandria), ou seja há apenas um polígamo na relação. Em contrapartida, é a possibilidade de que ambos, tanto homens quanto mulheres, possam ter múltiplos relacionamento que configuraria um Poliamor. Enquanto o Poliamor pressuporia um contexto de equidade entre os gêneros, a Poligamia seria marcada por hierarquias (PILÃO, 2012, p. 68).

Embora os poliamoristas não gostem de serem confundidos com os praticantes de poligamia e swing, segundo Pilão (2012), a passagem da monogamia para o poliamor, para muitos, ocorreu através de outras modalidades de relacionamento aberto, justamente, como o suingue e a poligamia.

No Brasil o casamento simultâneo é crime, entretanto, como enunciamos, recentemente, foram realizados três casamentos denominados pelos juízes como união poliafetiva.

Da mesma forma que o poliamor questiona as outras modalidades de relacionamento aberto para se posicionar, o contrário também acontece, como no caso da Rede de Relações Livres (RLI). Esta “rede” de origem em Porto Alegre/RS, se define: “rede social no mundo real com o desafio de desatar o nó da monogamia. Vivemos a multiplicidade sexual afetiva e pensamos isto como um direito humano” (REDE DE RELAÇÕES LIVRES, 2017). Conforme tabela abaixo a rede defende sua ética tendo como referência o poliamor e outras modalidades de relacionamento:

Tabela 2. Modalidades de relacionamentos não monogâmicos.

	Modalidades	Relação com RLI
1	Relação sem vínculo: é quando uma pessoa prefere variados acessos sexuais sem continuidade e sem formação de casal ou de vínculos estáveis.	Ter relações sem continuidade necessária parece tranquilo a um RLI. Mas fazemos objeção à “necessidade de não ter vínculos”.
2	Amizade colorida: é quando uma pessoa evita a formação de casal e se permite o acesso sexual eventual com a leveza das relações de amizade.	Toda a leveza é bem-vinda. Mas objetamos que não estamos presos a ela. Podemos e queremos relações com variados níveis de profundidade e continuidade.
3	Relação livre: é quando a pessoa mantém autonomia e plena liberdade pessoal seja lá qual for a relação sexual/afetiva e em qualquer circunstância de estabilidade.	Nossa maior dificuldade é que esta visão pressupõe pessoas muito livres, não possessivas e não ciumentas. E como toda a ordem cultural está oposta a isto, há um número limitado de pessoas com quem isto pode hoje ser vivido plenamente. Na rede RLI/RS você encontra estas pessoas.

4	Relação aberta: é quando de forma consensual um casal de namorados acerta o direito comum a outras relações simultâneas mas na condição de serem secundárias	Na cultura RLI não combinamos um “certo espaço” de liberdade. Isto é pleno antes, durante e depois de qualquer relação. E com as diferentes pessoas teremos diferentes relações devido à singularidade das combinações. Mas em hipótese alguma temos a “relação oficial” e as “secundárias”.
5	Casamento aberto: é quando de forma consensual pessoas casadas refluem de sua monogamia original e reascertam suas normas incluindo o direito de cada um a outras relações simultâneas, mas na condição de serem secundárias e invisíveis.	Se relação aberta nos parece problemático, casamento aberto só agrava. RLI é um ser social livre do casamento.
6	Suingue: é quando de forma consensual pessoas casadas realizam trocas de parceiros em encontros/festas reservadas, estas restritas à órbita sexual e com formal exclusão de envolvimento afetivo.	Um RLI não consegue suportar a ideia de ter relação sexual na condição de não ter outros laços (de afeto, vínculo etc.). Nem também poderá admitir que seu companheiro lhe determine com quem se envolver ou não se envolver.
7	Poliamor é a possibilidade de ter duas ou mais relações afetivo-sexuais, desde que contenha amor. A liberdade sexual normalmente não é prioritária, ou não faz parte do acordo. Inclui cláusulas de “polifidelidade”; permite a interferência direta dos parceiros na vida sexual-afetiva um do outro.	Andamos juntos quando o assunto é questionar a monogamia. Mas RLI’s não precisam do amor pra justificar suas relações. Nesse sentido o título “poliamor” somente compreende parte do que é ser RLI. Para nós “o amor não pode ser um problema para o sexo e o sexo também não pode ser um problema para o amor”. Sexo e amor podem andar juntos ou separados em uma mesma relação; um RLI possui liberdade em ambos. Poliamor é a possibilidade de ter duas ou mais relações afetivo-sexuais, desde que contenha amor. A liberdade sexual normalmente não é prioritária, ou não faz parte do acordo. Inclui cláusulas de “polifidelidade”; permite a interferência direta dos parceiros na vida sexual-afetiva um do outro.

Fonte: Rede de Relações Livres, 2014.

A Rede de Relações livres aponta como característica que os separam do poliamor, a ênfase no amor e à interferência do outro sobre a relação, remetendo-se às negociações e aos acordos que o poliamor pressupõe. Os RLI’s defendem que não precisam de amor para justificar o estabelecimento das relações e discordam da interferência direta do parceiro no estabelecimento dos limites afetivo/sexual.

A proposta poliamorista defende “novas” formas de se relacionar, visando interações não hierárquicas e de cooperação mútua, buscando garantir à mulher sua liberdade sexual-afetiva, pressupondo que a monogamia é uma prisão. Dentre as críticas à monogamia apontada nos estudos poliamoristas, sintetizamos os seguintes argumentos:

- O problema da exclusividade sexual, uma vez que a natureza biológica dos nossos impulsos sexuais não é exclusiva.
- Restrição imposta à quantidade de parceiros que se pode amar, uma vez que o amor é infinito.
- Crítica ao ideal de amor romântico que idealiza a complementariedade do casal. Esse idealismo frustra o companheiro uma vez que se deposita todas as expectativas de felicidade em uma única pessoa. No poliamor o outro não é a fonte de tudo que almejamos, assim diversificar as relações tende a ser mais satisfatório.
- A infidelidade masculina sempre foi possível de ser praticada na monogamia. A repressão sexual age muito mais sobre a mulher, desse modo, o poliamor defende a igualdade, em que ambos podem exercer sua liberdade afetiva e sexual.

Buscamos nesta exposição traçar uma breve história acerca do ideal de amor romântico inaugurado no século XVIII e a proposta poliamorista que se coloca como alternativa a solucionar os problemas do amor do século XIX.

CAPÍTULO 2. AMOR ROMÂNTICO E IGUALDADE, DESENCONTRO MARCADO

A crítica das teóricas feministas, que descrevemos neste capítulo, é contra o amor romântico e não contra o amor. O amor que as feministas defendem é o que se concilia com outros aspectos da vida da mulher, que não apenas o de amar/cuidar, em que o amor é apenas um valor, dentre tantos, e não projeto de vida da mulher. O amor romântico, que expomos aqui, foi construído para ser parte da identidade das mulheres de tal forma que, quando estas se encontram sem seu par “amoroso”, sentem-se vazias (KOLLONTAI, 2015). Para a bolchevique, Kollontai, a velha mulher do século XVIII é a pura, a que aguarda por um casamento ditoso, a que sofre a infidelidade do marido, a que cai no adultério, ou a solteirona que chora por um amor de juventude não correspondido, a sacerdotisa do amor, etc. (KOLLONTAI, 2015).

Conforme Ana de Miguel (2015) retrata, entender a sociedade como formalmente igualitária pressupõe que a desigualdade já não se reproduz pela legislação de forma explícita. A maior parte das pessoas declaram apoio à igualdade. Não se aceita as ideias de que as mulheres são inferiores, manifestações públicas nesse sentido são fortemente combatidas, ainda mais sob o advento das redes sociais. Apesar desses avanços, substancialmente o machismo e a dominação sobre as mulheres, principalmente através das relações afetivas, permanece. Por isso, é ainda mais fundamental, hoje, compreender a crítica feminista ao amor romântico.

O “amor livre” como alternativa aos problemas do amor não é novo, sobretudo no debate feminista. Apresentamos, aqui, também, como as teóricas feministas têm analisado outras formas de amar, levando em conta a emancipação da mulher, se seriam essas outras formas as mais potentes para desconstruir os papéis de gênero tão arraigados, possibilitando às mulheres a dedicação a outros interesses em suas vidas para além do amor.

2.1 Crítica feminista ao amor romântico

Desde o século XIX, feministas alertaram sobre os perigos do amor romântico para a mulher. Harriet Taylor (1807-1858), filósofa e defensora dos direitos das mulheres, foi original em seu pensamento ao afirmar a dificuldade em pôr um fim na dissimetria nas relações íntimas (GARCIA, 2015). Para esta feminista: “seus amos não quererem apenas seu

serviço de obediência, eles também querem seus sentimentos” (MILL y TAYLOR, 2001, *apud* GARCIA, 2015, p. 64).

Outras teóricas feministas, com críticas eloquentes contra o amor romântico sobre diferentes ângulos, são: a comunista Alejandra Kollontai (1872-1952), a antropóloga Margarete Mead (1901-1978), a filósofa, Simone de Beauvoir (1908-1986), escritora Kate Milet (1934-1985) e Sulamite Firestone (1945-2012) e, mais recentemente, surgem mais vozes críticas ao amor romântico, como a psicóloga Clara Coria, a comunicadora social Coral Herrera, a cientista política Anna Jónasdóttir, as antropólogas Marcela Lagarde, Mari Luz Esteban, e as filósofas Célia Amorós e Ana de Miguel.

Em comum, essas teóricas feministas nos dizem que o amor não se desenvolve da mesma forma para mulheres e homens. O amor universalizado é compreendido como um aspecto espontâneo e natural da vida. A educação para o amor é uma presença cultural tão forte e familiar que seus atravessamentos passam despercebidos (LAGARDE, 2001; MIGUEL, 2015). A tradição de estudos feministas defende que a aprendizagem para o amor é diferenciada para homens e mulheres. Para nós mulheres, o amor tem ocupado o centro de nossa identidade (LAGARDE, 2001).

Segundo Amorós (1991), todo sistema de dominação é um fabricante poderoso de essencialismos. Somos parte de uma cultura religiosa de amar a Deus sobre todas as coisas. A cultura ocidental coloca todo o tipo de amor como centro de aspiração das mulheres (LAGARDE, 2001). Nessa concepção, atribui-se o amor como inato às mulheres. Para Coria (2001), a responsabilidade do amor não só recai sobre a mulher na relação com os filhos e marido, mas com todo ser humano a que a mulher se afeiçoa.

Além da relação entre os casais, o amor entre mãe e filho foi romantizado como amor puro, incondicional. Independentemente do que o outro faça, segue-se amando. Entretanto o amor não se dá dessa forma. Para Coria essa relação entre mulher, maternidade e amor é um erro: “o que define a mulher não é ‘ser mãe’. Em segundo lugar, porque nem toda mãe é capaz de brindar o amor e, finalmente, porque nem todo amor é uma panaceia de bondade” (CORIA, 2001, p. 72, trad. nossa).

Para Elizabeth Badinter (1985), o sentimento materno passa por variações que podem ir de uma indiferença à um sentimento de obrigação por cuidados. A autora não nega a existência do amor materno, contudo, não se trata de algo natural (intrínseco) a toda e qualquer mulher. Logo, não existe o que se chama de instinto materno, pois este é uma construção social que, como vários outros fenômenos sociais, faz referência a um conjunto de valores morais dominantes de uma determinada época.

Adorno (1995), também dirá, sobre contradição e frieza frente à exigência de amor:

O incentivo ao amor – provavelmente na forma mais imperativa, de um dever constituir ele próprio parte de uma ideologia que perpetua a frieza. Ele combina com o que é impositivo, opressor, que atua contrariamente à capacidade de amar. Por isto o primeiro passo seria ajudar a frieza a adquirir consciência de si própria, das razões pelas quais foi gerada (ADORNO, 1995, p. 135).

Pelo amor, as mulheres se colocam em situações de vulnerabilidade: “muitas mulheres chegam a interpretar como atos de amor, atos que na verdade são dependência e submissão”. (CORIA, 2001, p. 85, trad. nossa). Desse modo, as mulheres permitem que seus companheiros as moldem e, assim, se sujeitam. A partir do pensamento de Simone de Beauvoir, Octavio Paz (2006) descreve:

A mulher é um objeto alternadamente precioso ou nocivo, mas sempre diferente. Ao transformá-la em objeto, em ser aparte e ao submetê-la a todas as deformações que seu interesse, sua vaidade, sua angústia e até seu amor lhe ditam, o homem a transforma em instrumento. Meio para obter o conhecimento e o prazer via para atingir a sobrevivência, a mulher é ídolo, deusa mãe, feiticeira ou musa, conforme aponta Simone de Beauvoir, mas nunca pode ser ela mesma (PAZ, 2006, p. 177).

Quando Simone de Beauvoir (2009) afirma que somos a “Outra” ou o “Segundo Sexo”, refere-se a um sentido de referência deslocado. E é nesta perspectiva que colocamos o homem no centro de nosso projeto de vida. Nesse sentido, ser a Outra leva a mulher a crer que só pode aspirar a algo estando ao lado de um homem: “desde que a mulher é definida como a Outra, sua vida entra em estrita dependência, vulnerabilidade e imanência, enquanto que o homem, por oposição, lhe corresponde à independência, à fortaleza e à transcendência é o que leva a dominar o mundo” (BEAUVOIR, 1998, p. 452).

Essa educação diferenciada para o amor segue firmemente reiterando os modelos de feminilidade e masculinidade. Como dissemos, essa aprendizagem se dá pelas relações que estabelecemos, não apenas em casais, mais na relação familiar mais ampla. Para além das experiências do dia a dia que vão marcando as mulheres, a indústria cultural segue produzindo as diferenciações. Como exemplo, encontramos as expectativas geradas pelos modelos de princesa e de príncipe, nos contos infantis (CORIA, 2001).

Nesses contos, a construção dos personagens príncipe e a princesa são bem distintas. O príncipe era um homem livre e ativo e transitava pelo mundo satisfazendo seus desejos, portava a chama do amor que despertaria a princesa. A princesa era paciente e passiva, à espera da sorte de um príncipe para salvá-la de seus problemas (CORIA, 2001).

Essa forma de relação, na qual a mulher se coloca vulnerável e passiva, é que Simone de Beauvoir (2009) denomina como “amar na fraqueza”. Quando a mulher ama na fragilidade ou na vulnerabilidade, demite-se da vida (BEAUVOIR, 2009). Ainda para esta filósofa, ao agir dessa forma, o amor passa a ser um perigo mortal.

Para Kate Milet, (1995) o amor é o ópio para as mulheres, a planta que adormece suas inquietações e que lhes põe a conformar-se com a submissão: “Enquanto amamos os homens governam” (MILET, 1995). Não à toa, é a mulher que, ao final da relação, mais se desestabiliza, já que durante a relação ela se anulou ou se fez patética ao se fundir e ser aceita pelo outro:

Não são poucas as mulheres que sofrendo a separação de um amor que se acabou, confundem a dissolução de um vínculo concreto com de um vazio definitivo que as leva sentirem se com menos valia e "quebrada" [...] Não são poucas as que ficam enredadas em uma trama simbólica que lhes leva a sentirem vazias e com uma vida sem sentido (CORIA, 2001, p. 92, trad. nossa).

Os homens amam e também querem se fundir, mas este estado dura pouco. O desencontro amoroso é doloroso para ambos, mas os homens seguem tocando outros projetos que também lhe são importantes (LAGARDE, 2001; CORIA, 2001; BEAUVOIR, 2009). Daí a importância de se explicitar as relações entre o amor e o poder e a não igualdade nas relações. Como afirma Ana de Miguel (2015, p. 89, trad. nossa): “As mulheres não apenas investem demasiada energia de suas vidas no amor, como acabam subordinando seus projetos de vida aos parceiros. Como em tantas outras coisas, a relação das mulheres com o amor é contraditória”.

Marcela Lagarde (2001) sugere que se quebre com a ideia de que amar é natural, por isso não há necessidade de conhecer essa questão. Para que as mulheres consigam reconhecer seus papéis nas relações e, possivelmente, modificá-los, é necessário, segundo esta antropóloga, conhecimento, autoconhecimento e autossuficiência financeira. Uma vez que não se tem claro, ou que não se esteja na busca por clarear o próprio projeto de vida, a busca será ocupada pelo querer do outro, acreditando ser esse um interesse seu, genuíno.

Se, por um lado, a indústria cultural diferencia pelo gênero o modo de conceber o amor, por outro, há uma tentativa de apontar que o amor iguala as pessoas, rompe as barreiras, uma vez que estão juntos são iguais e se complementam. Para Shulamith Firestone (1970), o amor romântico é o amor corrompido pelo sistema de poder que reforça a desigualdade de classes:

O amor se torna complicado, corrompido, ou dificultado por um desequilíbrio desigual de poder. Vimos que o amor requer uma vulnerabilidade mútua, ou se torna destrutivo. Os efeitos destrutivos do amor só ocorrem num contexto de desigualdade. Mas, por ter a desigualdade sexual permanecido uma constante - embora seu grau possa ter variado - a corrupção do "amor romântico" tornou-se uma característica entre os sexos (FIRESTONE, 1970, p. 151).

O feminismo interseccional compreende que as mulheres carregam diferentes marcadores sociais: gênero, orientação sexual, raça, etnia e classe social. Tornar-se o que se é está totalmente relacionado a esses marcadores. A tão almejada transcendência pelo amor é uma experiência que as mulheres negras têm apontado que não estão vivendo. No ensaio de bell hooks¹⁴, *Vivendo de amor*, a escritora fala dessa ferida que as mulheres negras carregam:

O sistema escravocrata e as divisões raciais criaram condições muito difíceis para que os negros nutrissem seu crescimento espiritual. Falo de condições difíceis, não impossíveis. Mas precisamos reconhecer que a opressão e a exploração distorcem e impedem nossa capacidade de amar. [...] Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, "feridos até o coração", e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e conseqüentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando (hooks, 2000).

No caso das lésbicas, Adrienne Rich (2010) afirma que o padrão hegemônico invisibiliza suas existências criando uma escala que oscila entre os valores de desviante ao odioso. Dentro dos mecanismos do machismo, a lésbica é aceita, estando fetichizada como produto dirigido ao prazer masculino, isenta de emoções e profundidade, negando sua existência como autônoma, uma vez que confronta várias bases da heterossexualidade compulsória.

Desse modo, as mulheres brancas, negras, periféricas, indígenas, intelectuais, militantes, operárias, lésbicas são diferentes e, em comum, são mulheres. Assim, as diferenças devem ser reconhecidas para a construção de uma comunidade e não para a segregação, como afirma Audrey Lord:

[...] como mulheres, temos sido ensinadas ou a ignorar nossas diferenças, ou a vê-las como causas de separação e suspeita ao invés de forças de mudança. Sem comunidade não há libertação [...]. Comunidade não deve significar uma supressão de nossas diferenças, nem a pretensão patética de que essas diferenças não existam. Aquelas de nós que ficam fora do círculo de definição do círculo de mulheres aceitáveis de nossa sociedade; aquelas de nós que foram forjadas dos cadinhos de diferença – aqueles de nós que são pobres, que são lésbicas, que são negras, que são

¹⁴ A grafia do nome com letras minúsculas é parte da estratégia de posicionamento de hooks: mulher, negra, descendente de uma história de opressão e pobreza, defende que o nome não deve ser maior que a obra. Em alinhamento com seu posicionamento, mantemos a grafia em minúscula.

mais velhas – sabem que a sobrevivência não é uma habilidade acadêmica. Sobrevivência é assumir as nossas diferenças e a torná-las forças (LORD, 1984).

Para Marcela Lagarde (2001), a educação amorosa é patriarcal e precisa ser revisitada para não que não se contorne o problema sempre. Em sua obra, a antropóloga chama a atenção para uma ética feminista de amor, em que, além do amor deixar de ser o centro da vida, as mulheres devem pactuar entre si uma sororidade que não as permita subjugar as companheiras nas relações, pois se entende que ser infiel, hierarquizar, subjugar uma mulher está relacionado a fazer isto consigo mesma.

Acerca dos modelos insatisfatórios nas relações e, sobretudo, em repúdio à naturalização da sujeição da mulher, Alexandra Kollontai contava com uma nova mulher em curso que superasse o estereótipo de gênero construído no século XVIII. E o que seria a Nova Mulher na visão de Kollontai? E para as anarquistas e feministas radicais? Veremos adiante.

2.2 Comunistas, anarquistas, radicais e o amor livre

A revolução Russa, iniciada em 1917, também põe em pauta a amor livre como uma ideologia a ser adotada na construção de uma sociedade comunista que estava em curso. Os revolucionários tinham ideias de como mudar cada aspecto da vida. A tomada do poder pelos trabalhadores e camponeses esboçava uma tentativa de criar um mundo melhor e mais justo. Os camponeses tomaram as terras dos nobres. Os trabalhadores tomaram as fábricas. Em todos os lugares se discutiam novas ideias a respeito da política da produção, da educação, religião, arte, arquitetura e do direito. Porém, operários em grande massa trabalhavam muito, ganhavam pouco, pois herdaram um país em colapso econômico e ambiente hostil. (GOLDMAN, 2010).

A emancipação da mulher nesse contexto não era uma questão secundária ou subordinada, mas sim uma tarefa central da revolução proletária fundada em quatro pilares programáticos: a incorporação das mulheres ao trabalho assalariado; a socialização do trabalho doméstico; a extinção da família e o amor ou a união livre¹⁵. Entretanto, poucos eram os militantes bolcheviques que contribuíram com afinco com a agenda da emancipação da mulher. A feminista bolchevique Alexandra Kollontai já apontava o desafio do posicionamento das socialistas. Nesse contexto, elas passaram a promover encontros

¹⁵ A união livre está relacionada à dissolubilidade do casamento.

exclusivos de mulheres para fortalecerem suas pautas e defendê-las no grupo ampliado (GARCIA; 2015).

Os principais defensores dessa agenda foram August Bebel (1840-1913), Clara Zetkin (1857-1933), Alexandra Kollontai (1872-1952). Dentre essas, Kollontai, ministra do Bem Estar no primeiro governo de Lênin, defensora da união livre, salários iguais para as mulheres, legalização do aborto e a socialização do trabalho doméstico e do cuidado com as crianças, dá um passo à frente pela defesa dos direitos das mulheres:

Kollontai não se limita a incluir as mulheres na revolução socialista, mas reflete e teoriza o tipo de revolução que as mulheres necessitam para romper com os séculos de servidão material e espiritual e acender na igualdade. Não basta com a abolição da propriedade privada que as mulheres sejam incorporadas na produção, é necessário uma revolução na vida cotidiana dos costumes forjar uma nova relação de mundo entre os sexos (MIGUEL, 2015, p. 14, trad. nossa).

Dos variados temas de sua obra, Kollontai se dedica a abordar as contradições que as mulheres enfrentam entre amor, trabalho e ego. Para esta bolchevique, a “Nova Mulher” se relaciona com o amor como um aspecto valoroso de sua vida, mas não o centro. As mulheres contemporâneas precisam ter um trabalho, uma disciplina e força de vontade para vencer os resquícios dos sentimentos das mulheres antigas e também contam com esse novo homem que desconhece a preciosa e completa amizade amorosa. (KOLLONTAI, 2015).

Em sua autobiografia, Kollontai relata: “jamais permiti que meus sentimentos de alegria ou de dor de amor, ocupassem o primeiro lugar da minha vida, porque a criatividade, a atividade de luta sempre esteve em primeiro plano” (KOLLONTAI, 2015, p. 38). Kollontai reconhece que seus grandes feitos e de suas companheiras só foram possíveis por compreenderem que o amor não é o centro, mas ainda assim, poderiam ter ido mais além se não tivessem que colocar tanta energia para enfrentar a intervenção masculina em suas subjetividades.

Na experiência de Kollontai, essas esferas (amor, trabalho e ego) combinavam-se por pouco tempo, de modo que passou a reconhecer um padrão de começos e términos de suas relações. Para a bolchevique, as interrupções culminavam no momento em que os homens demandavam mais do que ela estava disposta a oferecer, pois seu foco era o trabalho. Suas separações não eram em função da falta de amor, mas por sentir-se invadida pelos sacrifícios que lhe colocavam os relacionamentos. Quando isso acontecia, rebelava-se. Kollontai descreve que, em suas relações, nenhum homem a tutoreava ou a guiava, pelo contrário, às vezes era ela quem estava nesta posição.

Kollontai compreendia as relações íntimas como uma perda de tempo, pelo consumo inútil de energias, dado que os processos de dominação tentariam se instaurar e a relação se romperia. Por outro lado, no fundo, sentia necessidade de compreensão. Mesmo que as relações ocupassem um lugar secundário, a dor por todo esse processo também lhe consumia. Preferir estar só e desejar estar junto foi seu conflito permanente. Quanto mais a militância a desafiava, sentia desejo de estar rodeada de amor, mas, quando ele acontecia, sentia que sua liberdade corria risco.

Até mesmo a “Nova Mulher”, na qual esta bolchevique se projetou, viveu este conflito por um “Novo Homem” que não despertou. Quando Kollontai aborda a questão feminina, aborda o problema do reconhecimento de sua individualidade. Entretanto, quando a mulher se estabelece no vínculo amoroso como sujeito menos vulnerável, dificulta o domínio do outro sobre si, fazendo-se mais propensa a viver relações autênticas.

A ideologia comunista do amor, para esta feminista, está relacionada aos aspectos de sensibilidade e delicadeza não apenas com o par, mas com os membros da coletividade. Quando for possível uma sociedade comunista, o amor e a solidariedade terão poder análogo. Diferentemente da moral burguesa, que exige tudo para o amado, a “moral proletária” prescreve tudo para a coletividade (KOLLONTAI, 2015).

O anarquismo, no que tange à formulação de uma nova moral sexual e às relações entre os sexos, propôs a emancipação da mulher, o fim do casamento monogâmico, o direito à maternidade voluntária, o divórcio e o amor livre. Isso não significa que todos anarquistas aderem a esta agenda. As mulheres anarquistas brasileiras, por exemplo, Lacerda de Moura (1887-1945) e Miriam Moreira Leite, conhecidas por sua militância e produção intelectual, em suas biografias, apontam que suas opções eram monogâmicas (RAGO, 1994).

Contudo houve experiências que se empenharam em colocar em prática a ideologia anarquista, sobretudo considerando o amor livre. Segundo a historiadora Wendy Goldman (2014), desde o século XII, na França, a igreja já acusava diversos grupos de uniões livres de seitas heréticas e libertinas. A historiadora comenta aparições de comunidades de amor livre, no século XIV, na Alemanha, e no século XVII, no Reino Unido.

A partir disso, alternativas entre casamento e união livre passaram a ser mais difundidas e experimentadas por diferentes grupos. Os *ranters* e os *levellers* eram seitas mais radicais do amor livre entre os anos 1640 e 1650. No entanto, mesmo na diversidade de formas de relação, ainda assim, os homens mantinham seus privilégios renegando a igualdade de direitos com as mulheres. As mulheres acabam assumindo os cuidados com os filhos e da casa e os homens partiam.

Até mesmo em movimentos utópicos, sob a forte influência do anarquismo e do socialismo – idealizados por Saint-Simon (1760-1825), Charles Fourier (1772-1837) e Robert Owen (1771-1799) – na prática as atividades relacionadas à socialização do lar continuaram sendo exclusivas das mulheres.

No Brasil, sob o reinado de D. Pedro II, de 1890 à 1894, a Colônia Cecília foi marco da experiência de anarquismo. Sua fundação ocorreu nas terras de Palmeira, cidade do Paraná. O idealizador da Colônia Cecília foi Giovanni Rossi (1856-1943), veterinário, agrônomo e anarquista, leitor de Fourier. Esgotadas as possibilidades nas terras italianas, se muda com mais cinco pessoas para o Brasil. Nesta pequena sociedade buscou aplicar os princípios socialistas não apenas de produção, mas também às relações pessoais e amorosas.

De maneira geral, hoje, os militantes anarquistas da Colônia Cecília do sexo masculino e feminino, na faixa etária dos 60, 70 e 80 anos de idade, revelam que as relações afetivas eram tradicionais, que não havia a prática do amor livre (RAGO, 1994). Por outro lado, Hadassa Grossmann, em trabalho recente sobre *La Femme ou Secteur Ouvrier Au Brésil*, conclui que o amor livre era vivenciado nesta comunidade, entretanto na divisão do trabalho era sexista, as decisões da comunidade cabiam aos homens e as mulheres eram responsáveis pelos cuidados. (RAGO, 1994). A Colônia Cecília durou quatro anos, e Giovanni Rossi alega que o fim dessa experiência não estava relacionada aos ideais anarquistas, mas sim à pobreza (NETO, 2005).

Acerca da crítica ao amor burguês, demandado pelos socialistas utópicos e que propõe o amor livre, Kollontai questiona: qual a vantagem do amor livre para a “nova mulher”, com seu recém direito a amar, enquanto não existe o novo homem capaz de compreendê-la? E segue:

Será que a psicologia do homem de hoje esta realmente disposta a admitir o princípio do amor livre? E o ciúmes que aranha até os melhores espíritos? E esse sentimento, tão fortemente enraizado de direito de propriedades não somente sobre o próprio corpo, se não também sobre a alma do companheiro? E a capacidade de inclinar-se com simpatia diante de uma manifestação de individualidade de outra pessoa, o costume de “dominar” o ser amado, bem como de fazê-lo seu escravo? E esse sentimento amargo, mortalmente amargo de abandono e de infinita solidão que se apodera de um quando o ser amado já não o quer e não o deseja? (KOLLONTAI, 2015, p. 49, trad. nossa).

Para Kollontai, a ideia de propriedade vicia até a união que pretende ser mais livre. Assim, segundo esta socialista, só em uma sociedade baseada na solidariedade, no companheirismo e na igualdade dos sexos, pode-se chegar ao amor livre. Como primeiro plano, defende as relações de não subordinação, o reconhecimento da individualidade e do

companheirismo. Precisariamos de outra sociedade para vivenciarmos o amor livre (KOLLONTAI, 2015).

Kollontai observa que as proletárias que exerciam o amor livre foram qualificadas pejorativamente como “promíscuas”. Weimbaun analisa o pensamento da bolchevique acerca do que pode ser mais ou menos favorável para aspiração desta “Nova Mulher”:

[...] a disciplina ao invés da afetividade exagerada, a apreciação da liberdade e da independência, ao invés da submissão e da impersonalidade; a afirmação de sua individualidade, ao invés de esforços ingênuos para adequar-se em uma forma pelas devido às expectativas do amado (WEIMBAUN, 1984, p. 10, *apud* MIGUEL, 2015, p. 18, trad. nossa).

Nos anos 1960, o amor e sexo retornam ao centro do debate. Nesse período pós-guerra, os movimentos hippie, feminista, gay, e pela revolução sexual, surgem em resposta à crise da cultura dominante, sobretudo por repudiar a opressão de alguns grupos em detrimento de outros (BADINTER, 1986; CAPELLARI, 2007; GARCIA; 2015). Toda a efervescência da contracultura questionou o sistema de produção e consumo, a exploração dos recursos naturais, o modo de governo e as relações sociais afetivas, sobretudo os padrões afetivos monogâmicos (CAPELLARI, 2007). A arte e a música foram veículos fundamentais dessa contestação. A geração ficou conhecida pelo seu interesse em drogas, sexo e rock and roll¹⁶ e *Make love not war* (LINS, 2013; CAPELLARI, 2007).

Os críticos da monogamia apontaram que o modelo de família nuclear confunde o amor com propriedade emocional e proteção com o isolamento em família (LASCH, 1991). A alternativa seria a união aberta ou a não obrigatoriedade dos compromissos. Essa última visão condena qualquer expectativa ou enquadramento em algum modelo, uma vez que o investimento afetivo deve respeitar as individualidades (LASCH, 1991).

Nesse período, prolifera uma série de estudos sobre as uniões alternativas (FREIRE, 2013). Segundo Nena O’neill e George O’neill (1972), a monogamia seria algo ultrapassado uma vez que o ser humano não é monogâmico por natureza. Assim, os O’neill’s encorajavam que os casais ampliassem a experiência da prática sexual com outros parceiros, mas mantendo uma comunicação honesta (O’NEILL, 1972). Estudos mais recentes, no campo da biologia¹⁷, seguem defendendo que a natureza biológica humana não é monogâmica.

¹⁶ Embora se cantasse o amor, “a música popular da época – rock and roll e pop – emitia gritos de apetite sexual selvagem (I can’t get no satisfaction, I want you!). A inibição e a frustração eram apontadas com o dedo como doenças a serem erradicadas” (MACIEL, 1987, *apud* LINS, 2013, p. 277).

¹⁷ ARASH, 2003; BUSS, 1996; CAMPILLO ÁLVAREZ, 2005.

A efervescência da contracultura mobilizou grupos para discutirem o contexto político. Entretanto, mesmo dentro de ambientes que defendem valores como: justiça, igualdade e liberdade, mulheres enfrentam dificuldades em terem suas pautas reconhecidas. Mais uma vez, por conta própria, as mulheres se organizam para discutir suas questões. Ao se organizarem para discutir os problemas do amor, as feministas radicais provocaram uma revolução na teoria política, analisando as relações de poder que estruturam a família e a sexualidade, percebendo que o pessoal é político (MIGUEL, 2015).

Duas obras fundamentais dessa corrente foram publicadas por Kate Milet, a *Política Sexual* (1969), e por Shulamith Firestone (1970), a *Dialética da Sexualidade*. Juntamente com a obra de Simone de Beauvoir (1949), esses trabalhos deram razões para a segunda onda do feminismo.

Kate Milet (1995) reconhece os esforços, sobretudo do movimento hippie, em tentar destruir o sistema patriarcal, entretanto critica a revolução sexual por não conseguir sair de seu modelo de referência. A falta de valores levou esse movimento a cair nos mesmos estereótipos de valores viris:

[..] a revolução termina por cair nos mecanismos tradicionais de amor e poder e de violência: as mulheres são deusas ou mulas de carga, bonecas ou meretrizes e os homens assassinos insensatos, cujos impulsos não respondem a nenhum afã de liberdade, se não tão somente a seus delírios sexuais (MILET, 1995, p. 592).

Para Firestone (1970), as mulheres “emancipadas” que buscaram se igualar aos homens e seus comportamentos “libertários” se deram conta que estavam reproduzindo o que rechaçavam:

As "mulheres emancipadas" descobriram que "os caras legais" estavam longe do que queriam se equiparar: Descobriram que imitando padrões sexuais masculinos (o olhar volúvel, a busca pelo ideal, a ênfase na atração física, etc.) não só não estavam conseguindo a libertação, mas estavam caindo em algo pior do que aquilo que tinham renunciado. Estavam imitando. E tinham inoculado em si próprias uma doença que não havia sequer brotado de sua própria psique. Descobriram que seu novo barato era superficial e inexpressivo, que suas emoções estavam secando por trás disso, que envelheciam e se tornavam decadentes. Tinham medo de estar perdendo a capacidade de amar. Não tinham ganho nada imitando os homens, apenas superficialidade e imaturidade, e, ainda por cima, não eram tão hábeis quanto eles (FIRESTONE, 1970, p. 167).

Ainda para esta feminista, para satisfazerem seus egos, os homens necessitam de seu pequeno harém de mulheres de maneira simultânea e consecutiva e, nesse sentido, o amor romântico se põe a serviço dessa busca:

O erotismo é o principal componente do romantismo. A constante estimulação erótica da sexualidade masculina, junto com a proibição de sua expansão pelos canais mais normais são planejados para incentivar o homem a olhar para as mulheres apenas como coisas cuja resistência à penetração deve ser vencida. Observa-se que o erotismo opera apenas em uma única direção. As mulheres são os únicos objetos de "amor" em nossa sociedade, a tal ponto que veem a si mesmas como eróticas. Isto funciona para preservar o homem o prazer sexual direto, reforçando a dependência feminina (FIRESTONE, 1970, p. 171).

Nos anos 1960, relembra Ana de Miguel (2015), a revolução sexual implicou a conversão das mulheres em objetos de consumo, ligados ao mercado capitalista. Desse modo, os valores defendidos de reciprocidade, respeito e diversidade, foram cooptados pela indústria do sexo patriarcal:

Proliferaram revistas de mulheres nuas, com *Playboy* e *Penthouse*, mas também as revistas e jornais que mesclavam temas “sérios” com mulheres nuas. Estas coisas, eram entendidas como progressista. Em nosso país, ao fim da ditadura, também se reproduziu a equação das mulheres nuas e liberdade (MIGUEL, 2015, p. 128, trad. nossa).

As feministas radicais queimaram essas revistas em praça pública e também denunciaram a Miss América, como forma de protesto colocaram uma ovelha para desfilarem. As teóricas radicais desenvolveram um aparato crítico para analisar a relação do patriarcalismo com a Revolução Sexual (MIGUEL, 2015).

Acerca do debate amoroso que levasse em conta uma ética amorosa, as mulheres lésbicas buscaram colocar uma ética de amor sobre compromisso e lealdade em primeiro plano. Com o passar do tempo, a comunidade inclina-se a refletir mais sobre sexo do que sobre o amor (MIGUEL, 2015).

2.3 Sociedade formalmente igualitária e estruturalmente desigual

A linguagem das mulheres da revolução francesa inaugurou a primeira onda do feminismo e foi ressignificada nos anos 1960 (AMORÓS, 2005). Simone de Beauvoir, dirá que nós somos “o segundo sexo”, sendo este o título de sua obra. Shulamith Firestone batizou seu trabalho como *A dialética do sexo* e Kate Millet publica *Política sexual*. Esses trabalhos deram razões para o ressurgimento do feminismo, na qual as escritoras apontaram o sexismo que põe o mundo em funcionamento (VALCARCEL, 1994; GARCIA, 2015).

Para essas feministas, falar de sexo é falar de poder (VALCARCEL, 1994). Nesta segunda onda do feminismo, a crítica chave é a “naturalização” que tem justificado a sujeição da mulher (AMORÓS, 2005). A terceira onda feminismo reivindica a categoria de interseccionalidade: classe, raça, gênero e orientação sexual. Entretanto uma das principais dificuldades do feminismo é tornar amplamente visível as desigualdades naturalizadas (MIGUEL, 2015).

O grupo que mencionamos, intitulado “autoconsciência”, iniciado nos anos 1960 e formado por mulheres, reconheceu que suas escolhas no contexto familiar, como ficar com toda a carga doméstica, não eram livres. Isso não partia das livres negociações com seus companheiros. Essa sobrecarga estava relacionada a um sistema de poder patriarcal (MIGUEL, 2015). Para a feminista italiana Carla Lonzi (1931-1982) sua condição de sujeito político nasceu no espaço de reunião de mulheres e, para Simone de Beauvoir, se deu após escrever “o segundo sexo”, relata em entrevista: “Ao escrever *O segundo Sexo* tomei consciência, pela primeira vez, de que eu mesma estava levando uma vida falsa, ou melhor, estava beneficiando essa sociedade patriarcal sem perceber” (GERASSI, 1976, trad. nossa).

Grandes filósofas teóricas levaram tempo para reconhecer que suas “livres escolhas” não eram como pensavam. Antes mesmo de Lonzi e Beauvoir, o filósofo feminista John Stuart Mill (1806-1873) falava sobre a naturalização da sujeição da mulher: “[...] a sujeição das mulheres aos homens é um costume universal, tudo o que daí se desvie é, evidentemente, visto como uma anormalidade. Mas mesmo neste caso, a experiência demonstra-nos à sociedade o quanto esse sentimento está dependente do costume” (MILL, 2006, p. 55 *apud* SOUZA, 2013, p. 499).

Esses últimos duzentos anos de lutas feministas têm proporcionado conquistas de direitos para as mulheres de todo o ocidente, o grau de acesso a esses direitos tem acompanhado o desenvolvimento de seus respectivos países. Dentre as conquistas pelos direitos das mulheres pode-se listar: a possibilidade de votar, de ser eleita, trabalhar, se divorciar, ter direito à herança, à educação escolar formal é igualitária, acesso ao controle reprodutivo pelo uso de anticoncepcional.

A lei do divórcio chegou ao Brasil, há 30 anos. Em 2010 houve uma simplificação na legislação e a tramitação pode ser feita em cartório, não havendo mais a necessidade de uma ação judicial. O IBGE tem acompanhado os índices de separação e apontado que o número de divórcio cresce e 75% da iniciativa parte das mulheres.

A psicóloga feminista Fúlvia Rosemberg (1942-2014), aponta que o governo brasileiro ao longo das últimas décadas têm aderido a uma série de acordos internacionais na área da

educação, comprometendo-se com a igualdade de acesso na educação. No Brasil, no acesso à escola, não há disparidade entre os sexos, e as mulheres cursam mais anos escolares que os homens (ROSEMBERG, 2001).

O acesso das mulheres ao mercado de trabalho têm crescido (PORTAL BRASIL, 2016). Em 2007, as mulheres ocupavam 40,8% do mercado formal de trabalho; em 2016, passaram a ocupar 44% das vagas. O desemprego também afetou menos as mulheres nos últimos cinco anos (IBGE, 2016). A renda das trabalhadoras possui cada vez mais importância no sustento das famílias. Os lares brasileiros estão sendo chefiados por mulheres. Em 1995, 23% dos domicílios contavam com mulheres como pessoas de referência. Vinte anos depois, esse número chegou a 40% (IPEA, 2017; O POPULAR, 2017).

Em 1932, as mulheres no Brasil conquistaram o direito de votar e serem votadas (TSE, 2013). Por dois anos consecutivos o Brasil elegeu, a primeira presidenta mulher, Dilma Rousseff. De acordo com pesquisa realizada e divulgada pela Secretaria de Políticas para Mulheres (SPM), nas eleições de 2008, 6.450 mulheres foram eleitas para o cargo de vereadora. Em 2012, para o mesmo cargo, foram eleitas 7.782 vereadoras (BRASIL, 2016).

Entretanto, nossa estrutura social segue sendo desigual, a começar pela distinção de gênero que é marcada desde o momento do nascimento. Desde quando as meninas nascem elas são visivelmente marcadas por seu gênero. Suas orelhas são furadas para utilização de brincos e, assim, ninguém as confunda com bebês-meninos, sendo tratadas como meninas. As meninas usam rosa e também são chamadas de princesa (MIGUEL, 2015).

A indústria do consumo para os meninos, segundo Miguel (2015), forma uma tríade: futebol, motor e pornografia. Conhecido como a paixão nacional, no Brasil, os garotos sonham em se tornar Neymar, Ronaldo, famosos jogadores de futebol. Ainda que a brasileira Marta seja uma das melhores jogadoras do mundo, o protagonismo é dos homens. O país paralisa para ver os homens em campo. O que é isso senão o androcentrismo? Toda essa indústria do rosa e azul marcam as nossas “livres” escolhas em alguma medida (MIGUEL, 2015).

Na sociedade atual, as mulheres não precisam mais casar para conseguir sua subsistência. Entretanto, as mulheres têm trabalhado mais, estudado mais e ganhado menos. A psicóloga brasileira Fulvia Rosemberg (2001), que dedicou uma série de estudos acerca da educação brasileira, afirma que ainda há fortes dissimetrias relacionadas à educação, entretanto, o modelo de análise das agências internacionais não as identifica, como, por exemplo, a bipolarização nas carreiras humanas e de exatas (com concentração das mulheres

em áreas de humanas); a maior evasão escolar, muito relacionada à maternidade ou à gravidez na adolescência, além do conteúdo sexista dos materiais didáticos.

Apesar do crescimento da representação da mulher na política, o cenário é composto por homens e este retrato não está atrelado ao interesse das mulheres pela política. Entre as eleições de 2008 e 2012, o número de candidaturas femininas para as 5.568 câmaras municipais saltou de 72.476 para 133.864, crescimento de 84,5% (SPM, 2016). No entanto, esse aumento não fez com que mais mulheres fossem eleitas. Em 2012, o percentual caiu para 5,7%. E não se pode deixar de mencionar os ataques misóginos atrelados ao impeachment de Dilma Rousseff.

Em 2006, entra em vigor Lei Maria da Penha, com medidas específicas para o combate à violência contra a mulher. Em 2015, é aprovada a lei do feminicídio. A aplicação da norma se junta à lei Maria da Penha e às políticas criadas para prevenir e punir atentados, agressões e maus-tratos (BRASIL, 2016). Apesar dessas medidas, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) a violência contra a mulher cresce, ou está sendo mais denunciada, sobretudo a violência contra a mulher negra:

No Brasil, a taxa de feminicídios é de 4,8 para 100 mil mulheres – a quinta maior no mundo, segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS). Em 2015, o Mapa da Violência sobre homicídios entre o público feminino revelou que, de 2003 a 2013, o número de assassinatos de mulheres negras cresceu 54%, passando de 1.864 para 2.875 (ONU-BR, 2016).

A situação é ainda pior quando se considera que esses dados se referem apenas às denúncias que chegam. O estudo “Mapa da Violência 2015”, da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, aponta que, no Brasil, 55,3% desses crimes foram cometidos no ambiente doméstico e 33,2% dos homicidas eram parceiros ou ex-parceiros das vítimas (FLACSO, 2015). Para Nadine Gasman, representante da *ONU mulheres* no Brasil, esses dados apontam as combinações das facetas, racismo, machismo nas relações afetivas:

As mulheres negras estão expostas à violência direta, que lhes vitima fatalmente nas relações afetivas, e indireta, àquela que atinge seus filhos e pessoas próximas. É uma realidade diária, marcada por trajetórias e situações muito duras e que elas enfrentam, na maioria das vezes, sozinhas. Os dados denunciam outra bárbara faceta do racismo e amplia a reflexão sobre os tipos de violência sofridas pelas mulheres. É urgente criar consciência pública de não tolerância ao racismo e acelerar respostas institucionais concretas em favor das mulheres negras (FLASCO, 2015).

Anna Jónnasdóttir (1993) afirma que desde que as mulheres se tornaram cidadãs, as ciências, a política, têm lhes sido ambivalentes. Daí a importância de políticas públicas

juntamente com a ação dos movimentos sociais evidenciarem as injustiças e violências contra as mulheres. Quando se passa a contabilizar mulheres que morrem em situação de aborto, pais que negligenciam seus filhos, feminicídio, desigualdade de salários, baixa representatividade de mulheres em cargos de poder, prostituição etc., é possível captar os efeitos sistêmicos desta interconexão e difusão entre os diferentes aspectos da exploração das mulheres (JÓNNASDÓTTIR, 1993) e as armadilhas deste contexto para constituição das subjetividades e seus projetos de vida.

Em uma sociedade meritocrática, sob a justificativa de que todos possuem os mesmos direitos, as desigualdades são explicadas pela falta de esforço das mulheres, afinal, todos têm as mesmas condições. Quando se trata do corpo da mulher, em caso de estupro, as insinuações em forma de pergunta surgem: “mas também ela tinha que por essa roupa? Ficar na rua até essa hora?”. Ou, em caso de violência de gênero ou “terrorismo patriarcal”¹⁸: “Ela escolheu se casar com esse cara, fica nessa situação porque gosta. Se ela apanha e continua com o cara é porque quer”. No caso do exercício da prostituição, “se trabalha com isso é porque escolheu” ou “ela ganha pra isso”. Se engravidou, a responsabilidade, as consequências, os julgamentos recaem exclusivamente sobre a mulher. Essa confusão abre brechas para a invisibilidade e o aprofundamento das desigualdades. Pois, como analisava Kollontai (1968) e mais recentemente tem reiterado Ana de Miguel (2015), em uma sociedade individualizada, que compreende que as escolhas são de responsabilidade individual e não de uma estrutura patriarcal e machista, até mesmo determinados tipos de comportamentos, tidos como transgressores, acabam sendo cooptados por essa lógica.

¹⁸ Terrorismo patriarcal é o termo que Célia Amorós defende como categoria política para falar da violência contra a mulher.

CAPÍTULO 3. A VIVÊNCIA POLIAMOROSA PELO OLHAR DAS MULHERES

Apresentaremos a trajetória afetiva de quatro mulheres poliamoristas para refletirmos sobre as demandas que essas relações geram em suas vidas e o quanto esses laços as potencializam para desenvolver outros interesses em sua vida. Buscamos entender se o poliamor supera efetivamente o amor romântico, superando os papéis de gênero arraigados, as hierarquias decorrentes desses papéis, ou se demanda mais energia das mulheres para a sustentação dessas relações simultâneas, tornando sua individualidade mais vulnerável, sendo mais moldadas pelas demandas de seus parceiros, ou colocando seus projetos amorosos na frente de todos os outros, no centro de suas vidas.

3.1 Aspectos metodológicos

A primeira feminista que ensinou as mulheres a se apoiarem em seu próprio saber como instrumento de combate ao patriarcalismo e ao pensamento misógino foi Christine de Pizan. Em sua obra *A Cidade das Mulheres*, publicada no século XV, a escritora inicia uma conversa existencial. Cansada do discurso maledicente sobre a mulher, questiona por que Deus havia criado as mulheres inferiores aos homens. Diante de seu lamento, sua sala e a própria Christine se iluminam. Surgem três damas alegóricas: razão, retidão e justiça. A razão, a primeira dama a se apresentar, se dirige à aprendiz:

Minha querida filha, não tenhas medo, pois não viemos fazer-te mal, pelo contrário, apiedadas pela tua infelicidade, viemos confortar-te. A nossa intenção é ajudar-te a libertares-te desses conceitos errados que nublam a tua mente e te fizeram rejeitar o que sabes e acreditas de fato ser verdade, só porque tantas outras pessoas revelaram ter uma opinião contrária (PISAN, 2007, p. 10).

As Damas surgem para iluminar o seu interior, para retirar os obstáculos que a impedem de enxergar a realidade e para incentivá-la a acreditar no que sabe. As mestras de Christine vão lhe apresentando mulheres de diferentes períodos históricos e de diferentes áreas do conhecimento. Nessa descoberta, a aprendiz vai compondo uma genealogia de saberes femininos que desconstrói o discurso misógino de poetas, filósofos e profetas que profanaram as mulheres.

A construção simbólica da *Cidade das Mulheres* está ancorada nesta genealogia na qual Christine reconhece e aceita a autoridade das mulheres e juntamente com elas passa habitar a cidade (GARCIA, 2015). Em sua nova morada repleta de saberes de mulheres, Christine encontra refúgio para se autoafirmar e fazer coisas que realmente lhe agradam.

A importância de resgatar as histórias das mulheres significa termos um lugar para onde voltar, espelhar-se, inspirar-se, construir e desconstruir discursos. Na obra *O gênero e a memória*, publicado em 1995, uma equipe de pesquisadoras da Universidade de Barcelona, trabalharam na recuperação das produções filosóficas das mulheres. Na introdução desta obra filosófica, Fina Birulés cita a afirmação de Nietzsche: “é absolutamente impossível viver sem esquecer... no sentido não histórico e histórico, são igualmente necessários” (NIETZSCHE, 1980, *apud* BIRULÉS, 1995, p. 9). Entretanto, questiona Fina, como as mulheres poderão esquecer algo que não lhes fora transmitido? (BIRULÉS, 1995).

Fina, em sua experiência investigativa sobre a história das mulheres, constata dois fatos: a subordinação das mulheres é histórica, porém, há um passado de mulheres digno a se recordar. As investigações da história das mulheres, segundo Fina, evidenciam que ainda há a “necessidade de avançar nas reflexões acerca da memória e da subjetividade feminina” (BIRULÉS, 1995, p. 14).

Ao narrar sua história, o sujeito fala de uma experiência intimamente ligada à conjuntura social que se encontra. Segundo a filósofa marxista Silvia Lane (2013), a realidade é construída historicamente de modo que devemos levar em conta a história para compreender o indivíduo em sua totalidade (LANE, 2013). Portanto, a partir dessas experiências, nos referiremos a processos históricos, relacionados a amor e poder dentro do debate feminista. Para tanto, é necessário estabelecer a relação dialética entre objetividade e subjetividade na constituição do psiquismo humano, como recomenda Lane (2013).

Tendo em vista essa reflexão, convidamos as mulheres entrevistadas nesta pesquisa a construir uma narrativa de sua trajetória afetiva até chegar ao poliamor, descrevendo como eram essas experiências concretas no dia-dia. Essa pesquisa tomou como ponto de partida para essa investigação o que as mulheres do grupo de discussão “Poliafetividade” apontaram como problemático em suas relações. Como recomenda a filósofa feminista, Sandra Harding: “Comece pela vida das mulheres para identificar em que condições, dentro das relações naturais e/ou sociais, pode ser útil (para as mulheres) que se interogue dessas situações” (HARDING, 1998, p. 33).

Partindo das queixas manifestadas no grupo “Poliafetividade” pelas mulheres, essa pesquisa buscou conhecer com maior profundidade suas experiências. Realizamos quatro

entrevistas semiestruturadas, uma delas com Fernanda, moderadora do grupo que, aproximadamente, há quatro anos mobiliza os encontros; outra informante da pesquisa é Laura, que tem contribuído politicamente para dar visibilidade ao tema com participação em documentário a respeito. As outras duas são Sonia e Madalena, que aceitaram o convite publicado no grupo virtual de discussão do poliamor no *Facebook*. Optamos por conhecer a experiência de mulheres com um posicionamento não apenas pessoal acerca das relações poliafetivas, mas também político.

Buscamos compreender, nessas narrativas, quais são as inquietações que levam as mulheres a buscarem ou a viverem experiências poliamoristas? O que esta prática questiona? Até que ponto ela rompe com os modelos insatisfatórios das relações? Quais as dificuldades enfrentadas pelas mulheres nas relações poliamoristas? O que as mulheres buscam num grupo de discussão de poliamor? Até que ponto vale a pena lidar com os desafios do poliamor?

Mesmo levando perguntas previamente formuladas, abrimos espaço para que as informantes respondessem livremente. Suas reflexões nos levaram a novos questionamentos que não estavam no roteiro previamente estruturado.

Neste terceiro capítulo, apresentamos trechos dessas experiências buscando dar ênfase à dimensão crítica dessa narrativa levando em conta dois aspectos que são centrais para esta pesquisa: a centralidade do amor no projeto de vida e a desigualdade nas relações, para debatermos as possibilidades de desconstrução do amor romântico no poliamor. São quatro trajetórias de mulheres nas relações poliamoristas, sendo que uma dessas trajetórias, a de Fernanda, se integra ao relato da formação do grupo “Poliafetividade”.

Apresentaremos a trajetória afetiva de quatro mulheres poliamoristas para refletirmos sobre as demandas que essas relações geram em suas vidas e o quanto esses laços as potencializam para desenvolverem outros interesses e projetos. Das quatro participantes da pesquisa, Fernanda foi a única com quem tive um contato prévio, por conta dos encontros presenciais do grupo. Iniciei todas as entrevistas, apresentando o termo de consentimento livre e esclarecido¹⁹, bem como a proposta da pesquisa em termos gerais, até porque precisávamos analisar as narrativas para pensarmos no desfecho do estudo, assim como necessitávamos do aprofundamento do estudo teórico para problematizar as experiências.

Estas mulheres são de diferentes regiões do país, do Sudeste e Centro-oeste. Por conta das distâncias, duas entrevistas foram realizadas por *Skype* e outras duas presencialmente. As

¹⁹O termo se encontra anexo. Nele, o título desta pesquisa ainda é o antigo, do projeto de pesquisa.

entrevistas duraram de 1 a 3 horas. Todas foram gravadas e transcritas. A caracterização das informantes está descrita na tabela abaixo:

Tabela 3. Perfil das Mulheres entrevistadas para a pesquisa²⁰.

Nome	Idade	Raça	Grau de instrução	Orientação sexual	profissão	Filhos
Fernanda	34	Parda	Superior	Bissexual	Org. eventos	S/filhos
Madalena	38	Branca	Superior	Bissexual	Coaching	1 filho
Sonia	47	Branca	Superior	Heterossexual	Gestora	5 filhos
Laura	28	Branca	Mestranda	Bissexual	Atriz	S/filhos

Fonte: Confeção própria.

Assim, vislumbramos que esta pesquisa possa contribuir não apenas com o debate sobre o tema, mas que neste exercício da narrativa da trajetória afetiva, as narradoras tenham se beneficiado desse processo elucidativo que é o ato de recordar, sendo este o pressuposto da metodologia adotada, que esta atenda uma dimensão ética de uma práxis em psicologia social e do feminismo.

3.2 Narrativas de vida

Com objetivo de tornar a leitura mais fluída, editamos as narrativas, mas o conteúdo não foi alterado, pois segundo Mariana Antunes (2010, p. 125), manter “vícios de linguagem, erros de concordância comuns à linguagem falada, espaços de silêncio e titubeios, [somam] em prol de uma aproximação mais precisa do discurso da narradora”. Apresentaremos os aspectos fundamentais dessas histórias, mas de modo resumido. Juntamente com os trechos transcritos, acrescentamos considerações relacionadas à nossa compreensão do que foi narrado. Faremos apenas a apresentação das trajetórias afetivas nesta etapa

Na etapa seguinte, utilizaremos a teoria feminista, as produções poliamoristas e os trechos das narrativas para subsidiar a análise deste material.

²⁰ Substituímos os nomes das participantes para mantermos a confidencialidade, conforme acordado.

3.2.1 Fernanda e o grupo “Poliafetividade”

Fernanda, além de compartilhar suas experiências afetivas para esta pesquisa, também relata sua experiência como moderadora do grupo e como tem percebido esse movimento das mulheres. Há mais de quatro anos, modera o grupo “Poliafetividade”, que tem dado foco mais específico ao debate sobre a posição das mulheres nas relações poliamorosas.

Antes de chegar ao grupo, Fernanda relata que desde suas primeiras relações, sentia que não se encaixava nos caminhos que as relações afetivas tradicionais apontavam. Aos 19 anos, estabeleceu um namoro com uma mulher que duraria três anos. Nessa relação, por exemplo, havia muitas crises de ciúmes. Sua parceira demandava manifestações de ciúmes como um modo de demonstrar amor: “tipo assim: ah, você não vai reclamar? Eu tinha que me incomodar com alguma coisa de ex parceira. Era como se o ciúme tivesse que fazer parte da relação. Quando eu fui ver a relação ativou essa questão de ciúme dentro de mim”.

Nos relacionamentos com as mulheres, Fernanda ressalta que havia a questão dos ciúmes, quando partiu para as relações abertas com os homens, aparecia uma questão da hierarquização que a incomodava: “quando a relação deles terminava, eles se reaproximavam de novo, isso super me incomodava, mas também não teve nada assim: vamos ter um relacionamento aberto? Vamos tentar assim ou assado?”.

Essas experiências levaram-na a não ter interesse em se aprofundar nas relações:

Eu sempre procurei ter relações eventuais, rápidas, tipo relações sexuais. A gente convive por um período sem vínculos maiores, durante bastante tempo. Ficar solteira e não ter vínculo com ninguém foi alimentado por mim, como talvez até uma forma de defesa: “Tá bom, desse jeito também não quero me relacionar, então pra evitar problemas maiores, dores maiores, não vou criar vínculo entre as pessoas” e foi assim durante bastante tempo. E assim, durante alguns momentos eu me via apaixonada, super envolvida com a pessoa e essa pessoa não queria criar vínculo, então você também tem que lidar com isso, novos parceiros. Você tenta de um lado e de outro se relacionar e a pessoa não quer...mas foi isso, no geral foram relações rápidas, curtas com essas dificuldades maiores e então eu senti que minha própria liberdade sexual poderia ser (trecho inaudível).

A busca por relações poliafetivas, para Fernanda, está relacionada a uma dificuldade de encontrar parcerias em que as autonomias estivessem sendo vivenciadas e respeitadas e a busca de um grupo de discussão está relacionada à necessidade de trocas de foro íntimo que problematizassem essas dificuldades.

Por intermédio de um amigo, Fernanda se inseriu no grupo virtual que tinha como proposta falar das dificuldades das relações com propostas mais livres e convidou outras amigas e amigos para adentrarem. Depois de um tempo de participação no campo virtual, passaram a organizar encontros presenciais. A cada encontro, o número de participantes crescia.

Dentre uma série de regras construídas para participação no debate em grupo, a moderação declarava o repúdio a comentários machistas. Manifestações deste tipo, algumas vezes, foram tratadas publicamente com o responsável pelo comentário. Em outras situações, as moderadoras apontavam o ocorrido e informavam a exclusão do membro do grupo. As moderadoras pediam para que as mulheres participantes também ficassem atentas e que as procurassem diante de algum desconforto causado por alguma abordagem abusiva no grupo ou enviada em mensagens privadas.

Quando as pessoas se aproximam do grupo “Poliafetividade”, no primeiro momento, o que é relatado é que ambos, mulheres e homens, desejam vivenciar sua liberdade sexual e se inserem no grupo de discussão para que possam ter respaldo na relação e isso não vire uma dor de cabeça. Entretanto, nos encontros, o que mais se evidenciou foi a dificuldade dos homens em lidarem com a liberdade sexual das mulheres:

Tinham muitos casos que chegavam que eram: “eu (homem), como vou lidar com a liberdade da mulher que eu tenho relacionamento já um tempo sem que eu tenha que negligenciar a liberdade dela?” E aí é uma dificuldade em ambos os casos esse processo de desconstrução de todas essas normas, valores, processos que estão arraigados em cada um. O homem tem um lugar de poder sobre a mulher muito forte, esse privilégio de poder ter as relações que ele quer. Então ele pode falar eu quero abrir relação e agora não quero mais.

O reconhecimento desse lugar de poder que os homens ocupam na relação tem levado as mulheres a buscarem o debate. Segundo Fernanda, era comum ouvir que a experiência da abertura da relação levou as mulheres a se aproximarem do feminismo. Ela sintetiza essa reflexão com a seguinte frase: “mirei nas relações livres e acertei no feminismo”. Com recorrência, feminismo e emancipação da mulher estavam presentes nos debates.

Este grupo passou por diversas moderações e Fernanda esteve em todas as transições. Nas últimas formações, decidiu-se estrategicamente que a moderação caberia às mulheres. A mudança pela moderação exclusiva de mulheres está relacionada ao fato de um dos ex-moderadores – homem – ter sido denunciado por algumas de suas parceiras afetivas por comportamento abusivo. Desse modo, a moderação de mulheres busca oferecer um ambiente mais amigável para se expressarem e dar mais atenção a possíveis comportamentos machistas.

As moderadoras sentiam-se responsáveis em alguma medida por alertar ou intervir em situações que pudessem constranger as mulheres. Como o nome do grupo remete à possibilidade de maior liberdade nas relações, era comum os homens buscarem o espaço para conseguir sexo fácil. Claro que não era proibido que os membros buscassem relacionamentos íntimos/afetivos, mas o grupo priorizava o debate e a busca de um entendimento em como tornar possível e ético a relação poliafetiva.

No espaço virtual e presencial, as moderadoras e participantes problematizavam e expunham seus conflitos. Eram comum postagens de artigos para provocar reflexões acerca das implicações dessas relações para as mulheres. Dentre os textos circulados, destacam-se: *Sobre aquela mesma coisa disfarçada de amor livre* (VITA, 2015); *Uma crítica às relações livres* (JUNO, 2014); *Por que é tão difícil praticar amor livre?* (COUTO, 2015); *A imposição do seu amor livre pra mim não é novidade* (BACELAR, 2015); *Por que o poliamor e as relações livres podem ser privilégios para os homens?* (BEIRA, 2014). Entretanto, adeptas das relações poliafetivas queixavam-se da falta de produções que abordassem o tema, como aponta Fernanda:

O grupo sempre teve dificuldade pra encontrar material que discutisse as relações poliafetivas, relações livres, amor livre, relações que fossem chamadas não monogâmicas e que discutisse a monogamia. A gente encontrava na internet produções independentes, pessoas que de alguma maneira estavam falando coisas que a gente sentia afinidade e que aquela informação fosse ao encontro com os nossos pensamentos.

Nesses encontros, exibiam-se filmes e debatiam-se textos. Pessoas de outros lugares do Brasil, inclusive de outros países, começaram a participar, surgindo mais trocas de conteúdo. Para que esses materiais ficassem mais acessíveis, passaram a ser arquivados no grupo virtual: “então foi um lugar, foi um espaço, um campo possível para se colocar as dificuldades, as dores e aprender, porque sempre tem um aprendizado, tanto que os nomes dos grupos levavam esse nome (cita os nomes que o grupo recebeu remetendo a aprendizagem)”.

Fernanda reconhece que sua aprendizagem sobre o que eram as relações abusivas, a heteronormatividade, relações de poder vinculadas ao sexo, a diferença entre a liberdade sexual e liberdade emocional, se deu nesse espaço e com o tempo conseguiu chegar a uma posição mais clara e dizer: “é porque o papel da mulher é sempre de subordinação ao homem, existe uma relação de poder”. Compreendendo mais o problema da monogamia, o grupo tinha como objetivo discutir como lidar com os problemas das relações poliafetivas:

De repente a gente foi prum campo de poliafetividade, de relações múltiplas e tal pra gente chegar num lugar de autonomia sabe? E pensar que importância é dada para as relações afetivas/sexuais na vida das mulheres, acho que esse é o caminho que vai se elucidando, que vai se evidenciando, que foi, foi, foi, foi, até a gente perceber que é importante ter uma relação responsável com um outro, pra sair desse campo tão apegado, tirar esse peso.

Entretanto, as militantes das relações polifetivas apontaram que até mesmo entre os homens participantes do grupo, que se afirmavam “desconstruídos”, seguia-se reproduzindo padrões de comportamento machista. À medida que os conflitos passaram a ser compreendidos como algo sistemático em outras relações, os encontros foram ganhando temas.

Porém, ainda assim, apostavam nas relações abertas ou poliamorosas como a melhor alternativa para lidar com os problemas do amor, sobretudo na defesa da autonomia do corpo das mulheres como relata Fernanda:

Os homens sempre foram criados para uma autonomia do corpo, sem responsabilidade afetiva: as mulheres são criadas para serem responsáveis afetivamente, mas sem a autonomia do corpo. O que a gente tem de exemplos de autonomia? Temos o exemplo do gênero masculino de autonomia. Nesse processo todo, acho que as mulheres estão buscando a autonomia do corpo, e eu tenho esse conflito de que com a responsabilidade afetiva ao mesmo tempo.

A convivência entre os participantes para debaterem o tema culminou em laços poliafetivos, gerando novas demandas para a solução de conflitos em grupo. As dissimetrias nas relações passaram a serem identificadas mesmo entre os membros do grupo. Diante dessa situação, o grupo modificou suas dinâmicas de debate. Para criar um ambiente encorajador para exposição dos conflitos e para que não houvesse o “sequestro de fala” das mulheres, atitude corriqueira dos homens do grupo, interrompendo ou desencorajando falas femininas, passou-se a organizar encontros exclusivos de mulheres.

Nas rodas, as mulheres apontavam uma série de comportamentos machistas que reconheciam em suas experiências. Na tentativa de contribuir com o debate, as moderadoras começaram a compartilhar artigos que faziam críticas às relações abertas para que as mulheres conseguissem identificar esses comportamentos e colocassem limites. As mulheres mais militantes da prática defendiam que, em uma relação onde outras mulheres estivessem envolvidas, estas deveriam se aliar. Uma das alianças, por exemplo, seria não rivalizar.

Para analisar os conflitos que atravessavam suas experiências, participantes do grupo utilizavam os termos: interseccionalidades de opressões sobre as mulheres, responsabilidade

afetiva, sororidade, privilégios, objetificação, fetichização, hierarquização, dissimetria, ciúmes como sinônimo de posse, machismo, entre outros. Ou seja, o grupo não aliviava em seu discurso crítico contra os abusos nas relações, reconhecia suas armadilhas, principalmente para as mulheres, e trocava experiências sobre como as mulheres poderiam se fortalecer nas relações.

Em um dos encontros, o exercício foi listar privilégios que se manifestam nas relações poliafetivas, entre eles: de gênero, raça, classe social, nível de formação etc. Na medida em que os privilégios eram pontuados, debatia-se de que maneira alguém da relação estaria se favorecendo em detrimento de outros. Nessa discussão, apontou-se como os privilégios estão relacionados com a hierarquização nas relações e os espaços possíveis de abuso.

A grande maioria dos participantes desse grupo se posicionava como feminista e possuía um discurso inflamado acerca das injustiças nas relações. Elas se colocavam como críticas à monogamia, dando ênfase ao papel de sujeição das mulheres nessas relações. As relações poliafetivas eram apontadas como uma alternativa para que a mulher não se submetesse a seu companheiro e nem reprimisse seus desejos. Para as mulheres do grupo, a autonomia da mulher passava pelo exercício da liberdade sexual e de suas emoções.

Passado esse tempo de debate com o grupo e as leituras, Fernanda considera ter uma visão mais clara sobre as relações:

ocê se dedica muito quando ocê está se relacionando, se dedica muito a determinado indivíduo então dá uma atenção muito grande a uma pessoa. Então se ocê tem mais de uma relação ocê vai ter que compartilhar, dividir. Isso é um lugar que eu aprendi na minha última relação que foi uma experiência maior de relação mais aberta com uma mulher com quem durante um ano pudemos vivenciar outros relacionamentos.

Acerca dessa experiência, Fernanda relata:

Você tem que lidar com mais de uma pessoa envolvida. São relações independentes umas das outras, mas ao mesmo tempo elas estão associadas porque elas têm elos. Por exemplo, boa parte do relacionamento a minha parceira tinha outras duas parceiras, que eram um casal. Elas formavam um trio. Eu com ela formava só um par. Às vezes ela se relacionava com uma ou outra e às vezes relacionávamos nós todas. Convivíamos, passeávamos. Mas tinha horas que eu não queria. Queria ficar só eu e ela. Não precisa estar as quatro juntas. Então acho que é esse lugar sabe? Então tem hora que eu não estou afim. “E aí, tudo bem pra você? Tudo bem para todas as envolvidas?” Então tem hora que tem que equilibrar. Sem interferir no que elas tinham de relacionamento. Respeitar esse outro lugar. Qual era o elo delas? De fato, você não está dentro das pessoas para saber o que estão sentindo. Não sabe por que aquela relação é importante. O que faz ter a manutenção dessas relações? Esse lugar de múltiplas relações se intersecciona em algum lugar e também podem ser limitadas. Então você tem que usar as linhas limites entre cada uma, sem essa interferência. Não era um quarteto. Tinham relações independentes ali acontecendo

a cada hora e acontecendo em momentos diferentes. Algumas mais intelectuais, mais afetivas, de trabalho outras sexuais. Esses múltiplos de conexões entre as pessoas que a gente convivia na relação e outra hora não. Então essa organização, essa gestão da relação é um desafio. Diferentemente na monogamia que existem outras relações, mas eu finjo que elas não existem. Ou enquanto estiver comigo não quero que passe perto. Então propus a conviver, mas percebi que não preciso conviver com tudo. Tem hora que eu não quero.

Desse modo, Fernanda descreve a necessidade de fazer uma leitura sobre a dinâmica das relações que estão conectadas e das linhas limites da convivência e da comunicação. Nessa relação, a comunicação, “pedra angular” para viabilizar as relações poliamoristas, conforme citamos no primeiro capítulo, foi recorrente na sua relação, entretanto muitas vezes era necessário dialogar sobre os excessos:

Cara, tinha DR todo mês. Acho que esse não era o tema, mas a própria relação em si era fator super importante que era dialogar sobre os sentimentos, sobre a busca nesse lugar de autonomia, de liberdade que cada uma tinha, o que doía, o que era ruim de ter, o que já teve em outras relações. Tinha hora que era necessário ter diálogo sobre o excesso, tipo: “não quero ter uma relação monogâmica, exclusiva, fechada e que possa restringir nossas liberdades”, mas de repente a gente estava super fazendo isso, é muito fácil cair no padrão. Então a gente conversava bastante disso, todos os meses tinha uma DR, pra buscar essas desconstruções, pra gente conseguir chegar naquele lugar mais ideal da prática.

Segundo Fernanda, as relações, como um todo, são hierárquicas, pois acabam se baseando em trocas econômicas ou subterfúgios emocionais. “a hierarquia é onde há espaço pro abuso, quem tem mais poder abusa de quem está abaixo”. Dentro desse entendimento, Fernanda reconhece que havia hierarquia dentro do contexto afetivo que estava inserida:

Minha parceira talvez estivesse nesse papel do centro talvez por ter essas múltiplas relações, mas tem toda essa força de escolha. Eu acredito que por eu ter uma disponibilidade de tempo muito maior que ela talvez. Então durante um bom tempo a gente estudava muito juntas. Convivíamos muito. Tínhamos um núcleo e havia outro núcleo. Um outro núcleo das outras duas parceiras. Ela se dividia um pouco nesse lugar, tanto que chegou num momento em que ela questionou essas parceiras o que cada uma tinha com ela e ela me confessou que ela era um terceiro elemento, era uma tríade, não eram relações individuais. Éramos nós duas. As outras duas moças eram um casal e ela fazia parte do casal, como o “unicórnio” da relação, comigo não, éramos só nós duas. A gente era um par.

Em sua análise, a disponibilidade de tempo é um privilégio, talvez, nesse sentido, pudesse ter levado vantagem na relação. Por outro lado, na relação que sua companheira vivia, ela era o “unicórnio”, que segundo Fernanda vem a ser:

Uma pessoa muito eventual na relação de um casal, esta muito ligada ao aspecto sexual. Então é um brinquedo sexual de um casal. É uma pessoa da qual o casal não mantém vínculos maiores. Há uma busca de uma parceira, principalmente mulher, que seja bissexual, que transe com o homem com a mulher e em momentos bem eventuais, então se conecta pro sexo e depois não tem mais interesse, responsabilidade, envolvimento afetivo. O unicórnio é muito esse papel. Tanto que é um ser mágico que é tratado com um ser a parte e não como um ser humano.

O término desse relacionamento, que durou um ano, para Fernanda está relacionado ao convívio com as outras relações:

No meu último relacionamento eu falei; “eu vou até aqui”, daqui pra frente vamos ter que encontrar outros caminhos porque assim não está dando. Conseguir conviver com outras relações, saber dos espaços, dos nossos limites desses lugares que a gente ainda não consegue conviver... por mais que a gente queira algo diferente, uma relação mais harmônica, mais leve, há lugares de conflito. Por mais que a gente queira, esta subjetividade talvez, não acompanhe o que você está vivenciando aqui. Você começa a conviver com outras relações e refletir: que campos que são esses? Então tem um processo de desconstrução que é forte.

Esse processo de desconstrução, o convívio com as outras relações e a demanda que a parceira traz sobre as outras relações que está vivenciando, segundo Fernanda, lhe gerou instabilidade emocional:

Não é pra cercar sua liberdade, mas eu também não preciso conviver, não preciso ser confessional. Por mais que eu soubesse que quando eu me relacionava com homens que tinham outras relações eu sabia que existia mas eu não convivía com as relações, Passar a conviver com as relações de alguém, você pode acessar coisas que você não imagina dentro de você, seu psicológico dá uma abalada as vezes, lugares de insegurança, pode ser acionado feridas, é isso que incomoda.

Diante das experiências de troca no grupo “Poliafetividade” e a própria experiência afetiva, Fernanda ainda sim se mantém aberta para experimentar novos formatos de relacionamento. Se classificar com poliamorista ou outra modalidade não é uma preocupação, uma vez que o que será a relação apenas pode ser descoberto na convivência:

Eu tenho campos abertos. Sou solteira. Casamento, construção de uma vida nuclear familiar, não acho que isso seja uma coisa que me atraia nesse momento. Pode ser que venha a acontecer. Estar aberta aos vários tipos de arranjo, talvez seja um modo como eu posso me colocar. Mas assim, eu sou isso ou sou aquilo [...] acho uma bobagem tentar classificar [...] mas esse lugar que eu tento entender hoje e conviver, é o que nos une. Me colocar. Evidenciar, “ó, minha relação com você tem esse determinado interesse exposto”. É uma visão até mais ampla assim. Nesse aspecto, às vezes posso dizer que sou poliafetiva, mas vamos ver é no convívio que se tem esse entendimento de poliafetividade. Também é fácil falar poliafetivo só pra trepar com um monte de gente. Fazer sexo com um monte de gente sem responsabilidade. Talvez não seja um tipo de relação que eu queria manter. Às vezes é mais fácil estar com uma pessoa, que ainda que tenha um parceiro, uma parceira, eventualmente se conecte comigo, mas tenha muito mais claras as responsabilidades que tenha com cada um dos parceiros.

O grupo “Poliafetividade” passou por período de mais trocas e encontros. Devido às divergências da moderação o grupo tem se desmobilizado, entretanto segue com perfil ativo na internet.

3.2.2 Madalena

Madalena está casada há dez anos, trabalha como *coaching*, tem ensino superior e um filho de cinco anos e se define como pansexual. Sua história com o poliamor é antiga. Mesmo sem conhecimento do termo, Madalena reflete que nunca acreditou na monogamia e, por ter uma perspectiva mais feminista, sempre buscou um diálogo mais sincero sobre o que estava acontecendo em suas relações. No entanto, na prática havia dificuldade em construir esse tipo de diálogo, então as traições eram descobertas de ambas as partes, mas sem acordo. Quando conheceu Pedro, seu relacionamento atual, logo no início da relação propôs o acordo de serem sinceros:

Foi justamente esse diálogo que eu tive: “Olha, eu sei que você não vai ser monogâmico, porque você nunca foi com nenhum relacionamento seu. Não vou criar expectativa que você seja comigo e eu também não vou ser.” Entendeu? Porque eu não acho justo, não acho isso certo, se eu tiver vontade de fazer eu vou fazer, enfim, né... as pessoas sentem atração umas pelas outras, né, enfim, isso vai acontecer. Mas durante muito tempo, ele fazia e eu descobria, ficava meio puta... porque ciúmes, eu entendo que ciúmes faz parte. Assim, eu não sou uma pessoa super desapegada, com a questão do ciúmes. Nem ele, por exemplo, né. Mas é... a diferença, eu acho, é a resiliência da relação. É do tipo ok, né? Sentir... ter esse sentimento, tem ali uma posse envolvida né? Que vem muito com a intimidade, com a convivência e tudo o mais, mas ok, isso não... faz parte, entendeu... deixa... deixa o tempo, a gente vai amadurecendo e vai dialogando sobre isso né? Mas enfim, mas aí na época era mais uma relação livre, do tipo, ele fazia, mesma coisa... ele fazia, eu descobria, né, eu fazia ele descobria (risos). E ele, assim, também bem resiliente.

No acordo estabelecido de ambas as partes, ambos precisavam ser sinceros um com o outro, entretanto não conseguiram levar a cabo esse compromisso. Antes deste relacionamento, Madalena namorou com mulheres e havia ímpetos de se relacionar esteticamente com o corpo feminino. Havia uma vontade em transitar em sua identidade de gênero e retomar suas experiências afetivas com mulheres. Em seu casamento, esses interesses são retomados, dessa vez juntos e fortes, e Madalena permitiu dar vazão a essas vontades:

Então assim, como veio tudo junto, né, eu acho que os conflitos começaram a vir daí. Porque aí gerou uma insegurança muito grande nele, do tipo, “ok, agora você

mudou de lado de vez”... aquela confusão entre orientação e gênero, né, “mudou de lado de vez e agora você não vai querer mais nada comigo! Você não me ama mais”, etc., etc., Essas questões todas. E eu fui dizendo que não, que ao contrário, que eu sempre fui assim e que, de alguma maneira, isso sempre influenciou na nossa relação, inclusive, o fato de eu ser assim, é... digamos assim... ele me procurou, quando a gente se conheceu ele já sabia disso, né, eu nunca escondi. E... eu acho que, assim, o fato dele ter me escolhido tem haver com isso também, entendeu? Com o fato de eu ser assim... hoje eu acredito que eu seja pan, pansexual.

A abertura da relação para dar vazão a seus interesses, segundo Madalena provocou instabilidade na relação, entretanto, poder contar com a aceitação de seu companheiro acerca de seus processos, e isso para ela é o que constitui sua relação:

E essa questão do gênero, isso é uma parte constitutiva da minha relação com... o meu marido, assim, com esse cara, assim. A gente tem, é... eu me permito estar nesses outros devires, aí, vamos usar uma expressão do Deleuze (risos), é... dentro dessa relação, e eu tenho uma aceitação dele em relação a isso, a gente tem uma boa convivência dentro disso.

Sentir-se respeitada pelo que é, buscar respeitá-lo, tem dado sentido à relação e o poliamor é um modo de conciliar os desejos do casal:

Por outro lado, eu considero que é uma relação que foi construída, é um amor que é construído, que faz parte do amor essa relação da cumplicidade, de você entender que... de ser respeitado por ser quem você é, né, ou de ter essa relação de abertura de dialogar sobre essa coisa da não monogamia, né. São coisas que, por exemplo, talvez eu não tenha possibilidade de vivenciar com outros homens, né. Pode até existir outro aí que, por acaso, surge na minha vida e que tenha esses níveis de aceitação aí, né, mas tem uma certa raridade no meio da história (risos). E, por outro lado, eu também sei que se eu for pro outro lado, no sentido assim de pegar e começar a me relacionar afetivamente, monogamicamente, com uma mulher né, que eu vou também ter os mesmos conflitos, em algum momento vai surgir aí, a necessidade... (risos). Quer dizer, então, pra mim, sabe... eu já estou um pouco mais velha, um pouco mais vivida, já passei por outros relacionamentos, né... Então, assim, eu acho que o poliamor é, justamente, uma tentativa de buscar uma conciliação entre todas essas minhas partes.

Entretanto, não há alegria em saber que seu companheiro se relaciona com outra mulher. Segundo Madalena, ambos sentem ciúmes e há tensão:

Mas, assim, falar que é... o arco-íris, é tudo lindo, é tudo bonito, não! Não é verdade. Não é um arco-íris assim. Tinha hora que estava tudo bem, que era super divertido, estava ótimo, ele saía e eu ficava de boa, em casa com o Pedro [filho] e depois eu saía e ele ficava de boa, entendeu? E tinha horas que não. Porque tem a questão das prioridades, o que a pessoa vai priorizar [...] tinha um evento que eu queria muito que ele fosse, entendeu, como amigo. E ele priorizou estar com outra pessoa, por exemplo, entendeu? Enfim, é complicado assim ficar lembrando dessas coisas porque a gente começa a dar um... mas, mas assim, isso não foi impeditivo né, a gente continuou fazendo independente disso.

Quando Madalena engravidou, as tensões relacionadas às relações paralelas se intensificaram. O contato com o poliamor, segundo Madalena, foi uma maneira de estabelecer novos acordos para que ela não continuasse a se sentir tão injustiçada, sobretudo no período pós-parto. O casal combinou novos acordos, mas ainda assim seu companheiro não era honesto, nem com ela nem com as parceiras envolvidas, o que a levou a se sentir traída.

Ele se apaixonou, entendeu? E aí... eu fiquei muito puta na época, vou ser sincera, porque ele escondeu, entendeu? Ele começou a sair com essa pessoa, já estava também ficando uns dois meses com essa pessoa e ele não falou em momento nenhum que essa pessoa era ela. Então eu senti uma certa... eu me senti um pouco... um pouco traída, sim, entendeu? (risos) Apesar de ser... porque ele brincava: “ah, mais isso não é poliamor?” Mas eu falei assim, “cara, ok, poliamor, mas justamente porque um dos principais acordos que eu fiz contigo era a gente ter um diálogo aberto”. Tipo, “essa não é uma pessoa qualquer que você encontrou no T. [aplicativo de relacionamento] e que você começou a se relacionar de um tempo pra cá. Essa é uma pessoa que conviveu comigo, que eu conheço, entendeu? Que tem uma filha pequena e que... daqui a pouco, você ia esconder isso por quanto tempo? Sei lá... cinco anos? Três anos? Dois anos? Você ia... me deixar aqui em casa no domingo, cuidando do nosso filho pra sair com essa pessoa com a filha dela! Entendeu? (risos) Ia transar com essa pessoa e eu dentro de casa com meu filho que é o seu filho! (risos)

Diante dos acordos não cumpridos pelo marido, Madalena, por conta própria, resolve contatar a parceira de seu companheiro e propor um acordo, caso ela ainda assim quisesse se relacionar com ele:

E aí... ele ficou no canto por aí meio... meio baqueado, né. Mas a questão toda é a seguinte. Teve um certo controle da minha parte, né, porque eu fui ativa aí nessa situação... eu fiz contato com ela, eu dialoguei com ela e tal. Mas por outro lado, eu dei opções, entendeu? Tipo assim, porque ele falou pra mim que ele queria continuar a relação comigo, né? E eu falei pra ele que eu ia fazer esse contato com ela e durante o tempo inteiro a gente ficou dialogando sobre esse contato. Então tanto ele sabia do que eu estava conversando com ela quanto... é, ela sabia que eu estava conversando com ele, entendeu? Não ficou nada oculto aí. Enfim, foi a opção que ela fez também. Ela viu... ela visou o bem-estar dela; eu visei o meu bem-estar. E, de certa forma, eu repositionei ele porque falei: “Olha só, o poliamor não é o oba oba, do tipo, faça o que você quiser e está tudo dentro da lei, foda-se” (risos).

Madalena, além estar mais submetida às responsabilidades com o filho, também carrega as responsabilidades em levar a relação poliafetiva, em posicionar o marido acerca dos limites das relações frente aos acordos descumpridos e propor novos acordos e negociações. Para além dessas questões, ela sente a sobrecarga das outras relações que busca construir, como a relação que teve com uma mulher:

Foi horrível, porque na verdade ela era uma... uma lésbica, só que bifóbica... ela já tinha tido experiências com mulheres bis muito ruins... e tinha uma certa fobia mesmo, assim, falava pra mim: “eu não quero, não quero, não quero” (risos). Eu não quero, assim, entre aspas, né, queria se relacionar, estava envolvida, mas também tinha conflitos, né? Um dia estava bem, outro dia já estava xingando, né? (risos) Aí daqui a pouco estava bem de novo e, daqui a pouco, estava xingando de novo. Tinha umas questões bem sérias, assim, de conflito dela com homens, com o masculino e tal, entendeu? E aí ela deixava isso muito claro: “eu não quero uma relação poliamor, eu não quero, eu não quero”. Eu falei assim: “ok, mas eu também não vou me separar, e aí?” E aí a gente foi vivendo esses conflitos, mas, assim, afetivamente envolvidas, né, até o momento que isso ficou insustentável porque a gente começou a brigar muito. Ela não queria nem ouvir falar da pessoa! Nem ouvir falar do J., assim. Entendeu? Então, eu comecei a respeitar isso, mas assim, eu comecei a ficar em conflito, porque eu comecei a me sentir pressionada... e daí eu também comecei a me sentir pressionada por ele, porque ele começou a se sentir muito... inseguro, do tipo “vou perder”, né? Aí também tem essa questão de gênero, na época eu estava bem... bem masculina, né, e ele começou assim: “agora já era”, né.

Madalena é a única das informantes desta pesquisa que possui filho pequeno. Os homens com quem se relacionou dentro da proposta de relacionamento poliafetivo ignoram o fato de que ela tem um filho. Com eles, havia uma aproximação mais sexual, diferentemente das mulheres, que buscaram uma aproximação maior não apenas com ela, mas com a criança também:

Com mulher não, mulher tem uma questão meio que de adotar, de querer meio que... conhecer, saber, né? Foi isso que eu te falei, de repente querer ter algum tipo de convívio, né, é diferente. E é uma maneira também de... de projetar um pouco essa necessidade que elas têm, né, já que não vão ser mães, né? Provavelmente porque é um pouco mais difícil, né? Tem mulher hétero aí querendo ser mãe e não conseguindo, imagina elas... é mais difícil ainda.

Essa dinâmica de afetos, acordos, para Madalena, têm lhe gerado um cansaço ao ponto de interferir em seu trabalho:

De um tempo pra cá eu vou te dizer que... que eu acho que... eu fiquei, foi tão intenso todos esses movimentos, eu fiquei cansada, sabe? Emocionalmente cansada, assim, por que... cara, eu fiquei... isso atrapalhou meu trabalho, meu rendimento no trabalho. Eu fiquei aqui... totalmente pirada aqui do que eu ia fazer em termos de trabalho, entendeu? Desmarcava atendimento, desmarcando não sei o quê... sem foco nenhum de sentar e produzir um texto, sem foco nenhum de sentar e fazer as coisas que eu tinha que fazer, meus compromissos, assim, sabe? Prejudicou muito assim, as outras áreas. Eu falei assim: “eu tenho que ter o mínimo de estabilidade pra conseguir manter as minhas coisas, né, não dá pra ficar nesse redemoinho e tendo várias experiências loucas e... tendo que administrar emocionalmente tudo isso sem... dinheiro pra pagar um terapeuta etc.”, entendeu? Então, é... aí eu acabei, eu acho que foi assim um... não é que a gente esteja, “ah estamos monogâmicos de novo”, não, não estamos. Inclusive ele tem saído com outras pessoas. Cansei um pouco de ficar nesse rodízio... de ficar ali ah, flertando, fazendo aquele movimento todo, entendeu? E agora é do tipo deixa ser, sabe, estou um pouco nesse espírito assim do deixa ser, ok, deixa fluir, se pintar pintou, né?

Nesse trecho, Madalena fala de um cansaço que vem lhe despertando certa cautela para se envolver novamente, e em outro momento de sua narrativa reitera: “É o que eu já te falei, assim, já estou um pouco cansada de ficar nessa multiplicidade. Pra mim eu ficaria muito bem se fosse uma pessoa de cada lado, sabe? Eu e uma outra pessoa só, sem muitas outras energias, né? (risos)”.

Madalena diz que está tentando experimentar uma nova forma de estar no mundo, e o poliamor faz parte desse experimento: “‘Ah ela é poliamorista’... Não! Eu sou uma pessoa que está exercitando isso”. Para Madalena, o que é bom nisso tudo é que é possível dialogar.

3.2.3 Laura

Laura tem 28 anos, é mestranda e trabalha com artes. Sua família é do interior e ela viveu com os pais até ingressar na faculdade. Embora sua criação fosse permeada de tabus, abarcando todos os temas relacionados à sexualidade, desde o início da adolescência se percebia mais curiosa, com mais informações que suas amigas, se masturbava e beijava na boca. Quanto a fazer sexo, Laura disse que tinha várias ressalvas, porém a inserção na universidade propiciou retomar esses aspectos da sexualidade:

Daí no meu primeiro ano de faculdade eu expandi de todas as formas os meus impulsos, todas as minhas explorações. Eu passei a ficar com mulheres também. Eu percebi que gostava disso e percebi que estava tudo bem pra mim. Então eu dei uma bela retomada para aquilo que eu acreditava internamente, mas sem conseguir dar nomes pra isso.

Retomar essas vontades culminou no encontro com Carlos, com quem namorou por sete anos. Após um ano de relacionamento, decidiram abrir a relação. Em uma conversa com mais um amigo, eles debatiam: Seria possível amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo? Ela defendia que não. Ele defendia que sim. Em algum momento ele disse: “Olha, Laura, se você se interessar por mais alguém eu não vou me importar”. Laura confessa que a afirmação de Carlos lhe gerou insegurança: “Aquele discurso ficava reverberando na minha cabeça. Então eu pensei: Ah, ele não gosta de mim, então?! Como assim? E aí aos poucos eu fui vendo que ele próprio estava num processo de entender esse mecanismo”.

Laura descreve Carlos com admiração: “Ele era um pouquinho mais velho, mas de existência ele era mais maduro”. Essa conversa retornou várias vezes, até que, em certo momento, Laura sentiu vontade de colocar isso em prática e disse a ele: “Olha, eu também não me importo que você fique com outras pessoas!”. A abertura da relação até chegar a

namoros concomitantes passou por vários combinados e renegociações. Para Laura, o mais interessante é que foi ela quem mais resistiu em conceber que isso seria possível, e também quem inaugurou na relação a experiência de se apaixonar por mais uma pessoa e dividir a experiência com seu companheiro:

Eu entendi quais foram os meus sentimentos, eu disse: Gente! É possível! Eu lembro que caiu como um raio na minha cabeça. Eu fiquei feliz. Eu fiquei sorrindo à toa (ri). “Nossa! A vida bandida mesmo! Eu tava até ontem negando, e agora eu apaixonada por esse cara”. Eu preciso contar pro Carlos!” Tava querendo contar pro Carlos que estava apaixonada e querendo que os dois convivessem porque os dois são maravilhosos. E aí muitas coisas foram muito propícias. Uma é que o Carlos percebeu antes de mim e ele se propôs a conversar sobre isso como uma sinceridade e com uma cumplicidade que a gente tinha construído nesse processo de abertura. Então ele quis fazer parte desse processo de eu me apaixonar. Isso pra mim foi muito importante, porque se ele não tivesse querido fazer parte eu teria ficado completamente perdida, porque eu era a pessoa que tinha negado tudo. Então pra mim isso significa o maior amor do mundo, porque é desprendimento mesmo, de você olhar pruma pessoa e ver como ela tá feliz, tá com uma paixão nova e querendo te contar e ouvir, ouvir de amor. Ouvir não porque eu sou obrigada a ouvir, ouvir de amor.

Sentir que Carlos a aceitava mesmo apaixonada por outra pessoa foi, para Laura, o “maior amor do mundo”. Nos sete anos de namoro com Carlos, também namorou Pedro, Zé e Tony. Houve um período em que esteve envolvida em três namoros, mas a maior parte desse período teve dois namorados. Os acordos nas relações de Laura variavam com cada namorado, mas o acordo de que as pessoas poderiam ficar com quem quisessem sempre se manteve. Segundo ela, o que mais variava era contar ou não o que se passava nas outras relações e sobre como a relação era apresentada para a família de seus companheiros. Para a família de Carlos e Tony, eles contaram sobre Laura e disseram que viviam um poliamor. Pedro apresentou-a à família, mas não disse que ela era poliamorista. Zé preferiu não apresentá-la para família.

Apesar da cumplicidade que Laura relata ter vivido com Carlos, houve situações difíceis ligadas ao ciúme, mas, segundo ela, não se tratou de um ciúme de exclusividade, mas talvez relacionado à prioridade:

Eu estava numa festa, super frágil e aí eu fui procurar por ele e ele estava ficando com minha amiga. Tudo bem! Estávamos numa festa, me aproximei dele e disse: “Então, eu quero ir embora com você, não estou me sentindo bem”. E quando eu vejo ele tá tipo na casa da minha amiga. Disse a ele: “Mano, que é isso ? Eu te falei que eu estava frágil”. O que é isso? É liberdade? E como eu faço com essa liberdade pra não ferir os sentimentos das pessoas? Isso também é um aprendizado. Então naquele momento ele também feriu os meus sentimentos. Eu fui taxativa. Eu falei de condição. Eu falei de uma coisa e ele esqueceu disso. Tava bêbado. Estava ficando com a minha amiga e esqueceu disso. Nossa. Como ele é um cuzão! Não,

não é! Mas é um problema. É uma coisa que a gente tem que aprender a lidar do mesmo jeito que, sei lá, num relacionamento monogâmico eu combinei de estar com os meus amigos, mas eu combinei de estar com a minha namorada: “Bosta! Estou frustrado com isso!”. Também é uma frustração você ter que lidar. Ter que entender e ter que se entender nessa situação.

Em seu relacionamento com Zé, que durou dois anos, ele a apresentou a poucas pessoas. Seus pais nunca a conheceram. Não ser assumida, “reconhecida” por ele como namorada, foi, para Laura, uma tensão interna que inclusive acentuou um aspecto de sua insegurança, o dimorfismo:

Eu tenho uma doença chamada dimorfismo. É aquela doença que você vê seu corpo de uma maneira diferente. Gera inseguranças... Bem nessa época eu namorava o Zé, ele tinha todo o padrão galã... Por medo, ele não me assumia para as pessoas como namorada. Só para as pessoas meio que próximas. E eu achava aquilo horrível! Então eu ficava tentando lutar. E eu demorei pra entender que não era ciúmes dele ficar com outras pessoas, ou sei lá, ciúmes dele passar o fim de semana com outra mulher. Era tipo uma coisa assim: “eu quero que você me reconheça!” Então, tipo, são problemas. Mas são problemas diferentes, que não passam pela exclusividade, porque a exclusividade não é um problema. Nunca foi. É um outro padrão. Mas é uma coisa de: “ele nunca me apresentou pros pais”! E aquilo pra mim era muito bizarro. Eu me sentia chateada. Ele não me apresentava pros pais por causa do poliamor. Então as batalhas conservadoras vêm com um monte de coisas juntas. E aí teu emocional... Você vai lidando. E desde sempre era uma coerência minha. Eu não estava disposta a lidar com a minha vida amorosa de outro jeito, porque eu já tinha visto que de outro jeito não funcionava da maneira como o mundo propunha. Então eu não ia dar dez passos pra trás e dizer: “Então, agora que eu sou monogâmica você pode me apresentar pros seus pais?” Eu acharia patético me sujeitar a isso.

Quando Laura assumiu para sua família que era poliamorista, houve tensões, chegou a ser expulsa de casa. Embora, hoje, já tenha uma relação melhor com a família, “era um misto de ‘eu te apoio, eu te entendo’ e um misto de ‘você está estragada’. Você é uma pessoa desvalorizada agora. Você é uma pessoa menor”.

Após alguns meses fora do Brasil, Laura retornou com vontade de morar junto com Carlos. Entretanto, seu companheiro de sete anos estava se mudando juntamente com amigos para outro estado. Apesar de se gostarem e se falarem com frequência, por conta dessa mudança, terminaram a relação. Imbuída dessa vontade de morar junto com um companheiro, Laura conhece Pedro, namoram, porém ele estabelece com ela um relacionamento abusivo:

Eu namorei o Pedro, que é uma pessoa extremamente caótica. Foi um relacionamento abusivo. Muito abusivo! Eu lembro que era uma época em que eu estava me sentindo sem energia por conta de todas as dificuldades dele, ele era abusivo comigo e ao mesmo tempo eu tinha aquela coisa, “eu quero tanto dividir uma casa com alguém!”, mas não com essa pessoa, não. Ele é uma pessoa doente. Ele tem esquizofrenia. Não por causa disso, pelo amor de Deus. [...] Mesmo pruma pessoa imponderada e liberta aquilo significava uma prisão fodida pra mim. Eu achava que ele estava doente e eu não queria o mal daquela pessoa. E aí de repente

eu me vi aprisionada nos problemas dele. Exatamente na mesma época que o Tony, a gente começou a namorar. Na mesma época. Na verdade isso foi muito bom, porque me deu forças pra... sabe quando você se vê dentro da relação e fora da relação ao mesmo tempo, como observadora? Eu comecei a me observar. Vi que aquela pessoa era muito infeliz. Aquela pessoa não tinha energia. Aquela pessoa estava somatizando vários problemas de saúde. E aquela pessoa não é a responsável pela saúde mental de ninguém. E quando eu cheguei a essa conclusão, ele terminou comigo, mas eu iria terminar com ele. No dia seguinte ele me ligou pedindo pra gente conversar... voltar, mas eu não quis.

Ainda sobre essa relação, Laura relata que precisou da ajuda das amigas para perceber que estava em um relacionamento abusivo, e que ela não era responsável pelo bem-estar dele. Além da ajuda das amigas, Laura descreve que encontrou forças para pôr um fim a essa relação quando encontrou Tony, seu atual companheiro. Há mais de um ano namora Tony: “Estou numa fase bem de ficar com o Tony. mesmo. Ele ficou com uma outra menina. Foi fazer uma viagem e ficou com outra menina, mas eu não”.

Essa abertura para as experiências poliafetivas levou Laura a perceber que liberdade é também poder estar com uma pessoa enquanto coloca energia em outros projetos pessoais:

Eu tenho priorizado mais. Eu acredito em energia. Voltei muito com isso na cabeça de tipo, usar minha energia pra outras coisas. Sem valorar nada. Sem moralismo nenhum. Mas eu voltei, é... Pensando no mestrado. Eu voltei com uma força criativa enorme. Então o que tem prevalecido em mim é uma vontade de criar, é uma vontade de pesquisar, uma vontade de lidar com a minha vida profissional, com os meus amigos, com as minhas conexões, e eu tenho tido pouquíssima vontade de estar sexualmente aberta. Eu tenho tido vontade de estar sexualmente aberta e amorosamente aberta para uma pessoa e pode ser que isso dure pra sempre. Pode ser que dure até amanhã. Eu não sei. Mas é o que eu te falei. Toda essa trajetória me fez entender que eu tenho liberdade também pra isso.

Laura, atualmente, relaciona-se com uma pessoa, no entanto ainda assim se considera poliamorista, pois no poliamor há esse aspecto de liberdade e questionamento com o qual ela se identifica:

Eu gosto de falar que eu sou poliamorista porque eu gosto também de desconstruir essa vontade de rótulos que o movimento tem, e porque não tem jeito, as palavras carregam sentidos, e eu gosto dessa palavra. Eu acho que ela faz sentido pra mim. Então eu estou num relacionamento com uma pessoa só. Mas eu sou profundamente poliamorista. Profundamente! Eu quero continuar a ser. Porque o poliamor é um aspecto de liberdade com relação a esse sentimento que eu não quero abrir mão... Porque eu realmente não vejo o amor com os olhos que a maior parte da sociedade vê. Eu realmente não vejo o casamento, o namoro com essas regras. Eu realmente vejo que isso não faz sentido pra mim. Então eu sou poliamorista, com certeza. Tenho certeza absoluta.

3.2.4 Sônia

Sônia tem 47 anos, ensino superior, considera-se heterossexual, tem cinco filhos, sendo que a mais nova tem 18 anos. Os quatro primeiros filhos vieram de um casamento monogâmico. Estando neste casamento, Sandra relata que se interessou por outras pessoas, mas não se envolvia, segundo ela, por “uma questão conceitual de cultura da monogamia”, porém sabia que seu companheiro vivia algumas relações. Não sentia ciúmes, mas se incomodava por isso não ser socialmente aceito: “E eu até brincava: ‘Gente, eu não consigo sentir ciúmes, eu devo ser louca’, e isso já é uma característica desse pensamento não monogâmico, né?”.

Há mais de dez anos, conheceu Paulo. Por morarem em estados diferentes, relacionavam-se à distância, porém era uma relação de cumplicidade e proximidade. Apesar de estar apaixonada por Paulo, terminou o relacionamento quando conheceu seu marido. Precisou fazer uma escolha: “era o que se fazia na época”, relata.

Foi muito dolorido ter que deixar de me relacionar com o Paulo. A gente se falava todos os dias, foi na época em que ele lançou um livro, então eu estava acompanhando isso. Ele foi pra Londres no lançamento do livro, era uma coisa que eu estava acompanhando, e aí eu tive que deixar de viver isso que me dava um puta prazer, porque eu estabeleci uma outra relação e isso foi muito frustrante, sabe? Eu queria continuar acompanhando aquela história do Paulo, continuar vivenciando aquelas coisas com o Paulo, mas eu tive que escolher e escolhi pela praticidade mesmo. Era uma relação que estava aqui perto.

Porém, há menos de dois anos, Sônia relata que reencontrou esse amor antigo. Paulo casado, e Sônia há alguns anos separada. Nesse reencontro, Sônia disse que não se importava que Paulo fosse casado, e ele lhe disse que seu posicionamento era de amor livre. A partir daí, Sônia começou a pesquisar sobre o assunto, e encontrou grupos nas redes sociais que debatem o tema: “E aí foi que eu me identifiquei realmente como não monogâmica”, afirma Sônia.

A partir desse reencontro, voltaram a se relacionar. Sônia retomou a relação com Paulo, mas também estava disponível para outras possibilidades de encontros amorosos. O outro relacionamento de Sônia, paralelo com Paulo, foi com Antônio, também casado. Diferentemente da esposa de Paulo, a esposa de Antônio sabia da relação deles.

Sônia reconhece que não é tranquilo se relacionar com uma pessoa que mora longe: “Confesso para você que não é fácil! Faria de tudo para estar no RJ. Foi por força das circunstâncias. Não é por opção. Eu não acho legal ter um relacionamento à distância”.

Recentemente, Paulo se separou. Segundo Sônia, Paulo ele estava se sentindo sufocado por sua esposa ser monogâmica, pois sua posição com o amor livre é muito forte. Entretanto, essa separação não os aproximou mais, pelo contrário. Para compreender melhor esse afastamento, Sônia viajou para o estado de seu companheiro:

Então, assim, o que gerou essa insegurança foi isso, foi essa mudança de comportamento nessa forma que a gente se relacionou, né? Eu fui pro RJ agora e não houve uma proximidade tão grande como era habitualmente, então assim, ficou aquela pulguinha atrás da orelha, né? Mas a gente conversou e ficou tudo bem. Então foi esse é o drama, essa a preocupação, entendeu? Que papel eu estaria representando ali. O que é que ele tenciona agora, com essa mudança de vida? Então isso foi meio que nesse sentido.

Se, por um lado, Sônia se sente insegura, por outro reconhece que ele está atravessando uma fase difícil, e que, apesar da separação, havia mais profundidade no relacionamento dele com ela do que com a ex-esposa:

Eu sei que a relação do Pedro era uma relação desgastada há muito tempo, não tinha mais proximidade sexual. Então era um casamento meio que cômodo para os dois, mas que já não tinha a cumplicidade, o estar mais próximo. Inclusive a gente estava com alguns projetos juntos. Que inclusive alguns caminham, podem acontecer. Então a gente tinha muito essa aproximação e essa profundidade que eu sei que ele não tinha com ela, mas a convivência era muito maior com ela, claro.

Embora esteja atravessando uma instabilidade na relação, Sônia analisa que, se estivesse em uma relação monogâmica poderia acontecer a mesma coisa. Entretanto, na “não monogamia” é possível dialogar mais:

Claro que tem esses receios, mas é uma coisa que pode acontecer na monogamia e na não monogamia. Com a diferença que você conversa, você partilha, você coloca tudo às claras. Então eu acho que essa clareza, esse diálogo acaba criando... Você pode chegar pro seu parceiro e dizer: “Olha eu estou insegura”. Isso foi uma coisa que aconteceu no final da semana. Então a gente tinha muito essa aproximação e essa profundidade que eu sei que ele não tinha com ela, mas a convivência era muito maior com ela, claro.

Sônia compreende que o poliamor é quando há coabitação e, como não se relaciona dessa forma e nem pretende, compreende-se mais como não monogâmica. Porém, com Paulo, talvez houvesse essa possibilidade:

Hoje eu não aceitaria uma relação monogâmica com ninguém, porque eu não estaria sendo honesta. Apesar de eu amar o Pedro. Dá pra perceber pelo jeito que eu falo dele, né? Amo muito, muito, muito o Pedro, mas eu não quero agora uma relação monogâmica. Até moraria junto, que é algo em que eu sou reticente. Tanto que eu me separei há vinte anos, mais ou menos, e nunca mais coabitei com nenhum parceiro. Então esse coabitar não é algo que eu pensava, mas hoje é algo que eu até penso com o Pedro ou com alguma outra pessoa, mas a monogamia não.

Nesse relato, Sônia sugere que a opção pela não monogamia está mais relacionada com a possibilidade de retomar um encontro amoroso do que propriamente um posicionamento sobre sua liberdade afetiva.

3.3 Histórias narradas: o pessoal é político

As histórias de vida apresentadas nos remetem a cenários culturais históricos anteriormente abordados neste estudo. Faz-se necessário examinar essas narrativas a partir da crítica feminista ao amor romântico para compreender o sentido da “escolha”, em dado momento histórico e em cada história de vida, pelo poliamor.

3.3.1 O que as mulheres buscam no poliamor?

Nesta pesquisa, todas as informantes afirmam não acreditar na monogamia por conta das traições, mentiras, ciúmes ou, até mesmo, por terem reprimido seus desejos e terem aberto mão de um amor em detrimento de outro. Para além desta descrença na monogamia, as informantes relatam que o poliamor permite o exercício da liberdade sexual, pois antes mesmo de terem contato com o termo poliamor, havia um desejo em dar vazão aos impulsos sexuais, sobretudo explorar mais a bissexualidade.

Fernanda, além de narrar suas experiências pessoais para esta pesquisa, também relata sua experiência como moderadora dessas discussões e como tem percebido o debate. Há mais de quatro anos modera um grupo de discussão sobre esse tema e tem dado um foco mais específico nesse debate sobre a experiência das mulheres nessas relações. Para Fernanda, quando as pessoas se aproximam do grupo “Poliafetividade”, no primeiro momento, o que é relatado é que ambos, mulheres e homens, desejam vivenciar sua liberdade sexual e se inserem no grupo de discussão para que possam ter respaldo para o diálogo na relação.

Madalena, outra informante, está casada há dez anos, relata seu ímpeto por se relacionar esteticamente com seu corpo, no sentido de se expressar não binariamente e

explorar mais a bissexualidade, pois antes do atual casamento, namorou mulheres. Na relação atual, seu companheiro tem compreendido suas transformações: “Então, assim, eu acho que o poliamor é, justamente, uma tentativa de buscar uma conciliação entre todas essas minhas partes” (Madalena).

Laura, conta que sua família é do interior e ela viveu com os pais até ingressar na faculdade. Embora sua criação fosse permeada de tabus, abarcando todos os temas relacionados à sexualidade, desde o início da adolescência se percebia mais curiosa, com mais informações que suas amigas, se masturbava e beijava na boca. Quanto a fazer sexo, Laura relatou que tinha várias ressalvas, porém a inserção na universidade propiciou retomar esses aspectos da sexualidade:

Daí no meu primeiro ano de faculdade eu expandi de todas as formas os meus impulsos, todas as minhas explorações. Eu passei a ficar com mulheres também. Eu percebi que gostava disso e percebi que estava tudo bem pra mim. Então dei uma bela retomada para aquilo que eu acreditava internamente, mas sem conseguir dar nomes pra isso (Laura).

Fernanda, que descreveu a busca das mulheres pelo poliamor através de seu olhar como moderadora do grupo, relata que em sua experiência pessoal, desde suas primeiras relações, sentia que não se encaixava nos caminhos que as relações afetivas tradicionais apontavam, como a demanda por manifestações de ciúme e o cerceamento de sua autonomia, ter que fazer as atividades em casal, ou se submeter muito a companheira nas tomadas de decisões.

Sônia se reconhece dentro do “amor livre”, pois em seus relacionamentos monogâmicos não sentia ciúme, mesmo sabendo que seus ex-companheiros estabeleciam relacionamentos paralelos: “E eu até brincava: Gente, eu não consigo sentir ciúmes (risos) eu devo ser louca (risos), e isso já é uma característica desse pensamento não monogâmico, né?” Ainda, para esta informante, não se deve deixar de amar alguém porque se ama outra pessoa: “O amor pode crescer, ele pode te ampliar. Então o que eu vejo de vantagem na não monogamia é você não ter que escolher”.

E como essas informantes chegam ao poliamor? O discurso sobre a possibilidade de dar vazão aos impulsos sexuais, se descobrir e se reinventar em relação a sua identidade, não ter que abrir mão de amores, viver uma relação onde a autonomia seja respeitada são aspectos apontados por elas como mais valoroso nessa modalidade de relacionamento. Entretanto, vale destacar que todas têm ensino superior, se afirmam feministas e estão próximas do debate do

poliamor, desse modo, suas narrativas acompanham, em certa medida, o discurso poliamorista.

Em busca de um maior aprofundamento da compreensão da dinâmica das relações em que estavam inseridas, pedi para que as entrevistadas exemplificassem, descrevessem os acordos, os diálogos. A partir daí, dessa aproximação das narrativas com o dia-dia das relações, as narrativas foram se remodelando em novos termos, mais próximos da experiência concreta e não da idealização da prática poliamorista.

Sobre a pergunta “O que as mulheres buscam no poliamor?”, em um primeiro momento, Laura, Sônia e Madalena apontam um interesse pela liberdade sexual. Num segundo momento, se apresenta uma demanda do parceiro, o que nos distancia de sentidos mais autônomos. No caso de Fernanda, por exemplo, ela reconhece que tem buscado o não aprofundamento das relações, e sua narrativa nos leva a entender que seja uma posição defensiva contra paixões não correspondidas, por paixões não correspondidas ou por relações em que sentiu sua autonomia cerceada.

Diferentemente dos homens, para as mulheres o poliamor é novidade, porém trata-se de um desejo seu ou apenas estariam adequando o formato da relação para atender às expectativas do seu companheiro ou, ainda, por terem como referência o comportamento masculino de liberdade nas relações? Para corroborar com essa reflexão, novamente, Shulamith Firestone:

As "mulheres emancipadas" descobriram que "os caras legais" estavam longe do que queriam se equiparar: Descobriram que imitando padrões sexuais masculinos (o olhar volúvel, a busca pelo ideal, a ênfase na atração física etc.) não só não estavam conseguindo a libertação, mas estavam caindo em algo pior do que aquilo que tinham renunciado. Estavam imitando. E tinham inoculado em si próprias uma doença que não havia sequer brotado de sua própria psique. Descobriram que seu novo barato era superficial e inexpressivo, que suas emoções estavam secando por trás disso, que envelheciam e se tornavam decadentes. Tinham medo de estar perdendo a capacidade de amar. Não tinham ganho nada imitando os homens, apenas superficialidade e imaturidade, e, ainda por cima, não eram tão hábeis quanto eles (FIRESTONE, 1970, p. 167).

Os relatos em torno do que é um desejo autêntico ou circunstancial se confundem, entretanto, o que as histórias apontam é que, independentemente do que motivou suas buscas, essas mulheres têm se dado conta dos processos em que estão implicadas, reavaliando, a partir dessas experiências, as relações que querem estabelecer.

3.3.2 A tensão entre flexibilidade e abuso

Deborah Anapol (2010) parte do princípio de que as relações, sejam ou não monogâmicas, devem ser baseadas no cumprimento do compromisso assumido, a autora complementa que nas relações monogâmicas releva-se menos os lapsos éticos, e as relações poliamoristas tendem a ser mais resilientes. Entretanto, mesmo com maior resiliência, é importante se esforçar para ser eticamente impecável no poliamor. Em suas palavras:

Aqueles que desejam estabelecer o poliamor como uma opção viável de relação íntima fariam bem em começar por tornar prioritário ser eticamente impecável. O comportamento ético começa com a intenção de fazer algo certo e, em seguida, de ter a integridade e comprometimento de manter a intenção. Essa associação entre ética, integridade e comprometimento se aplica a qualquer tipo de relação imaginável, mas considerar alguma especificidade certa ou errada vai variar de acordo com o tipo de relação, se é monogâmica, se está estabelecida no velho ou novo paradigma. **Para deixar claro o que se constitui como um comportamento correto numa relação poliamorosa, nós devemos, primeiramente, dar atenção às questões mais gerais sobre a moralidade do poliamor** (ANAPOL, 2010, tradução e grifo nossos).

Quando Anapol, porta-voz do movimento poliamorista, defende uma moralidade em âmbitos “mais gerais”, mais flexível, o que é aponta que, no caso dos acordos descumpridos, o poliamor acolhe muito mais os “lapsos éticos”, entretanto a demasiada aceitação e o respeito à “liberdade” dificulta o reconhecimento dos limites da relação. Como relatou Laura sobre uma experiência que identifica como abusiva e que teve dificuldade em colocar fim:

Ele é uma pessoa doente. Ele tem esquizofrenia. Não por causa disso, pelo amor de Deus. [...] Mesmo pruma pessoa imponderada e liberta aquilo significava uma prisão fodida pra mim. Eu achava que ele estava doente e eu não queria o mal daquela pessoa. E aí de repente eu me vi aprisionada nos problemas dele.

Ainda sobre essa relação, Laura relata que precisou da ajuda das amigas para perceber que estava em um relacionamento abusivo, e que ela não era responsável em cuidar do bem-estar dele. Laura descreve ainda que encontrou forças para por um fim à relação quando encontrou seu atual companheiro.

Se, por um lado, o poliamor defende a liberdade, por outro, também defende o compromisso, negociação, honestidade, o que implica intensa desconstrução e trabalho na relação. Nesse sentido, os limites se obscurecem entre o aceitável e inaceitável em uma relação, o que demanda mais energias para se compreender e se posicionar.

Segundo Clara Coria, devido ao forte treinamento cultural, as mulheres são conduzidas a serem seres de amor, obrigadas a ajudar, cuidar, “aguentar” e “escolher

situações” para desempenhar papéis de cuidados. Sob essa “panaceia de bondade” se conduz a crença de que mulheres devem se submeter às situações com as quais discordam, situações que, inclusive, podem colocá-las em risco (CORIA, 2001).

Madalena relata que, em seu casamento de dez anos, desde o início, há o combinado da não monogamia, e desde o início, mesmo com esse acordo, as mentiras eram recorrentes, e apesar da tensão eram relevadas. Quando Madalena engravidou, as tensões relacionadas às relações paralelas se intensificaram. O contato com o poliamor, segundo ela, foi uma maneira de estabelecer novos acordos para que não se sentisse tão injustiçada, sobretudo no período pós-parto. O casal combinou novos acordos, mas ainda assim seu companheiro não era honesto nem com ela nem com as parceiras envolvidas, o que a levou a sentir-se traída. Diante de acordos não cumpridos pelo marido, Madalena, por conta própria, resolveu contatar a parceira de seu companheiro para estabelecer os limites e posicionar o marido na relação.

Segundo o relato de Madalena, o gerenciamento da relação esteve a cargo dela – não somente das relações afetivas que ela buscava estabelecer, mas das do parceiro também. Quando Madalena diz ao marido: “Olha só, o poliamor não é o oba oba, do tipo, faça o que você quiser e está tudo dentro da lei, foda-se”, indica que é desse modo que seu parceiro tem concebido as relações poliamoristas, apontando uma similaridade ao contexto neoliberal que Ana de Miguel (2015) exemplifica: da mesma forma que tudo pode ir a mercado, pois a tudo se pode comprar e vender, pois no mercado não há limites, uma vez que há um preço, assim as relações vão se articulando – uma vez que as pessoas são livres, não há porque colocar limites.

Entretanto, mesmo empregando tantas energias para sustentar a relação, as informantes desta pesquisa relataram não se sentirem livres do sentimento de traição pelo descumprimento dos acordos, ou o sentimento de não lugar, pela dificuldade de seus parceiros se posicionarem na rede de relações em que estavam inseridos.

Laura relata que, numa festa, se dirigiu a seu companheiro dizendo que se sentia frágil e que gostaria de ir embora, mas ficou sem seu apoio. Diante dessa situação, analisou sua postura:

Nossa. Como ele é um cuzão! Não, não é! Mas é um problema. É uma coisa que a gente tem que aprender a lidar do mesmo jeito que, sei lá, num relacionamento monogâmico eu combinei de estar com os meus amigos, mas eu combinei de estar com a minha namorada: “Bosta! Estou frustrado com isso!” Também é uma frustração você ter que lidar. Ter que entender e ter que se entender nessa situação.

Sônia se considera não monogâmica e se relaciona com um homem casado. Segundo ela o contato com o “amor livre” veio por intermédio de Pedro, uma paixão antiga que levou ao desencontro por moraram em estados distintos. Ao se reencontrarem, Pedro estava casado, Sônia, não. Sônia analisa o casamento de Pedro da seguinte forma:

Eu sei que a relação do Pedro era uma relação desgastada há muito tempo, não tinha mais proximidade sexual. Então era um casamento meio que cômodo para os dois, mas que já não tinha a cumplicidade, o estar mais próximo. Inclusive a gente estava com alguns projetos juntos. Que inclusive alguns caminham, podem acontecer. Então a gente tinha muito essa aproximação e essa profundidade que eu sei que ele não tinha com ela, mas a convivência era muito maior com ela, claro.

Embora esteja atravessando uma instabilidade na relação, Sônia analisa que, se estivesse em uma relação monogâmica, poderia atravessar a mesma situação, entretanto na “não monogamia” é possível dialogar mais:

Claro que tem esses receios, mas é uma coisa que pode acontecer na monogamia e na não monogamia. Com a diferença que você conversa, você partilha, você coloca tudo às claras. Então eu acho que essa clareza, esse diálogo acaba criando... Você pode chegar pro seu parceiro e dizer: “Olha eu estou insegura”. Isso foi uma coisa que aconteceu no final da semana. Então a gente tinha muito essa aproximação e essa profundidade que eu sei que ele não tinha com ela, mas a convivência era muito maior com ela, claro.

Novamente, a justificativa para se manter em uma relação na qual não compreende seu papel vem pelo argumento da resiliência, ou seja, pelo esgarçamento do contrato da relação, na esperança de poder dialogar mais, ainda que gere instabilidade emocional. Acerca ainda do não limite, e do discurso favorável à resiliência, se instaura um campo fértil para os micromachismos, que Segundo Miguel (2015), impõem uma atmosfera de pseudointimidade nas relações e um pseudoapoio. Essa postura distante é um mecanismo para manter o privilégio e não de companheiros iguais, utilizando dos subterfúgios das promessas, do vitimismo, ou, justificando de forma pessoal, “é meu jeito”.

Na pesquisa realizada sobre a infidelidade, por Mirian Goldenberg (2011), nos deparamos com um dado que vai ao encontro da análise de Ana de Miguel (2015) acerca dos micromachismos e corrobora com o que algumas das entrevistadas desta pesquisa tem apontado acerca do posicionamento dos homens. Goldenberg (2011) afirma que para justificar o casamento a suas amantes, os homens argumentam que seu casamento é apenas uma burocracia e que a amante é a mais importante, pois é com ela que tem intimidade.

3.3.3 Exaustão de trabalhar na relação

Petrella (2007, *apud* KLESSE, 2011), em seu estudo de manuais de relacionamento de poliamor, ressalta que a conceitualização de relacionamentos como "trabalho" se repete em praticamente todos "guias". De acordo com Petrella, a ênfase no trabalho gira em torno da negociação. Petrella interpreta essa "ética do trabalho" como uma estratégia de empreendimento: funcionará somente se for trabalhado, como, por exemplo, o gerenciamento do ciúme (PETRELLA, 2007, *apud* KLESSE, 2011).

Segundo Firestone (1970), o investimento no amor é levado para as mulheres tão a sério que suas energias são empregadas tanto na conquista do par amoroso quanto em "preservar" a relação: "Amar pode ser um serviço de tempo integral para as mulheres, como a profissão é para os homens." (FIRESTONE, 1970, p. 160). Essa exaustão leva muitas mulheres a escolherem uma vida fora desse jogo, diferente dos homens que não tem coragem de abandoná-lo (FIRESTONE, 1970).

Considerando a dedicação que as mulheres já empregam demasiadamente nas relações monogâmicas, por que as relações poliamoristas haveria de quebrar com essa lógica? Quando o poliamor pede para amar mais e sem limite, "pois o tempo é um limite real e o amor é ilimitado", como afirmou Easton, não leva em conta a energia despendida e a instabilidade emocional que essas relações demandam, sobretudo para as mulheres.

Como analisou Fernanda: "Você tem que lidar com mais de uma pessoa envolvida. São relações independentes umas das outras, mas ao mesmo tempo elas estão associadas porque elas têm elos" e segue: "Passar a conviver com as relações de alguém, você pode acessar coisas que você não imagina dentro de você, seu psicológico dá uma abalada as vezes, lugares de insegurança, pode ser acionado feridas, é isso que incomoda".

Ao final de cada uma das entrevistas, a medida que as narradoras iam relatando a dinâmica das relações elas também iam apontando o cansaço que estavam sentindo, como relata Madalena:

De um tempo pra cá eu vou te dizer que... que eu acho que... eu fiquei, foi tão intenso todos esses movimentos, eu fiquei cansada, sabe? Emocionalmente cansada, assim, por que... cara, eu fiquei... isso atrapalhou meu trabalho, meu rendimento no trabalho. Eu fiquei aqui... totalmente pirada aqui do que eu ia fazer em termos de trabalho, entendeu? Desmarcava atendimento, desmarcando não sei o quê... sem foco nenhum de sentar e produzir um texto, sem foco nenhum de sentar e fazer as coisas que eu tinha que fazer, meus compromissos, assim, sabe? Prejudicou muito assim, as outras áreas. Eu falei assim: "eu tenho que ter o mínimo de estabilidade pra conseguir manter as minhas coisas, né, não dá pra ficar nesse rodaminho e tendo várias experiências loucas e... tendo que administrar emocionalmente tudo

isso sem... dinheiro pra pagar um terapeuta e etc.”, entendeu? Então, é... aí eu acabei, eu acho que foi assim um... não é que a gente esteja, “ah estamos monogâmicos de novo”, não, não estamos. Inclusive ele tem saído com outras pessoas. [...] Cansei um pouco de ficar nesse rodízio... de ficar ali ah, flertando, fazendo aquele movimento todo, entendeu? E agora é do tipo deixa ser, sabe, estou um pouco nesse espírito assim do deixa ser, ok, deixa fluir, se pintar pintou, né?

Esse cansaço emocional que Madalena relata prejudicou outras áreas de sua vida. O fluxo de entrada e saída de pessoas, acordos, estabelecimento da hierarquia, lhe gerou instabilidade emocional. No caso de Laura, sua experiência de liberdade afetiva e sexual a levou a perceber que liberdade é também poder estar com uma pessoa e poder colocar energia em outros projetos pessoais:

Eu tenho priorizado mais. Eu acredito em energia. Voltei muito com isso na cabeça de tipo, usar minha energia pra outras coisas. Sem valorar nada. Sem moralismo nenhum. Mas eu voltei é...Pensando no mestrado. Eu voltei com uma força criativa enorme. Então o que tem prevalecido em mim é uma vontade de criar, é uma vontade de pesquisar, uma vontade de lidar com a minha vida profissional, com os meus amigos, com as minhas conexões e eu tenho tido pouquíssima vontade de estar sexualmente aberta. Eu tenho tido vontade de estar sexualmente aberta e amorosamente aberta para uma pessoa e pode ser que isso dure pra sempre. Pode ser que isso dure até amanhã. Eu não sei. Mas é o que eu te falei. Toda essa trajetória me fez entender que eu tenho liberdade também pra isso (LAURA, 2016).

Esse cansaço emocional que Sônia e Laura apontam desviou suas energias de outros projetos. Ambas afirmam que a energia despendida atrapalhou outros projetos de sua vida e, reconhecendo o desgaste, ambas têm apontado maior cautela para se abrirem para relacionamentos múltiplos.

3.3.4 Poliamor e a centralidade do amor

Vivemos em uma sociedade formalmente igualitária, mas estamos longe de uma sociedade substancialmente igualitária (ROSEMBERG, 2001; MIGUEL, 2015). Hoje, a desigualdade já não se reproduz pela legislação de forma explícita. A maior parte das pessoas declara apoio à igualdade. Não se aceita as ideias de que as mulheres são inferiores, manifestações públicas nesse sentido são fortemente combatidas, ainda mais sob o advento das redes sociais, campanhas em defesa das mulheres viralizam.

Dentro desse contexto de não igualdade que estamos inseridos e dado que herdamos o molde amoroso do século XVIII, de que modo o poliamor seria a melhor alternativa para lidar com as injustiças ou com as insatisfações amorosas? O que percebemos nas narrativas apresentadas, que se confirma pela crítica das feministas Marcela Lagarde (2001) e Ana de

Miguel (2015), é que quanto mais pessoas envolvidas na relação mais necessidade de negociação, renegociação e dependendo da geometria da relação estes acordos podem ser inesgotáveis, o que demanda um exaustivo trabalho na manutenção da rede de afetos. Nós, mulheres, não por natureza, mas pelo treinamento cultural que recebemos, somos demandadas e temos nos sentido responsáveis por esse trabalho.

Sob justificativas biológicas partindo da observação de algumas espécies de animais, como os mamíferos, como citado no primeiro capítulo, argumenta-se que a natureza humana não é monogâmica, dado que as pessoas tendem a trair ou a reprimir seus desejos e, assim, o poliamor tem sido defendido como o modo mais honesto de encarar a realidade.

Entretanto, quando os argumentos acerca da natureza humana são inseridos neste debate para questionar a monogamia, indagamos: como o debate sobre a natureza humana ser ou não monogâmica ilumina ou contribui para reflexão de um projeto de sociedade?

No século XVIII, estava no auge as discussões acerca da natureza humana, em que se questionava se o homem é bom o mal e sobre a natureza do homem e da mulher. Baseado nestas reflexões, os contratualistas, em defesa de uma sociedade com maior liberdade, igualdade e fraternidade, estabeleceram acordos para os homens exercessem seus direitos de cidadãos. Entretanto as mulheres foram deixadas de fora. Neste período, marca-se a primeira onda feminista, mulheres colocam em discussão a necessidade de igualdade. O determinismo biológico desse período apenas contribuiu para legitimar uma discussão de inferiorização da mulher que estava posta. Como apontamos, as próprias escrituras sagradas difamavam a mulher.

Entre tantos os estereótipos acerca da mulher, tem sido designado à mulher o papel de mãe, dotada de instintos maternos. Porém, a nova conjuntura tem levado muitas mulheres a planejarem quantos filhos querem ter, quando querem ter e se querem ter. Isto não é instinto, está relacionado a projeto de vida. Com o apoio da ciência as mulheres cada vez mais têm conseguido analisar suas vontades sobre a maternidade (MIGUEL, 2015). Entretanto o determinismo biológico ainda segue enganando as mulheres e os homens.

A teoria feminista reconhece que as mulheres e os homens estejam acima dos binarismos e determinismos biológicos construídos. Se ainda esses papéis tem força, a teoria feminista defende que não se trata da biologia, mas sim do treinamento cultural que temos recebido.

Acerca da natureza humana não ser monogâmica, sendo este um dos argumentos a favor de uma ética de amor no poliamor, tendo como base a teoria feminista, não encontramos força nessa argumentação, por outro lado, vemos respaldo na história para questionar o papel

que nós mulheres temos ocupado na vida dos homens. Para o homem, a monogamia nunca foi um mandato social. Como dizia Rousseau, as mulheres nasceram para que tornassem a vida dos homens agradáveis. Para o bem-estar dos homens, há as esposas, as prostitutas e as amantes.

Os homens que foram e vem sendo treinados para ocuparem o centro da vida das mulheres e explorar a sua capacidade de amar por qual razão, em uma relação poliamorista, estabeleceriam relações de igualdade?

Desse modo, quando o poliamor questiona “qual o problema, se ambos querem?” invisibiliza a categoria de gênero em sua análise, e parte da premissa que o amor de desenvolve da mesma forma para ambos. É importante chamar a atenção para o fato de que, quando o poliamor diz “ame mais!”, “desenvolva a compersão!”, “seja mais resiliente!”, produz efeitos diferentes em homens e mulheres. As mulheres entrevistadas relataram cansaço emocional ao ponto de deslocarem energia que poderia ser empregada em outros aspectos importantes de suas vidas.

É recente a conquista dos direitos das mulheres. Agora que as mulheres começam a colocar as normas nas relações. Agora que podem se separar. Agora que podem tirar o amor do centro, quando estão começando a sair da ditadura de que é preciso encontrar sentido na vida apenas no amor, surge o poliamor e diz, com seu discurso sedutor: “aqui há um outro sentido para atender as mulheres, cuidar de muitos amores. Para que amar um se você pode amar mais? Precisamos suspeitar dessa espécie de mercantilismo” (MIGUEL, 2015).

As feministas, sufragistas, marxistas e comunistas sempre teorizaram sobre o porquê das injustiças no amor (MIGUEL, 2015). Dado que as mulheres se dedicavam mais e não encontravam reciprocidade. Isso é o que sentem as mulheres que são exploradas em sua capacidade de amar (JÓNNASDÓTTIR, 1993).

Então, podemos dizer que o poliamor apenas entre mulheres seria diferente? Talvez, se ocorressem em outros termos, mas as hierarquias persistiriam. Segundo Coria (2001), nós herdamos um modelo de relação e, mesmo que as configurações mudem com o desenvolvimento histórico, a insalubridade e toxidade permanecem.

Dentre as participantes da pesquisa, Fernanda possuía um relacionamento lésbico. Suas relações também eram permeadas de dificuldades, mas diferentes das enfrentadas por outras mulheres da pesquisa. No caso de Fernanda, ela e sua parceira tinham uma dificuldade em encontrar o limite da comunicação, o limite da convivência. Nesse sentido, o que a teoria aponta, e a experiência contribui para elucidar, é que até mesmo nas relações poliafetivas entre mulheres se produz hierarquias e o amor continua no centro. Como afirma Ana de

Miguel: “A revolução não está na mera forma das relações em ter uma ou duas ou mais relações em ser aberta, nem sequer em ser lésbica ou *queer*. Apontar a monogamia como capitalista e o poliamor como democrático e socialista, as experiências têm desmentido” (MIGUEL, 2015, p. 119).

Por mais que o patriarcado e o capitalismo prejudiquem as vidas das mulheres, estas devem levar em conta que a condição humana é o que torna as relações humanas, ou seja, carrega suas incongruências, dores e alegria (MIGUEL, 2015): “a filosofia existencialista tem nos explicado que onde há duas consciências, há oportunidades de relação de dominação. E quando há mais de duas consciências implicadas, a situação tende a complicar-se” (MIGUEL, 2015, p. 118).

Nesses relatos, as informantes apontaram que a busca pelo poliamor estava atrelada ao exercício da liberdade sexual, entretanto, por mais que as relações polis promovam gozos e paixões intensas, irão demandar energia que é finita. Partindo de uma ética de amor feminista que leva em conta o pacto entre mulheres, como a sororidade e o afidamento, estas não querem pactuar com relações afetivas em que suas companheiras sejam negligenciadas e hierarquizadas. Segundo Marcela Lagarde (2001)²¹

[...] há uma relação direta entre triângulos e falta de poderes das mulheres. E uma relação direta entre triângulos e superpoderes aos homens. E se não avançarmos no enriquecimento, empoderamento, e na autoafirmação das mulheres, os triângulos vão proliferar cada vez mais. E os quartetos, quintetos e toda uma constelação injusta de amor (LAGARDE, 2001, p. 101).

Estamos carentes de uma ética amorosa e a teoria feminista tem desenvolvido estudos para contribuir com essa demanda. Os valores que o feminismo tem buscado incorporar são valores de honestidade, integridade e lealdade (MIGUEL, 2015). Desde Kollontai, se defendia as relações fortes e intensas como as de amizade. Para o feminismo tudo está interrelacionado e nenhum aspecto de nossa vida pode fundamentar-se no engano e na traição sem que isto afete o conjunto de nossa existência. (MIGUEL, 2015, p. 116).

Sobre a necessidade de colocar energia em outros aspectos na vida, Virginia Wolf (1882-1941) nos inspira. Em *Um teto todo seu*, relata um fato divisor de águas em sua vida. Em decorrência da morte de sua tia passaria a receber 500 libras por ano. Segundo a escritora, a partir daí, não precisaria mais fazer um trabalho que não quisesse e nem mais bajular ou adular como se fosse uma escrava. Em suas palavras:

²¹ Marcela Lagarde, em seu trabalho *Claves feministas*, tem muito a contribuir sobre os limites das relações, fortalecimento das autonomias e das individualidades.

[...] não somente cessam o esforço ou o trabalho, mas também o ódio e amargura. Não preciso odiar homem nenhum, eles não podem me fazer mal. Não preciso bajular homem nenhum; eles não tem nada para me dar. Assim imperceptivelmente vi-me adotando uma nova atitude em relação à outra metade da raça humana (WOLF, 2015, p. 58).

A escritora relata que sua reflexão acerca das opressões às mulheres passou por várias fases até que lhe vem a maior de todas as libertações: “a liberdade de pensar nas coisas por si. Aquele prédio, por exemplo, gosto dele ou não? Aquele quadro é bonito ou não? Aquele livro é, na minha opinião, bom ou ruim?” (WOLF, 2015, p. 59). Lutar por um *teto todo seu*, para Virginia, diz muito sobre como o espaço físico está relacionado com o psíquico, sobre sua grande importância e como ocupá-lo para levar uma vida autêntica, com presença de si. Ainda para a autora:

Vocês ganharam quartos próprios na casa que até agora era só dos homens. Podem, embora com muito trabalho e esforço, pagar o aluguel. Estão ganhando suas quinhentas libras por ano. Mas essa liberdade é só o começo; o quarto é de vocês, mas ainda está vazio. Precisa ser mobiliado, precisa ser decorado, precisa ser dividido. Como vocês vão mobiliar, Como vocês vão decorar? Com quem vão dividi-lo e em que termos? São perguntas, penso eu, da maior importância e interesse. Pela primeira vez na história, vocês podem fazer essas perguntas; pela primeira vez podem decidir quais serão as respostas (WOLF, 2012, p. 19).

Inspirado na obra de Virginia Wolf, as feministas dos anos 1970 faziam o elogio à solidão, reivindicavam seus espaços, inclusive “uma cama toda sua²² – um lugar onde viver livre, para e por si mesma (BADINTER, 1986, p. 277). Essa reivindicação acompanhava uma crítica feroz do casal, para que ambos não se aniquilassem (BADINTER, 1986).

Kollontai defende que enquanto o amor for o projeto de vida das mulheres, não haverá emancipação, para tanto Lagarde (2001) e Coria (2001) defendem que estabelecer limites na relação é necessário para preservar a individualidade e a subjetividade, estabelecer limites contraria a ideia de fusão do casal, e de se perder no outro ou ser dois em um.

Desse modo esta pesquisa considera que o poliamor não desconstrói o amor romântico dado que o amor segue no centro do projeto de vida e segue não havendo igualdade nas relações.

²² Termo cunhado por Evelyne Le Garrec.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como enunciamos, nosso intuito é contribuir com o debate que as mulheres têm demandado acerca das relações poliamoristas, analisando se o poliamor supera efetivamente o amor romântico, os papéis de gênero arraigados, as hierarquias decorrentes desses papéis, ou se demanda mais energia das mulheres para a sustentação dessas relações simultâneas, tornando sua individualidade mais vulnerável.

O poliamor é um termo que entrou em voga nos anos 1990. Surge por um viés mais “transcendentalista” e com o advento da internet tem ampliado a sua expansão. Para legitimar a possibilidade e a viabilidade de amar mais de um, tem reunido discursos anarquistas, socialistas, feministas, *queer*, budistas, *new age*. Diversos países têm debatido o tema e os porta-vozes do poliamor, dentre eles também os brasileiros, têm publicado livros que se tornam *best sellers*. O tema está presente em *reality shows*, séries documentais, tem sido debatido pelos *youtubers* e há aplicativos para facilitar o encontro entre pessoas interessadas nesse modo de se relacionar.

O poliamor tem seu dia, símbolos e, para corroborar com a visibilidade e a legitimidade da prática no Brasil, há três casos de jurisprudência que reconhecem o poliamor como união afetiva e, uma dessas uniões, envolve filhos. Apesar de não haver uma definição conceitual da prática, pois varia de acordo com o que os grupos vêm praticando, algumas pesquisas têm apontado que os “elementos” mais ressaltados pelos grupos são: honestidade, compromisso, igualdade, liberdade e o amor.

Dos elementos do poliamor, é no amor que se põe a ênfase, diminuindo a ênfase no sexo. A aglutinação de discursos em torno do tema tem apontado várias maneiras de se compreender esse amor no poliamor, no viés mais tântrico, pode se dizer que é junção, amor, sexualidade e espiritualidade, em uma visão mais cosmopolita, esse amor pode também ser compreendido como responsabilidade afetiva. Não é apenas sexo por sexo, mas também ter cuidados emocionais.

As pesquisas acadêmicas no Brasil apontaram a dificuldade dos poliamoristas serem aceitos socialmente. É comum serem percebidos como promíscuos, associação com a qual eles não se identificam. Há uma dificuldade de articulação e apoio com movimentos LGBT e feminista. Outro aspecto ressaltado é a dificuldade de vivenciar os ideais defendidos por eles mesmos. A proposta poliamorista tem defendido que para se estabelecer relações éticas, a negociação, comunicação, compromisso, igualdade e liberdade são fundamentais.

A literatura poliamorista tem feito a crítica à monogamia e ao amor romântico, mas não encontramos, nessa crítica, um aprofundamento pela análise da categoria de gênero do mesmo modo como encontramos na teoria feminista. A tradição de estudos feministas tem apontado que os modelos de relacionamento afetivo estão imbricados com a conjuntura social que vivemos, desse modo amor e poder atuam em complementariedade, refletindo a aliança entre o patriarcado e o capitalismo.

Nesta pesquisa, acompanhou-se um grupo virtual que se formou em 2013 e os componentes do grupo eram homens e mulheres. Com o passar do tempo, as mulheres se deram conta que discutir o tema juntamente com os homens gerava uma dificuldade de escuta de fala. As mulheres se queixavam que os posicionamentos dos homens oprimiam as mulheres. Reconhecendo que esse incômodo era comum, estabeleceram alguns encontros exclusivos mulheres para que as conversas se dessem de modo mais amigável e acolhedor.

O que está em jogo no poliamor e o que as mulheres que tem se organizado para discutir o tema tem buscado é uma ética, um modo de serem livres e honestas consigo e com suas companheiras e companheiros.

Era comum as mulheres relatarem o assédio dos homens pelas redes virtuais. As mulheres também se queixavam de serem objetificadas nas relações. Nos debates elas relatavam que os homens acordavam em se relacionar poliafetivamente, mas com o tempo iam percebendo que a relação era apenas para sexo e que o parceiro estava em busca de uma mulher para namorar. Como havia uma diversidade de formações afetivas entre os membros do grupo, as próprias participantes lésbicas se queixavam das dissimetrias mesmo em relações exclusivas de mulheres, o que aponta que as dissimetrias e as hierarquizações nas relações poliafetivas se manifestam, para além das relações de gênero, sendo interseccionadas por aspectos psicossociais que desigualam as relações.

Nesta pesquisa, todas as informantes afirmam não acreditar na monogamia por conta das traições, mentiras, ciúmes ou, até mesmo, por terem reprimido seus desejos e terem aberto mão de um amor em detrimento de outro e que viam no poliamor uma possibilidade em dar vazão aos impulsos sexuais, se descobrir, se reinventar em relação a sua identidade, viver uma relação onde a autonomia seja respeitada.

Entretanto, à medida que o poliamor enfatiza o amor, que é possível amar em abundância e desenvolver a “compersão”, essa alegria pelo outro estar exercendo a sua liberdade, ou a resiliência, tolerando mais a liberdade do outro, vai se tornando mais difícil encontrar limites seguros, principalmente para as mulheres. É costumeiro ouvir: “se as

relações monogâmicas demandam DRs as relações poliafetivas demandam muito mais”. Ou “a gente fala que é poliamor, mas às vezes é politreta também”.

As entrevistas possuíam uma carga emocional forte. À medida que as mulheres iam contando histórias e apontando conflitos, conversas mal resolvidas e, sobretudo, descreviam situações em que havia injustiça, os silêncios, embaraços e emoções se manifestaram.

Apesar da música dos Doces Bárbaros, “O seu amor”²³, remeter ao sonho lúdico de amar em liberdade, nas rodas, como nas entrevistas, essa fluidez e leveza não se manifestam. Talvez, nos primeiros 30 minutos das entrevistas, algo nesse sentido esteve presente, pois inicialmente o discurso estava muito favorável às relações poliafetivas. Talvez, essa posição favorável esteja relacionada a defender a legitimidade da modalidade de relacionamento pelo tratamento pejorativo que recaem sobre as mulheres. Porém, quando conseguimos acessar as experiências concretas do dia-dia, a “magia” do poliamor desaparecia e as queixas relatadas eram similares as da monogamia: hierarquização, mentiras, cerceamento da liberdade e pseudoapoio.

Todas as entrevistas relataram instabilidade emocional, no caso de Laura, ela cita um transtorno psicológico “dimorfismo” que se agravou em um relacionamento, por não se sentir reconhecida por seu parceiro. Para Fernanda, uma das entrevistadas que namorou uma mulher, seus conflitos eram diferentes das demais. No caso de seu relacionamento, a busca de sinceridade na comunicação por ambas era mais clara, porém se queixava sobre os limites da comunicação, sobre se perceber não querendo ter contato com tudo que sua parceira vivia, a dificuldade de encontrar esse limite conduziu ao rompimento. Ainda para esta entrevistada, no caso de sua experiência com os homens, reconhecia que da parte deles havia uma dificuldade de um maior cuidado emocional, pois se sentia sendo classificada.

As mulheres desta pesquisa apontavam de maneira positiva o status de questionamento que o poliamor fazia sobre a monogamia. Ao final das entrevistas de Madalena e Laura, embora ambas vissem importância no status de questionamento do poliamor, revelaram-se cansadas. Confessaram o quanto essas relações consomem suas energias e a vontade de estabelecer uma única relação para terem maior estabilidade emocional e prosseguirem no desenvolvimento de outros projetos. Fernanda e Sônia, não explicitam o cansaço, mas falam sobre a instabilidade emocional e o sentimento de não lugar e apontaram as dissimetrias em suas relações.

²³“O seu amor / Ame-o e deixe-o / Livre para amar / Livre para amar / Livre para amar / O seu amor / Ame-o e deixe-o / Ir aonde quiser / Ir aonde quiser / Ir aonde quiser / O seu amor / Ame-o e deixe-o brincar / Ame-o e deixe-o correr / Ame-o e deixe-o cansar / Ame-o e deixe-o dormir em paz / O seu amor / Ame-o e deixe-o / Ser o que ele é / Ser o que ele é / Ser o que ele é.”

Apresentamos a discussão do amor a partir do século XVIII, período que inaugurou um novo modo de amar no qual o amor se tornou o centro da vida e a crítica feminista ao amor romântico. E este é o ponto chave desta pesquisa, quando o amor se torna o centro na vida de todos, sobretudo das mulheres, justificando pela natureza a mulher se tornou sinônimo de cuidado e amor e esse treinamento cultural ainda segue sendo dado. As feministas contemporâneas afirmam que as mulheres seguem aprisionadas pelo amor romântico e enquanto o amor for o centro, nós mulheres seguiremos sem conseguir nos afirmar.

O amor romântico e seus impactos para a vida da mulher se relaciona não somente ao par amoroso, mas também diz respeito aos filhos, família, amigos, às escolhas das profissões das mulheres, falta de representatividade das mulheres determinadas áreas. Pois enquanto as mulheres cuidam os homens governam, apontaram as feministas radicais,

Quando o poliamor aponta como proposta amar mais, de um de maneira consentida, não leva em conta que somos educados de modos distintos para o amor, ou seja, toda a carga emocional do cuidado das relações, a culpa, a responsabilidade afetiva, recaem sobre as mulheres. Além de o poliamor recolocar o amor no centro e não superar com o amor romântico como se imagina, as relações poliafetivas, por mais que se esforcem para ser mais igualitárias, se chocam com a dura realidade de que não há igualdade, sobretudo no amor.

Para alguns, o problema do poliamor está relacionado ao moralismo, relacionado a sair do padrão hegemônico de relação. Para outros, pode até não soar negativo, e até podem dizer que as pessoas que vivem esses formatos de relacionamento sejam mais evoluídas ou desconstruídas. Quem vive a relação relata os prazeres da liberdade afetiva e sexual, mas também fala de um sentimento de não lugar, de cansaço.

Em nome do “amor” que está fundado na lógica patriarcalista, capitalista e neoliberal segue se reproduzindo as injustiças nas relações, com isso, não significa este estudo se coloca contra ao amor, mas aponta a importância de se fazer a crítica sobre como temos concebido as relações. Se nós mulheres queremos viver uma boa história de amor e de maneira ética, se estamos em conflito com a liberdade e com o amor, o feminismo mostra-se um boa via de reflexão sobre as nossas escolhas.

Kollontai já explicitava o conflito e as contradições que as mulheres se encontram na busca pela liberdade e na conciliação entre a tríade: amor, trabalho e ego. Essa dificuldade esta relacionada ao Novo Homem que esta por vir, pois para essa grande bolchevique, a Nova Mulher, já esta em curso.

Nossa educação é patriarcal, podemos não ver, mas a educação do rosa e azul segue firmemente. A ética amorosa romântica é patriarcal. As teóricas feministas ao longo dos

tempos têm construído conceitos chave de análise para visibilizarmos a estrutura que naturaliza as sujeições. Mulheres feministas intelectuais, como as que citamos, Carla Lonzi e Simone de Beauvoir, mesmo no exercício na atividade intelectual, levaram tempo para perceber o peso que esta cultura tem sobre nós e as sobre nossas escolhas.

Estudar a teoria feminista é uma experiência em várias esferas da vida. É um exame de consciência, nos dá uma genealogia, nos dá referências, nos dá um lugar para ir para voltar. Em um mundo onde os valores são patriarcais, a teoria feminista nos dá um norte ético no qual todas e todos estamos carentes.

As mulheres que citamos, insubmissas, anarquistas, comunistas não apostaram no amor livre como um caminho de emancipação ou autonomia. As experiências de amor livre em prol da emancipação da mulher têm apontado que os papéis de gênero se mantêm e o amor segue sendo o centro da vida das mulheres, ou seja a revolução não está na forma.

Em um mundo onde os valores são patriarcais, a teoria feminista nos dá um norte ético do qual estamos carentes, sendo este um tema que precisamos evidenciar e debater mais. Desse modo, além do exame de autoconhecimento sobre as nossas escolhas, os estudos feministas sugerem a construção de um projeto social sobre outras bases. Não fortuitamente, as mulheres têm defendido que sem feminismo não há revolução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz. In: _____. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- AGRIPINO, José. **Poliamor**. Produtor: Letícia Borazanian. Centro Universitário Senac-SP. Bacharelado em Audiovisual, 2010. Disponível em: <<https://vimeo.com/23988620>>. Acesso em: 23 jun. 2015.
- AMORÓS, Célia. Conceptualizar es politizar. In: COPELLO, Patricia Laurenzo; ABREU, María Luisa Maqueda; CASTRO, Ana Rubio. **Género, violencia y derecho**. Valencia: Tirant lo blanch, 2008. Disponível em: <<https://issuu.com/tirantloblanch/docs/219089c0d234927d068283d386485fef>>. Acesso em: 14 out. 2017.
- _____. **Hacia una crítica de la razón patriarcal**. Barcelona: Anthropos Editorial, 1991.
- ANAPOL, Deborah. **Polyamory in the 21st century: Love and intimacy with multiple partners**. San Rafael, CA: Rowman & Littlefield Publishers, 2010.
- ANAPOL, Deborah. Why Sex and Spirit Belong together: The synergy of the erotic and spiritual potentiate both. **Psychology Today**, 5 jun. 2014. Disponível em: <<https://www.psychologytoday.com/blog/love-without-limits/201406/why-sex-and-spirit-belong-together>>. Acesso em: 24 abr. 2017.
- ANTUNES, Mariana Xavier Serafim. **Itinerários da vida de solteira: razões e sentidos em projetos de vida de mulheres solteiras à luz do sintagma Identidade-Metamorfose-Emancipação**. 2010. Dissertação de mestrado em psicologia social. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- ARASH, David P.; LIPTON, Judith Eve. **El mito de la monogamia**. Madrid: Siglo XXI, 2003.
- ARAÚJO, Taíssa. **Amar porque sim**. Produtor: Danillo Batista; Jhemele Figueiredo; Taíssa Araújo. Orientação: Betânia Vilas Bôas. Santa Cruz (BA), 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TXqO-vNjOlg>>. Acesso em: 23 jun. 2015.
- ASSOCIAÇÃO DOS MAGISTRADOS MINEIROS. Justiça autoriza e criança terá nome dopai e de duas mães. **JusBrasil**, 2014. Disponível em: <<http://amagis.jusbrasil.com.br/noticias/139177674/justica-autoriza-e-crianca-tera-nome-do-pai-e-de-duas-maes-em-documento>>. Acesso em: 24 abr. 2015.
- BACELAR, Gabriela. A imposição do seu amor livre pra mim não é novidade. **Blogueiras Negras**. 12 fev. 2015. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2015/02/12/a-imposicao-do-seu-amor-livre-pra-mim-nao-e-novidade/>>. Acesso em: 23 abr. 2015.
- BADINTER, Elisabeth. **Émilie, Émilie: a ambição feminina no século XVIII**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- _____. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- _____. **Um é o outro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BARBOSA, Mônica. **Poliamor e relações livres: do amor à militância contra a monogamia compulsória**. Porto Alegre: Multifoco, 2015.

- BARKER, Meg. This is my partner and this is my partner's partner: Constructing a polyamorous identity in a monogamous world. **Journal of Constructivist Psychology**, n. 18, pp. 75-88, 2005. Disponível em: <<http://oro.open.ac.uk/17268/2/E147B8EB.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2017.
- BARKER, Meg.; LANGDRIDGE, Darren. Whatever happened to non-monogamies: Critical reflections on recent research and theory. **Sexualities**, 13, 748-772, 2010. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1363460710384645>>. Acesso em: 10 abr. 2017.
- BEAUVOIR, Simone. **El segundo sexo 25 años despues**: Entrevista con Simone de Beauvoir. Entrevista concedida a John Gerassi. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/142247972/Entrevista-el-segundo-sexo-25-anos-despues>>. Acesso em: 11 jul de 2017.
- _____. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BEIRA, Gabriella. Por que o poliamor e as relações livres podem ser privilégios para os homens? **Capitolina**, 15.11.2014. Disponível em: <<http://www.revistacapitolina.com.br/por-que-o-poliamor-e-relacoes-livres-podem-ser-privilegios-para-os-homens/>>. Acesso em: 23 jul. 2015.
- BIRULÉS, Fina *et al.* **El género de la memoria**. Pamplona: Pamiela, 1995.
- BRAIDOTI, Rosi. **Soggetto Nomade**: Feminismo e crisi della modernità. Roma: Donzelli Editore, 1995, p. 31.
- BRASIL. **Lei do Femicídio completa um ano com condenações ao assassinato de mulheres**. Mar. 2016. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/03/lei-do-femicidio-completa-um-ano-com-condenacoes-ao-assassinato-de-mulheres>>. Acesso em: 11 jul. 2017.
- _____. **Mulheres ainda têm baixa representatividade na política, diz especialista**. Jul. 2016. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/07/mulheres-ainda-tem-baixa-representatividade-na-politica-diz-especialista>>. Acesso em: 11 jul. 2017.
- BUSS, David. **La evolución del deseo. Estrategias del emparejamiento humano**. Madrid: Alianza Editorial, 1996.
- CAMPILLO ÁLVAREZ, José Enrique. **La cadera de Eva. El protagonismo de la mujer en la evolución de la especie humana**. Barcelona: Editorial Crítica, 2005. Coleção Ares y Mares.
- CAPELLARI, Marcos Alexandre. **O discurso da contracultura no Brasil: o underground através de Luiz Carlos Maciel (c. 1970)**. 2007. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CARDOSO, Daniel dos Santos. Poliamor, ou da dificuldade de parir um meme substantivo. **Revista on-line de Arte, Cultura e Tecnologia – Interact**. 2011. Disponível em: <<http://interact.com.pt/17/poliamor/>>. Acesso em: 24 abr. 2015
- _____. **Amando vários – Individualização, redes, ética e poliamor**. 2010. Dissertação de mestrado. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

- CARVALHO, Ligia Cristina. O cruzamento entre o Sagrado e o Profano na temática do Amor Cortês. **História e cultura**, v. 2, n. 3, pp. 442-462, 2014. Disponível em: <<https://ojs.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/1021/1067>>. Acesso em: 24 abr. 2015
- CASCAIS, António Fernando; CARDOSO, Daniel. ‘Loving many’: polyamorous love, gender and identity. **Gender and love: Interdisciplinary perspectives**, pp. 21-29, 2012.
- CASTILLO, Darcie Doll. El discurso amoroso como un modo de habitar el mundo: Agustini y Mistral. **Revista UNIVERSUM**, n. 16, pp. 57-65. 2001.
- CATRACA LIVRE. Site brasileiro conecta pessoas a fim de relações poliamorosas. 06/03/2016. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/geral/dica-digital/indicacao/site-brasileiro-conecta-pessoas-a-fim-de-relacoes-poliamorosas/>>. Acesso em: 18 de abril de 2017.
- COBO, Rosa. **Fundamentos del patriarcado moderno**: Jean Jacques Rousseau. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.
- CORIA, Clara. **El amor no es como nos contaron**:... ni como lo inventamos. Buenos Aires: Grupo Planeta (GBS), 2011.
- CORREIO BRASILIENSE. **Desemprego afeta mais mulheres do que homens no Brasil, segundo o IBGE**. Mar. 2017. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2017/03/01/internas_economia,577225/desemprego-afeta-mais-mulheres-do-que-homens-no-brasil.shtml>. Acesso em: 11 jul. 2017.
- COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. São Paulo: Rocco, 1999.
- COUTO, Celly. Por que é tão difícil praticar o “amor-livre”. **Café feminista**, 8 jul. 2013. Disponível em: <<https://cafefeminista.wordpress.com/2013/07/08/por-que-e-tao-dificil-praticar-o-amor/>>. Acesso em: 24 abr. 2015.
- DARWIN, Erasmus. **The Botanic Garden**: A Poem, in Two Parts. Part I. Containing the Economy of Vegetation. Part II. The Loves of the Plants.: With Philosophical Notes. T. & J. Swords, printers to the Faculty of Physic of Columbia College, 1798.
- DE MIGUEL, Álvarez, Ana. **Neoliberalismo sexual**: el mito de la libre elección. Madrid: Ediciones Cátedra 2015.
- DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta, 2011.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente**. Vol. 1. Porto: Afrontamento, 1990, pp. 141 a 179.
- EASTON, Dossie; HARDY, Janete W. **Ética promíscua**. Epulibre. 2009
- ESTEBAN, Mari Luz. **Crítica del pensamiento amoroso**: temas contemporáneos. Barcelona: Ediciones Bellaterra, 2011.
- _____. **El amor sustenta desigualdades sociales**. 2010. Disponível em: <<http://www.mujerpalabra.net/quienes/quienes.htm>>. Acesso em: 18 abr. 2017.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola; BARCELOS, Waldeia. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

- FERNANDA. Entrevista concedida pela moderadora do grupo “Poliafetividade” a Grazielle Campos da Silva, 2016.
- FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia. Amor e cortesia na literatura medieval. **Revista Notandum**, p. 2, 1999.
- FIRESTONE, Shulamith. **A dialética do sexo**: um estudo da revolução feminista. Coleção de Bolso, 1970 (publicação original: Nova York: Bantam).
- FLACSO (Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais). **Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil**. Nov. 2015. Disponível em: <<http://flacso.org.br/?p=13485>>. Acesso em: 11 jul. 2017.
- FRANÇA, Matheus Gonçalves. **Além de dois existem mais**: estudo antropológico sobre poliamor. 2016. Dissertação de mestrado em antropologia. Brasília: Universidade de Brasília.
- FRASER, Antonia; SILVA, Luiz Carlos do Nascimento. **As seis mulheres de Henrique VIII**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- FREIRE, Roberto. **Ame e dê vexame**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.
- FREIRE, Sandra Elisa de Assis. **Poliamor, uma forma não exclusiva de amar**: correlatos valorativos e afetivos. 2013. Tese de doutorado em psicologia social. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba.
- GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2015.
- _____. **As outras vozes**: memórias femininas em São Caetano do Sul. São Paulo: Hucitec, 1998.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Unesp, 1993.
- GOLDENBERG, Mirian. **Por que homens e mulheres traem?** Rio de Janeiro: Best Seller, 2011.
- GOLDMAN, Wendy. **Mulher, estado e revolução**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- HARDING, Sandra. ¿ Existe un método feminista? **Debates em torno a uma metodologia feminista**, México, DF: UNAM, p. 9-34, 1998.
- HEINLEIN, Robert A. **Um estranho numa terra estranha**. São Paulo: Círculo do Livro, 1961
- HERRERA, Coral. **La construcción sociocultural del amor romántico**. Madrid: Editorial Fundamentos, 2011.
- hooks, bell. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. (orgs.). **O livro da saúde das mulheres negras**: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2000, pp. 188-198.
- IBGE. **PNAD Contínua**: taxa de desocupação fica em 13,6% no trimestre encerrado em abril de 2017. Maio 2017. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/9990-pnad-continua-taxa-de-desocupacao-fica-em-13-6-no-trimestre-encerrado-em-abril-de-2017.html>>. Acesso em: 11 jul. 2017.
- ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

- IPEA. **Retrato das desigualdades: gênero e raça.** Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/retrato/creditos.html>>. Acesso em: 11 jul. 2017.
- JAFFE, Noemi. Pós-fácio. In: WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu.** São Paulo: Tordesilhas, 2014.
- JÓNASDÓTTIR, Anna. **El poder del amor. ¿Le importa el sexo a la democracia?** Madrid: Ediciones Cátedra, 1993.
- JUNO. Uma crítica às relações livres (RLI). **Incandescência**, 2014. Disponível em: <<http://incandescencia.org/2014/02/21/uma-critica-as-relacoes-livres-rli/>>. Acesso em: 24 abr. 2015.
- KLESSE, Christian. Notions of love in polyamory: elements in a discourse on multiple loving. **Laboratorium**, 3 (4-25), 2011. Disponível em: <<http://www.soclabo.org/index.php/laboratorium/article/view/250/588>>. Acesso em: 10 abr. 2017.
- KLESSE, Christian. Polyamory and its 'others': contesting the terms of non-monogamy. **Sexualities**, [S.l.], v. 9, n. 5, 2006, pp. 565-583. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1363460706069986>>. Acesso em: 10 abr. 2017.
- KOLLONTAI, Alejandra. **Autobiografía de una mujer emancipada.** Madrid: Horas y horas, 2015.
- _____. **Marxismo y revolución sexual.** Madrid: Castellote, 1976.
- _____. **A nova mulher e a moral sexual.** Rio de Janeiro: Laemert, 1968.
- LAGARDE, Marcela. **Memoria, claves feministas para la negociación del amor.** 2001.
- LANE, Silvia. Introdução. In: JACQUES, Maria da Graça Corrêa *et al.* **Psicologia social contemporânea: livro-texto.** Petrópolis: Vozes, 2013. Disponível em: <<http://pablo.deassis.net.br/wp-content/uploads/Psicologia-social-contemporanea-Maria-da-Graca-Correa-Jacques.pdf>>. Acesso em: 14 out 2017.
- LASCH, Christopher. Refúgio num mundo sem coração. **A família: santuário ou instituição sitiada?** São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- LAURA. Entrevista concedida a Grazielle Campos da Silva, 2016.
- LESSA, S. **Abaixo a família monogâmica!** São Paulo: Lukács, 2012.
- LINS, Regina Navarro. **A cama na varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo.** Rio de Janeiro: Best Seller, 2007.
- _____. A psicanalista bate na mesma tecla há mais de duas décadas: amor é uma coisa, sexo é outra. Entrevista concedida a Nina Lemos. **Revista Trip**, 17 set. 2012. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/tpm/regina-navarro-lins>>. Acesso em: 14 out. 2017.
- _____. **O livro do amor: Vol. 2: Do iluminismo à atualidade.** Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.
- LONZI, Carla. **Taci anzi parla. Diario di una femminista, vol I (1972-1973).** Milán: Et al Edizioni, 2010.
- LORDE, Audre. The master's tools will never dismantle the master's house. In: LEWIS, REINA; MILLS, Sara. **Feminist postcolonial theory.** London: Routledge Taylor & Francis Group, 2003.

- _____. **Sister outsider**. Freedom, CA: The Crossing Press, 1984.
- MACHADO, Sérgio. **Cidade baixa**. Produtores: Maurício Andrade Ramos e Walter Salles. Vídeo Filmes e Buena Onda, 2005. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kHU_9EjyiBk>. Acesso em: 19 jun. 2015.
- MACIEL, Luiz Carlos. **Anos 60**. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- MADALENA. Entrevista concedida a Grazielle Campos da Silva, 2016.
- MARTINENGO, Marirì. **Las trovadoras**: poetisas del amor cortés (textos provenzales con traducción castellana) Madrid: horas y HORAS, 1997.
- MARX, Karl. **O 18 brumário de Luiz Bonaparte**. Rio de Janeiro: Martin Claret, 2008.
- MAUÁ, Lucas. **Azul livre**. Produtor: Amanda Felício. São Paulo, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3Z9oPLVPEHc>>. Acesso em: 23 jun. de 2015.
- MILLETT, Kate. **Política sexual**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.
- O POPULAR. **Mulheres trabalham 7,5 horas a mais que homens devido à dupla jornada**. Mar. 2017. Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/editorias/economia/mulheres-trabalham-7-5-horas-a-mais-que-homens-devido-%C3%A0-dupla-jornada-1.1235903>>. Acesso em: 11 jul. 2017.
- O'NEILL, Nena.; O'NEILL, George. **Open marriage**. Nova York: M. Evans, 1972.
- OLIVAL, Nando. **Os três**. Produtores: Wellingtons Pingo e Claudia Buschêl. Teleimage, 2011.
- OLIVEIRA, Maria Aparecida Souza. Sujeição, costume e sentimento como manutenção da servidão feminina. Stuart Mill e A Sujeição das Mulheres. **Sapere Aude-Revista de Filosofia**, v. 4, n. 7, pp. 494-500, 2013. Disponível em: <periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/download/5564/5512> . Acesso em: 24 abr. 2017
- ONU-BR (Organização das Nações Unidas no Brasil). **Taxa de feminicídios no Brasil é quinta maior do mundo; diretrizes nacionais buscam solução**. Abr. 2016. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/onu-femicidio-brasil-quinto-maior-mundo-diretrizes-nacionais-buscam-solucao/>>. Acesso em: 11 jul. 2017
- PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post scriptum**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- PEREIRA, Michele. Prefácio. In: MARTINENGO, Marirì. **Las trovadoras**: poetisas del amor cortés (textos provenzales con traducción castellana). Madrid: horas y HORAS, 1997.
- PETRELLA, Serena. Ethical sluts and closet polyamorists: dissident eroticism, abject subjects and the normative cycle in self-help books on free love. In: CERVANTES-CARSON, Alejandro; RUMENS, Nick (eds.). **The sexual politics of desire and belonging**. Amsterdam: Rodopi, 2007.
- PILÃO, Antônio C. Entre a liberdade e a igualdade: princípios e impasses da ideologia poliamorista. **Cadernos Pagu**, n. 44, pp. 391-422, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332015000100391&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 10 dez. 2017.

- _____. **Poliamor: um estudo sobre conjugalidade, identidade e gênero.** 2012. Dissertação de mestrado em sociologia e antropologia. Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- _____. Reflexões sócio-antropológicas sobre poliamor e amor romântico. **Editor e Conselho Editorial**, p. 490, 2013.
- PISAN, Christine. **A cidade das mulheres.** Lisboa: Coisas de ler, 2007.
- PISCITELLI, Adriana. *et al.* **Olhares feministas.** Brasília: Ministério da Educação/ Unesco, 2007. Disponível em:
<http://www.inesul.edu.br/site/documentos/olhares_feministas.pdf#page=219>. Acesso em: 24 abr. 2017.
- PORTAL BRASIL. **Em 10 anos, taxa de divórcios cresce mais de 160% no país.** Nov. 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/11/em-10-anos-taxa-de-divorcios-cresce-mais-de-160-no-pais>>. Acesso em: 11 jul. 2017.
- _____. **Presença feminina aumenta no mercado formal de trabalho.** Mar. 2003. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2015/03/presenca-feminina-aumenta-no-mercado-formal-de-trabalho>>. Acesso em 11 jul. 2017.
- RAGO, Margareth. Adeus ao feminismo? Feminismo e (pós) modernidade no Brasil. **Cadernos AEL**, 2 (3/4), 2012. Disponível em:
<<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/viewFile/2612/2022>>. Acesso em: 25 abr. 2017.
- _____. Relações de gênero e classe operária no Brasil: 1890-1930. In: PISCITELLI, Adriana *et al.* **Olhares feministas.** Brasília: Ministério da Educação/Unesco, 2006.
- REDE DE RELAÇÕES LIVRES. **Essencial.** 2014. Disponível em:
<<https://rederelacoeslivres.wordpress.com/essencial/>>. Acesso em: 18 abr. de 2017.
- REVISTA PIAUÍ. Casamento a três – o cotidiano de mulheres que dividem a cama e a vida. **Revista Piauí**, n. 115, abr. 2016.
- RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica Bagoas. **Revista de estudos gays.** Universidade do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. v. 1, n. 1 jul.-dez. 2007. Natal: EDUFRN, 2007.
- ROSEMBERG, Fúlvia. Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo. In:
PISCITELLI, Adriana *et al.* **Olhares feministas.** Brasília: Ministério da Educação/ Unesco, 2007. Disponível em:
<http://www.inesul.edu.br/site/documentos/olhares_feministas.pdf#page=219>. Acesso em: 17 jul. 2017.
- ROUGEMOND, Denis de. **O amor e o ocidente.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio ou da educação.** Rio de Janeiro: RT Bertrand Brasil, 1995.
- RUBIN, Roger. Alternative lifestyles revisited, or whatever happened to swingers, group marriages, and communes? **Journal of Family**, n. 22, pp. 711-726, 2001. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/019251301022006003>>. Acesso em: 24 abr. 2017.
- SANCHES NETO, Miguel. **Um amor anarquista.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

- SANTIAGO, Rafael da Silva. **Poliamor e direito das famílias**: reconhecimento e consequências jurídicas. Curitiba/PR: Juruá, 2015.
- SANTOS, Luana Carola dos *et al.* Gênero, feminismo e psicologia social no Brasil: análise da revista *Psicologia & Sociedade* (1996-2010). **Psicologia & Sociedade**, v. 28, n. 3, pp. 589-603, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v28n3/1807-0310-psoc-28-03-00589.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2017
- SCHROEDTER, Thomas; VETTER, Christiane. **Polyamory. Eine Erinnerung** [Polyamory. A Memory]. Stuttgart: *Schmetterling Verlag*, 2010.
- SCOTT, Joan Wallach. **A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem**. Florianópolis: Mulheres, 2002.
- _____. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Nova York: Columbia University Press, 1990. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1840746/mod_resource/content/0/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em 11 jul. 2017.
- _____. A invisibilidade da experiência. **Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 16, 1998.
- SESC. **Cidadania em construção com Leandro Karnal e Paulo Celso**. SESC São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Uapnah5hNyc>>. Acesso em: 11 jul. 2017.
- SHOWALTER, Elaine. **Anarquia sexual: sexo e cultura no fim de siecle**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- SÔNIA. Entrevista concedida a Grazielle Campos da Silva, 2016.
- SONNET, Martine. Uma filha para educar. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**, v. 3, 1991, pp. 141-179.
- SPM (Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres). **A cada sete vereadores no Brasil, apenas uma é mulher**. Mar. 2016. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/4cnpn/noticias/a-cada-sete-vereadores-no-brasil-apenas-uma-e-mulher>>. Acesso em: 11 jul. 2017.
- SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- STREY, Marlene Neves. Gênero. In: JACQUES, Maria da Graça Corrêa *et al.* **Psicologia social contemporânea**: livro-texto. Petrópolis: Vozes, 2013.
- TOLEDO, Maria Thereza. Uma discussão sobre o ideal de amor romântico na contemporaneidade – do romantismo aos padrões da cultura de massa. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 2, n. 2, pp. 303-320, 2013. Disponível em: <<http://www.ppgmidiaecotidiano.uff.br/ojs/index.php/Midecot/article/viewFile/50/50>>. Acesso em: 24 abr. 2017.
- TSE. **Série Inclusão**: a conquista do voto feminino no Brasil. Abr. 2013. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2013/Abril/serie-inclusao-a-conquista-do-voto-feminino-no-brasil>>. Acesso em: 11 jul. 2017.
- VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, amor e desejo no ocidente cristão**. São Paulo: Ática, 1986.
- VALCÁRCEL, Amelia. **Sexo y filosofia**: sobre “mujer” y “poder”. Barcelona: Anthropos, 1994.

- VIDAPOLIAMOR (blog) . **Compersão**. Disponível em:
<<https://vidapoliamor.wordpress.com/compersao/>>. Acesso em: 18 abr. 2017.
- VITA, Júlia. Sobre aquela mesma coisa de sempre disfarçada de amor livre. **Versoando**, 2014. Disponível em: <<https://versoando.wordpress.com/2014/10/01/sobre-aquela-mesma-coisa-de-sempre-disfarcada-de-amor-livre/>>. Acesso em: 24 abr. 2015.
- WARD, Alfred Charles. **Illustrated History of English Literature**: Blake to Bernard Shaw. London: Longmans/Green, 1953.
- WEIMBAUN, Batya. **El curioso noviazgo entre feminismo y socialismo**. Madrid: Siglo XXI, 1984.
- WOLFE, Leanna Phyllis. **Jealousy and transformation in polyamorous relationships**. São Francisco, Califórnia, The Institute for Advanced Study of Human Sexuality, 2003 (dissertação de mestrado não publicada).
- WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos a senhora a participar da Pesquisa, “A vivência de mulheres em relações poliamoristas”, sob a responsabilidade da pesquisadora Grazielle Campos da Silva, RG, 29 014 529 -6, a qual pretende, analisar a inserção de mulheres em relações poliamoristas, buscando compreender suas por meio da caracterização das potencialidades, limites e contradições da vivência concreta e cotidiana do poliamor, tendo por base o debate feminista.

Sua participação é voluntária, e se dará por meio da realização de uma entrevista que terá como foco sua história de vida, ou seja, a narração de sua história reconstruindo os acontecimentos que considere significativos. A entrevista será gravada em gravador digital, para posterior transcrição e análise das informações. A escolha do local da entrevista ficará a seu critério. Com relação aos procedimentos em questão, pensamos ser a melhor forma de aproximarmos-nos das razões e dos sentidos que venha atribuir à adoção da prática não monogâmica, sobretudo poliamorista. Além disso, intentamos que sua participação possa contribuir com a inserção deste tema dentro do ambiente acadêmico e iluminar as questões acerca das mulheres nessas relações. A pesquisa não implica riscos.

Em qualquer etapa do estudo, para qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas ou reposicionamentos quanto a sua narrativa você terá a garantia de acesso e poderá entrar em contato com a pesquisadora pelo telefone (11) 97094- 8826. Em caso de dúvida sobre o caráter ético desta pesquisa, o contato poderá ser feito com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, situado no Campus Monte Alegre, andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, sala 63-C. Ministro Godói, n 969, Perdizes - SP, CEP: 05015-001 - Tel./FAX (11) 36708466 – E-mail cometicaopucsp.br

Se depois de consentir sua participação a senhora desistir de continuar participando, terá o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. A senhora não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração.

As informações obtidas serão analisadas na dissertação em conjunto com a história de vida de outras mulheres, não sendo divulgada a participação de nenhuma das participantes. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo.

Consentimento Pós Informação

Eu, _____, fui informada sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

Data: ___/___/___

Assinatura